

A Sé da Bahia.
Decima.
A nossa Sé da Bahia,
Com ser hum mappa de Bestas,
hé hum presépio de Bestas,
se nam for Estribaria:
varias Bestas cada dia
vejo, que o sino Congrega;
Caxeira multa Galega,
Deam burrinha bastarda,
Lenteira basta de albarda,
que tudo da Sé carrega!

FERNANDO DA ROCHA PERES
SILVIA LA REGINA

UM CÓDICE SETECENTISTA
INÉDITO DE GREGÓRIO DE
MATTOS

UM CÓDICE SETECENTISTA INÉDITO DE
GREGÓRIO DE MATTOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
Heonir Rocha
Vice-Reitor
Othon Jambeiro

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora
Flávia M. Garcia Rosa

Conselho Editorial

Ana Maria Fernandes
Aurino Ribeiro Filho
Eneida Leal Cunha
Inaiá Maria Moreira de Carvalho
José Crisóstomo de Souza
Sérgio Augusto Soares de Mattos

EDUFBA

Rua Augusto Viana, 37 - Canela

CEP: 40 110-060 - Salvador-BA

Tel/fax: (71)235-8991

edufba@ufba.br

Atendemos pelo reembolso postal

FERNANDO DA ROCHA PERES
SILVIA LA REGINA

UM CÓDICE SETECENTISTA INÉDITO DE
GREGÓRIO DE MATTOS



Salvador
2000

©2000 BY FERNANDO DA ROCHA PERES E SILVIA LA REGINA
DIREITOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA CEDIDOS À
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.
FEITO O DEPÓSITO LEGAL.

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
FOLHA DO MANUSCRITO SETECENTISTA(1762)
DE GREGÓRIO DE MATTOS

FICHA CATALOGRÁFICA
ELABORADA POR PERCIVAL SOUSA DE JESUS

Um Códice setecentista: inédito de Gregório de Mattos / organizado
por Fernando da Rocha Peres e Sílvia La Regina._ Salvador:
EDUFBA,
2000.
254p. : il. ; 23cm._ (coleção nordestina ; 12)

Co-edição com as Universidades de Pernambuco, Rio Grande do
Norte, Paraíba, Sergipe, Piauí, Ceará, Maranhão, Bahia e Acre.

1. Literatura I. Peres, Fernando da Rocha II. La Regina, Sílvia
III. Título.

CDD: 800
CDU: 091.1:82(81)

Dedico este trabalho a Luciana Stegagno Picchio, que me fez conhecer Gregório e a Vera Sales, com quem conheci a Bahia.

Silvia La Regina

Este livro é dedicado a Guita e José Mindlin, amigos de tantos anos.

Fernando da Rocha Peres

AGRADECIMENTOS

A José e Guita Mindlin, que generosamente nos emprestaram o código RBM, permitindo a realização deste trabalho.

A Cristiane Pellegrino, que colaborou na realização do glossário.

A Eríbo Albrino de Souza, pelas preciosas informações bibliográficas.

A Rosa Virgínia Mattos e Silva, a quem recorremos para bons conselhos.

Ao Centro de Estudos Baianos da UFBA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. GREGÓRIO DE MATTOS: UM DESENHO NO TEMPO
13

CRONOLOGIA
23

I
FORTUNA CRÍTICA GREGORIANA
27

II
OS CÓDICES DE GREGÓRIO DE MATTOS
33

III
DESCRIÇÃO DO CÓDICE
55

IV
CRITÉRIOS DE EDIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS
E ORTOGRÁFICAS DO CÓDICE **RBM**
59

V

ÍNDICE DOS POEMAS

63

VI

TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS

65

VII

GLOSSÁRIO

173

VIII

ÍNDICE ONOMÁSTICO

197

IX

ÍNDICE TOPONÍMICO

209

BIBLIOGRAFIA

219

ANEXO. POEMAS INÉDITOS

237

ABREVIÇÕES USADAS NO TEXTO

ABL	<i>Obras de Gregório de Matos</i> . dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933)
JA	Gregório de Matos. <i>Obra Poética</i> . Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio: Record, 1990
RBM	Códice inédito setecentista, definido assim por causa das iniciais dos dois proprietários mais recentes (Rubens Borba de Moraes e José Mindlin)

INTRODUÇÃO
GREGÓRIO DE MATTOS: UM DESENHO NO TEMPO

A PUBLICAÇÃO deste pequeno códice apógrafo de Gregório de Mattos e Guerra (nosso poeta *gentio*), com **inéditos**, que pertenceu e integrou à **Biblioteca de Rubens Borba de Moraes**, por mim visitada em Bragança, São Paulo, na década de 1980, e hoje faz parte, em legado, à importante **Biblioteca Mindlin** (Guita e José), dá-nos a oportunidade para reacentuar, em coleção interuniversitária e nordestina — com muita alegria fazemos parte deste espaço da cultura brasileira —, a vida do poeta e sua cronologia, assim como a possibilidade, em parceria com Silvia La Regina, hoje também especialista na obra do poeta, no conjunto deste livro, de acentuar certos aspectos sobre o códice e a necessidade da feitura de uma edição crítica do acervo gregoriano.

Há muitos anos estamos redesenhando a vida de um homem controverso, não só pela questão da autoria do seu *corpus poético*, mas também pelo levantamento sistemático e paciente de fontes primárias, seu uso e interpretação, sobre o poeta, em diversos arquivos, para a construção de um *puzzle* que nos permita fazer a sua biografia, metodologicamente escoreita, sem as fantasias e desinformações ocorrentes, inclusive desfocadas.

Neste sentido biográfico, já estamos instrumentados e asentados na escritura da vida de um poeta brasileiro do século XVII, com documentação de arquivos e bibliotecas de Portugal e Brasil, e do estrangeiro, pois desde a publicação, em 1983, do nosso livrinho *Gregório de Mattos e Guerra: uma revisão biográfica* (Salvador: Edições Macunaíma, 1983, 121 p.), que demos a lição do novo **retrato do satírico baiano**, pois como disse o saudoso amigo Antonio Houaiss, em prefácio ao título acima: “Em verdade, pode-se ter como certo que Fernando da Rocha Peres é quem mais longa, detenida e continuamente tem estudado a vida e indagado os apógrafos e edições de sua obra, sabendo lê-los como raro tem sido feita a sua leitura. O fato é que a pesquisa histórica em torno de Gregório já atingiu um inesperável grau de documentação, pois há duas décadas a documentabilidade de sua vida era algo de que não se esperava muito. E a Fernando da Rocha Peres se deve o principal a esse respeito.”

Depois desta citação, longa e transcrita sem modéstia, porém necessária, vamos, resumidamente, pontilhar a vida do poeta **GM** (que será assim referido de agora em diante), deixando a sua biografia — que só aguarda patrocínio, editor e quejandos — para outra oportunidade.

Vamos falar de um homem, também poeta, certamente o de maior expressão na língua portuguesa do século XVII, cuja documentação (fontes primárias de arquivo) tiveram que ser mariscadas, como ostras e pérolas escondidas.

Este será um desenho, não um retrato por inteiro, com sua circunstância, que buscará, basicamente e prelibadamente, apagar os rabiscos tendenciosos que fizeram do poeta, desde o século XIX até aos dias de hoje, tratando-o como “capadócio”, nacionalista *avant la lettre*, orixá, mulato e figurinhas que tais. A razão destes equívocos e besteiras é que os historiadores ficaram distantes do poeta, usando os seus versos, quando o fizeram, para ilustrar esta ou aquela passagem ou episódio dos seus capítulos coloniais.

Duas faturas biográficas existem antes da nossa “re-visão”: uma do século XVIII, de Manuel Pereira Rabelo, apensa a códices gregorianos e com variantes publicadas, carregada de imprecisões, falhas e também informações preciosas, fartamente usada pelos desinformados, com datações discrepantes e coisas tais; e a outra do historiador Pedro Calmon, *A Vida Espantosa de Gregório de Matos* (Rio, José Olympio, 1983, 220 p.), muito centrada nos poemas apógrafos de **GM**, como fontes subsidiárias, valiosa do ponto de vista da informação, onde somos referidos várias vezes, novamente sem modéstia acadêmica, mas com a generosidade do mestre.

Reescrever a vida de um personagem do século XVII não é tarefa fácil, a não ser que o escritor seja um romancista ou um historiador, um criador, que enverede pelas mentalidades, utilizando migalhas da mínima trajetória conhecida do sujeito, como faz, brilhantemente, o Carlo Ginzburg.

O caso de **GM** não é este, verdadeiramente, pois romaneá-lo, com desatenção, já foi feito (MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 331 p.), e tratá-lo metodologicamente, dando ênfase às mentalidades, seria descabido, pois, sobre o sujeito, conta-se um “inesperável grau de documentação” — e outras fontes que podem, ainda, ser localizadas — e um levantamento sistemático do entorno do poeta, sua presença na Bahia, Portugal, Angola e Recife.

Passemos ao resumo da vida do poeta, pois não queremos enfasiar o leitor com escrita fiada e teórica, com as citações documentais após cada passo importante da sua história natural e cultural.

Gregório de Mattos e Guerra, filho de Gregório de Mattos e Maria da Guerra (vide também nosso verbete na *Mirador*, 2ª edição ou reimpressão), nasceu na Bahia, cidade do Salvador, em 1636 (*Sumários Matrimoniais da Câmara Eclesiástica de Lisboa*, 1661, Maço 2, nº. 69, Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados), em regaço de poderosa e rica família, os **Mattos da Bahia**, como ele próprio refere-se em poema. Seu avô paterno, Pedro Gonçalves de Mattos, den-

tre outros misteres, foi arrematador de obras, fazendeiro, senhor de engenho, arrendatário de um dos elevadores da cidade (máquina para fazer subir e descer mercadorias), e, para mais que seja, familiar do **Santo Ofício da Inquisição na Bahia**, cargo ou prebenda, hoje exercido, mas, no século XVII, de enorme influência persecutória.

Sua avó, também Maria da Guerra, era proprietária de terras e escravos na Patatiba, região próxima a Santo Amaro da Purificação, no recôncavo da Bahia. Como pode-se ver, o nosso **GM**, desde o nascimento, esteve assentado nos lastros do poder colonial, chegando a ser, um seu primo, muito próximo da família, João de Mattos Aguiar, grande protetor e “provedor” da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, um dos homens mais ricos da capital do Brasil, Salvador, considerado por A. J. R. Russel-Wood (*Fidalgos e Filantropos, A Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: UNB, 1981, 383 p.) um “leviatã financeiro”.

O pai do poeta, para sairmos desta genealogia e posses e afazeres (remetemos o leitor para: PERES, Fernando da Rocha. *A Família Mattos na Bahia do Século XVII*. Salvador: CEB/UFBA, 1989, 62 p.), Gregório de Mattos foi um homem “bom e honrado”, que participou ativamente da vida da cidade, na sua administração, sendo membro do Senado da Câmara (*Atas e Cartas do Senado da Câmara*, com datações para o século XVII, Salvador, Prefeitura Municipal, vários volumes) e deu-lhe condições materiais, mais que satisfatórias, para estudar no Colégio dos Jesuítas, onde era difícil o ingresso, e de morar, com sua parentela nas cercanias do Terreiro de Jesus, muito próximos dos Inacianos, em “casas” cuja localização contestamos, mas certamente um sobrado bem situado e na área dos senhores.

Em 1642, aos seis anos de idade, **GM** já está sendo “mentalizado” pelos Jesuítas, preparando-se para o seu giro futuro: viagem a Portugal, em 1650, aos 14 anos, quando faz suficiência de ingresso para a Universidade de Coimbra, onde matricula-se no ano de 1652, com exame de Bacharel, em 1660, e formatura em Cânones (Direito Canônico), em 1661, fato este que lhe acrescenta um atributo ou nobi-

litação social a mais, além da terra, do dinheiro, da família influente, a educação.

Da sua estadia em Lisboa e curso em Coimbra não vamos falar neste texto, que tem de ser sucinto e, por isto mesmo, remeto o leitor para uma cronologia, ao final, e para o meu livrinho da “re-visão”, revelando aqui certos aspectos, neste artigo, que consideramos significativos para o **desenho** de **GM**.

Decide o poeta ficar em Lisboa — estamos convictos que **GM** detestava a Bahia, Salvador — para construir sua vida e carreira na Corte. Neste passo, casa, na metrópole, com a filha de um desembargador da importante família dos Saraiva de Carvalho, com raízes na magistratura, D. Michaela de Andrade (*Sumários Matrimoniais*, etc., 1661, Maço 2, nº. 69), cartada esta, de conveniência mútua ou não, que possibilita ao canonista, recém-formado, ingressar na judicatura.

Em 1662, logo no ano seguinte, o Bacharel, Licenciado, passa por um processo de *Habilitação de Genere*, para leitura de bacharel, que consistia em escuta de testemunhas, na Bahia e em Guimarães (cidade ao norte de Portugal, de onde vieram os parentes e ancestrais de **GM**), para que o(s) sujeito(s) fosse(m) nomeado(s), e que compunha, em linhas gerais, responder se o pretendente ao cargo de juiz, no caso, possuía sangue de “infecta nação” (judeu, mouro, negro, mestiço) ou descendia de “oficial mecânico”. Como **GM** era bem nascido, branco (e não mulato, como dizem), rico, de clã poderosa, todas as respostas foram pela negativa, acentuando os bons acertos da linhagem do pretendente à Mercê, que será dada por D. Afonso VI, filho do “Restaurador” D. João IV, em 1663, com a nomeação do poeta (já conhecido em Coimbra, por seu talento), para Juiz de Fora de Alcácer do Sal, vila hoje perto de Lisboa, onde chegou a ser Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

A vigência de **GM** junto ao poder é tão evidente — dizem os maleivosos que estamos “oficializando” ou destruindo (desconstruindo?) a sua imagem — que ele vai participar de duas Cortes (“assembléia” onde se reuniam procuradores das cidades e vilas, nobreza e

clero para proporem aos reis as leis que julgavam úteis ao Estado, votarem impostos e tomarem deliberações sobre assuntos de interesse público), representando a Bahia, na defesa dos interesses dos seus habitantes “bons e honrados”, com delegação, em 1668 (27 de janeiro, Lisboa) e 1674 (20 de janeiro, Lisboa), pois foi Procurador do Senado da Câmara, na capital do Reino, de 1672 a 1674. Nesta ocasião, **GM** teve a incumbência, já recusada pelas autoridades de Lisboa, de solicitar a criação de um Universidade na Bahia.

Antes, em 1671, **GM** estava no exercício de Juiz Civil (e de Órfãos), em Lisboa, o que prova a sua rápida ascensão para a Corte, colado ao poder, em oito anos de percurso, desde Alcácer. Convém lembrar, de passagem, que **GM** teve lugar, se não importante, mas de certo relevo, na destituição de D. Afonso VI e na subida do Regente D. Pedro II, o de lá, também filho de D. João IV, todos louvados pelo “sebastianista” Padre Antônio Vieira, pós-restauração do Reino de Portugal.

Em 1678, o importante Juiz **GM** (e Guerra), com sentenças publicadas em 1682, por E. Alvarez Pegas, autor do *Comentaria ad Ordinationis Regni Portugalliae*, ficará viúvo de D. Michaela, com quem não teve filhos, e começa a requerer uma “mercê ordinária” à Sua Alteza D. Pedro II, para ascender a um desembargo em Lisboa. Intento vão, por intrigas ou poema que escreveu contra certa personagem importante, o célebre Marinícolas. **GM** o que recebe por seus serviços e, agora, com a intermediação de D. Gaspar Barata de Mendonça, Arcebispo da Bahia — o primeiro, que nem sequer vem tomar posse do cargo, por “achaques” —, são duas importantes prebendas dadas pelo Rei, **Desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia**, em 1679, por ser canonista, e, para tal *munus*, teve que ser tonsurado, aceitar ordens menores, pois podia ser padre, devido à sua formação em Coimbra. Fica **GM**, depois desta “mercê”, aguardando a vinda de D. Gaspar Barata para a Bahia, o que não ocorre. Às pressas, três anos depois de nomeado para a Relação Eclesiástica, volta **GM** para a sua terra, Salvador, capital da Bahia, do Brasil, do Governo Geral, da Colônia,

do arcebispado, e toma posse como Desembargador do Eclesiástico, função importantíssima na hierarquia do braço da Igreja Católica, no século XVII, e mais a tarefa de **Tesoureiro-Mor da Sé**, igreja primacial do Brasil, cuja construção começou em 1552 e foi demolida em 1933 (PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: Edições Macunaíma/SCT, 1999, 255 p.)

Assentado nestes cargos ou mercês, **GM** aponta e apronta, dentro do “caldeirão baiano” (babel de língua, raças, sexo, corrupção, vícios, contrabando, agiotagem, escravidão, exploração, genocídios, religiosidade, cultos, etc.), desandando a sua sátira, contra tudo e todos (governador, militares, juizes, advogados, unhatés, negros, mulatos, índios, senhores de engenho, padres, freiras, toda a cidade e sua gente) e negando-se a receber ordens maiores e a vestir a batina, para ser do Desembargo, é destituído de ambas as funções, **Desembargador e Tesoureiro da Sé**, ocasião em que, acreditamos, escreveu o poema *A Nossa Sé da Bahia*, que está no códice **RBM**, agora publicado.

A partir deste novo salto, **GM** vai viver da advocacia e de rendas — apesar de alguns “curiosos” pretenderem que ele sobreviveu na quase miséria e assim morreu — e iniciará, com seus amigos poderosos, os Ravascos (sobrinhos do Padre Vieira) e outros (como pode ser visto no Índice Onomástico anexo), as suas andanças pelo Recôncavo baiano e cercanias da cidade, Rio Vermelho, por exemplo, quando brotaram deliciosos poemas, de atribuição a ser estudada, com passeios, farras, caçadas, cavalladas, etc.

Com data ainda imprecisa, mais ainda supomos nos anos 80 do século XVII, **GM** casará com Maria de Póvoas, mulher que dizem humilde e pobre. É deste período, estamos certos, que surge a galeria de mulatas do poeta (que o aceitam e o recusam), de negras, de brancas, de freiras, todas cantadas em versos amorosos, eróticos, escatológicos. Com Maria de Póvoas, **GM** tem um filho, chamado Gonçalo (PERES, *Os Filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador: CEB/UFBA, 1969, 10 p.), referido em poemas, o que facilita, de resto, a confirmação de autoria.

Tanto **GM** não era um “miserável”, pobretão, que é admitido como **Irmão da Santa Casa de Misericórdia da Bahia**, influentíssima instituição benemerente e protetora, e, nesta condição, pagará uma dívida, contraída em dinheiro, com a Santa Casa de Lisboa (1691-1692).

Não pensem que **GM** deixou de ser apontado, em segredo, à Inquisição, pois um desafeto, advogado, Promotor do Eclesiástico na Bahia, Antonio Rodrigues da Costa (vide Índice Onomástico), irá denunciá-lo como herege, “sem modo de cristão”, em 1685. O processo não teve curso longo, **GM** não foi preso, como tanto sofreu o Padre Vieira, acreditamos que devido ao seu “prestígio familiar”, com ligações inquisitoriais. Este fato está relatado em nosso texto *Gregório de Mattos e a Inquisição* (Salvador: CEB/UFBA, 1987, 52 p.).

As situações na vida de **GM** começam a complicar-se depois de sátiras que são feitas contra o Governador Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, Governador-geral do Brasil (1690-1694), a quem o poeta solicita uma mercê, não atendida, e, por este motivo, começa a imprecar, batendo na autoridade maior, denunciando-o como sodomita, que era, companheiro do Capitão Luiz Ferreira de Noronha, o chefe-da-guarda.

No códice **RBM** — assim pode ser chamado pois é um “códice” e não um livro publicado, como aparece agora na capa da recente reimpressão da meritória edição de James Amado — lemos um poema (vide Índice Onomástico) contra o “neto de uma tapuia, que manducava de cuia”, o Coutinho. Os seus filhos resolvem “matar **GM**”, o que acontecia de comum no século XVII, matar ou mandar, pelas razões que tinham em defender a “honrinha” do pai.

Nesta direção, as coisas se atropelam e os amigos de **GM**, que os tinha e muitos, e seus familiares, resolvem mandar — alguns falam em “degredo”, com o que não concordamos — ou embarcar o poeta numa charrua, com os cavalos do rei, que estava no porto da Baía em demanda de Angola, tudo com a conivência do seu amigo D. João de Alencastro, Governador, cuja lenda diz que mandou entesourar, com

livro público, em Palácio, a obra do poeta conhecida pelos letrados. Este códice nunca foi localizado ou não existiu.

Lá, em Angola, naquele purgatório, “terra de pretos”, como diz o poeta, revelando assim, e em outras situações, o seu lado preconceituoso (que me perdoem os angolanos e os amantes de um **GM** “politicamente correto”) vem à tona, não só na Bahia, onde habitava a “canalha infernal”, mas em outra possessão portuguesa, na África, de onde chegavam os escravos para os engenhos da Bahia e do nordeste.

Em Luanda, na capital de Angola, **GM** envolve-se, espertamente, em rebelião de militares, em 1694, no mesmo ano da sua aportada, sendo governador Henrique Jacques de Magalhães, ocorrida a revoltação por mudança de padrão monetário — moeda da terra, **zimbo**, por moeda portuguesa, **cobre** —, o que diminuirá o soldo da tropa.

Aí, neste momento, revela-se uma faceta de **GM**, que, inclusive, escreveu um poema sobre o episódio castrense; ao aproximar-se dos militares para orientá-los, tinha a intenção de traí-los, entregá-los, como faz, com a execução dos líderes do movimento, em troca do seu retorno ao Brasil, não à Bahia (lugar perigoso para a sua integridade física e interdito), mas para Recife, onde morre, em 1695, de uma febre contraída na África e fica enterrado no Hospício de Nossa Senhora da Penha.

Em homenagem à Rubens Borba de Moraes, modernista de 1922, bibliófilo, conhecedor e estudioso de uma bibliografia brasileira, que a tem publicada, em dois volumes (MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia Brasiliana*. USA/UCLA, Rio: Kosmos, 2 v., 1983, editada como “...a generous gift by the author’s devoted friend and fellow bibliophile”, que é José Mindlin), nesta edição do manuscrito apógrafo inédito aparece o seu *ex-libris* e também poemas inéditos, existentes no códice e não constantes nas edições da Academia Brasileira de Letras e na edição James Amado.

Assim termino, meio apressada e sinteticamente, a vida contada e documentada de **GM**, sem os delírios de praxe e os

ataques contra os trabalhos acadêmicos, universitários. A nossa (sua) biografia está no forno e, quem sabe, aproveitando esta onda de biografismo, nós, que somos do ramo da História, possamos dizer aos literatos, aqueles que só consideram a obra — os teóricos da literatura — que a biografia é um gênero de longa datação e que autor e obra são, queiram ou não, indissociáveis. Claro que posso ler **GM** sem me interessar em saber sobre sua “vidinha”, mas quanto mais souber, melhor para a compreensão da obra e do sujeito criador.

A **fortuna** da poesia de **GM**, que ficou guardada em códices, a sua grande maioria do século XVIII, feitos por copistas (por isto mesmo obra apógrafa não autógrafa) é muito copiosa. A sua fortuna crítica é grande, com Araripe Jr., que publicou o primeiro livro alentado sobre o poeta, até Haroldo de Campos, que escreveu *O Seqüestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Mattos*, Salvador, FCJA, 1989, 125 p., obra de enorme valor para resituar **GM** em nossa literatura. A remissão aos códices aparece nesta edição de **RBM**, assim como uma alentada e oportuna e, quem sabe, lacunosa bibliografia.

Damos por finda nossa tarefa, às vésperas do entrudo baiano, partindo para Portugal, neste fevereiro de 2000, para ficar longe dos “emascarados”, como disse o nosso **GM**, para futucar um pouco os arquivos e rever os amigos, longe das carnestolendas, de um país pouco centrado, onde os investimentos na cultura e na educação são irrisórios. Agora mesmo, quanto estão gastando com este “eventão” atribulado, turístico e comemorativo dos 500 anos do Brasil? Se **GM** estivesse vivo a resposta seria dada, com certeza.

FERNANDO DA ROCHA PERES*

* Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia

CRONOLOGIA DO POETA GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA

- 1636** – Nascimento na Bahia
- 1642** – Estudos com os Jesuítas na Bahia
- 1650** – Viagem para Portugal
- 1652** – Matrícula na Universidade de Coimbra
- 1660** – Exame de Bacharel na Universidade de Coimbra
- 1661**– Formatura em *Cânones* na Universidade de Coimbra
Casamento em Lisboa
- 1662** – Habilitação (*de genere*) para leitura de Bacharel
- 1663** – Nomeação para Juiz de Fora de Alcácer do Sal – D. Afonso VI
- 1665/1666** – Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Alcácer do Sal
- 1668** – Representante da Bahia, nas “Cortes”, Lisboa, 27 de janeiro
- 1671/1672** – Juiz de Órfãos e Juiz do Cível, em Lisboa
- 1672** – Procurador da Bahia (Senado da Câmara), em Lisboa

- 1674** – Representante da Bahia, nas “Cortes”, Lisboa, 20 e janeiro
Destituição da Procuradoria
Batismo de uma filha natural, em Lisboa
- 1678**– Viuvez em Lisboa
- 1679**– Nomeação para Desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia
- 1681**– Clérigo tonsurado: ordens menores
- 1682**– Sentenças publicadas em E. Alvarez Pegas
- 1682/1683** – Volta ao Brasil / Bahia
- 1682**– Desembargador da Relação Eclesiástica e Tesoureiro-Mor da Sé baiana
- 1684**– Destituição da Prebenda de Desembargador e Tesoureiro-Mor da Sé
- 1685**– Denunciado ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa / Inquisição
- 168(?)** – Casamento na Bahia
- 1691**– Admissão como Irmão da Santa Casa de Misericórdia da Bahia
- 1692** – Pagamento de uma dívida em dinheiro à Santa Casa de Lisboa
- 1694**– Viagem (exílio?) para Angola
Envolvimento em rebelião de militares em Angola
- 1695**– Volta ao Brasil / Recife
Morte em Recife

Este trabalho foi concebido de forma unitária e é produto da estreita colaboração entre os dois autores. Mais especificamente, FRP escreveu a introdução, a cronologia e os capítulos 7, 8 e 9; SLR escreveu os capítulos 1, 2, 3, 4 e organizou os capítulos 5, 6 e 10.

I

FORTUNA CRÍTICA GREGORIANA

Silvia La Regina

AINDA que tenham transcorrido quase 150 anos depois da morte de Gregório de Mattos para que alguns poucos poemas a ele atribuídos fossem publicados pela primeira vez¹, isto não significa que as obras do grande escritor barroco não fossem conhecidas, tanto no Brasil como em Portugal. A prova disso é o grande número de códices manuscritos de poemas gregorianos, copiados em Portugal e no Brasil a partir do final do século XVII, infelizmente todos apógrafos (cf. o cap.2). Além disso, o poeta gozava de uma fama notável, como atesta o fato de terem lhe sido atribuídos ao longo do tempo muitos poemas evidentemente alheios (assim como aconteceu com a obra de Quevedo) e como atestam também as referências à sua obra contidas nos autores contemporâneos ou do século seguinte² e a própria *Vida* escrita pelo licenciado Rabelo, conservada em diferentes versões manuscritas. A não publicação (em Portugal, já que no Brasil ainda vigorava a proibição de imprimir) dependeria então de outros fatores, sobretudo, é de se imaginar, a censura metropolitana.

A partir de 1831, porém, inicialmente de forma tímida (devido principalmente ao rígido moralismo do século XIX, aliado à ingenui-

dade crítica de quem interpretava *tópoi* narrativos e retóricos como biografia real), sucessivamente com publicações cada vez mais amplas e bem cuidadas, a obra atribuída a Gregório foi sendo publicada. Devemos lembrar antes de tudo o *Florilégio* do Varnhagen e a edição de Vale Cabral, que seria das obras completas e só foi interrompida por causa da morte do estudioso³. A primeira edição completa (ABL) só chegou no nosso século, graças ao esforço decenal de Afrânio Peixoto; ainda que com graves lacunas a nível exegético, e com a censura dos poemas ditos “pornográficos”, os seis volumes da edição de Afrânio Peixoto (cada um contendo um ensaio crítico de estudiosos como Pedro Calmon, Xavier Marques e outros) pela primeira vez restituíram uma imagem mais complexa e multifacetada do primeiro grande poeta da literatura brasileira.

Em época mais recente, a edição em sete volumes realizada por James Amado em 1968 (JA, republicada em dois volumes em 1991) finalmente apresentou toda a obra conhecida como gregoriana, sem censuras nem cortes. Ainda assim esta também não é, nem nunca quis ser, uma edição crítica, e por suas falhas textuais acaba permanecendo num nível de alta e utilíssima divulgação.

De qualquer forma, hoje em dia são disponíveis inúmeras antologias da obra gregoriana, das quais merece citação pelo menos a de Wisnik⁴.

Cabe ainda notar como as obras do poeta estejam conhecendo traduções para as línguas mais variadas, como o alemão, o francês, o italiano, o tcheco, o chinês.

São muitíssimos os filões da crítica gregoriana, que merece ela própria um estudo aprofundado, o qual consequentemente deverá ser realizado em outra oportunidade. Importa aqui lembrar pelo menos a assim dita “questão gregoriana”, a questão do plágio, a biografia do poeta.

Os numerosos estudiosos que se debruçaram sobre a obra de Gregório nos últimos 150 anos podem ser divididos em dois grandes grupos: os que, com maior ou menor entusiasmo, consideram válida a

obra do poeta e os que a consideram inferior à sua fama, desprovida de originalidade. Dentro destes grupos obviamente as posições são bastante diversificadas, mas ainda é patente a nítida divisão entre críticos pró e contra Gregório. Pode-se dizer que tenha havido uma verdadeira “*querelle* Gregório de Mattos”, que Spina chamou de “questão gregoriana”⁵, que empenhou inteiras gerações de críticos e muitas vezes representou para eles uma verdadeira pedra de toque, sobre aquele foi considerado por alguns “um artista extraordinário [...] precursor da literatura nacional, e [por outros] um garatujador de meia-tinta, um semi-sátiro, um burlesco, um pícaro, que não passou de um servil imitador de poesias espanholas”⁶.

Hoje em dia de qualquer forma a facção contra-Gregório reduziu-se muito e perdeu boa parte da acrimônia que muitas vezes a caracterizara; as eventuais polêmicas concernem aspectos da obra gregoriana, já que ninguém mais questiona seu valor *tout court*.

Recentemente a crítica sobre o poeta baiano tem-se orientado sobre novas temáticas, seguindo orientações diferentes das tradicionais.

Entre os principais críticos favoráveis a Gregório podemos incluir Araripe Júnior (ainda que com muitos questionamentos morais), Oliveira Lima, Sílvio Romero, Ronald de Carvalho, Pedro Calmon, Segismundo Spina. No outro grupo, Varnhagen, José Veríssimo, João Ribeiro, Sílvio Júlio, Paulo Rónai.

A questão que mais suscitou debates foi sem dúvida a do plágio, que criou infinitas e demoradas polêmicas. Alguns críticos negavam a Gregório qualquer originalidade, e só viam nele um plagiário, um copista de obras alheias, um artesão especializado no roubo da palavra poética dos outros (principalmente Góngora e Quevedo), incapaz de criações autônomas e independentes. Entre eles, podemos colocar o Varnhagen, Sílvio Júlio, Paulo Rónai, José Ares Montes⁷.

Defendem o poeta, entre outros, Spina, Wilson Martins, Augusto e Haroldo de Campos e João Carlos Teixeira Gomes⁸. Os dois últimos comprovaram, por vias diferentes, como Gregório, longe de ser

um banal imitador de obras alheias, se inserisse perfeitamente na cultura e no gosto barroco, numa linha de tradição criativa que vinha desde a antigüidade clássica e na qual o verdadeiro artista atuava num rebuscado processo de intertextualidade e recriação, ou também processo antropofágico *ante litteram*.

No que diz respeito à questão da linguagem gregoriana, o melhor autor ainda hoje é Spina, com vários ensaios⁹. Spina analisa cuidadosamente os vários recursos utilizados por Gregório, tanto do ponto de vista da retórica como do emprego de vocábulos *tupi* e africanos.

A questão da biografia de Gregório tem sido bastante complexa. Se por um lado os críticos costumavam ler a *Vida* de Rabelo como uma verdadeira biografia e não como uma biografia romanceada e repleta de *tópoi*, pelo outro muitos construíram uma biografia a partir dos poemas e, pior, dos títulos ou didascálias que os acompanham, num processo que bem exemplifica aquilo que foi chamado de “autoschediasma”: inventar a vida a partir dos poemas¹⁰. Conseqüentemente Gregório tem sido visto como um sátiro, um boêmio, um pecador arrependido e muito mais, e foi dada à sua poesia uma divisão cronológica na base da suposta biografia. Hoje em dia porém, depois dos estudos de Pedro Calmon¹¹ (este todavia às vezes não alheio a alguns *autoschediasmi*) e Fernando da Rocha Peres¹² dispomos de uma biografia bem documentada e baseada em documentos históricos.

NOTAS

1 In Januário da Cunha BARBOSA. *Parnaso Brasileiro*, ou coleção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas 2 vols. Rio: Typ. Imperial e Nacional 1829-1831 II, p.53-61.

2 Cfr. Sílvia LA REGINA. A recepção de Gregório de Matos no século XVIII. *Merope* 8 (V) Gennaio 1993. p.45-57.

3 F.A. de VARNHAGEN. *Florilégio da poesia brasileira* ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histó-

rico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio: Publicações da Academia Brasileira, 1946 (1 ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853). I, p.69-173 e III, p.310. *Obras Poéticas de Gregório de Matos Guerra*, precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Ed. Alfredo Vale CABRAL. vol.I - *Sátiras*. Rio: Tip.Nacional, 1882.

4 Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*. Seleção, introdução e notas de José Miguel WISNIK. São Paulo: Cultrix, 1976.

5 Segismundo SPINA. Gregório de Matos. *A literatura no Brasil*. Dir. A.Coutinho. 3 vols. Rio: Editorial Sul Americana, 1955, I, 1, págs. 363-376: p.364.

6 Id. *Gregório de Matos*. São Paulo: Assunção, 1946 (há uma nova edição de 1995). págs.16-17.

7 Sílvio JULIO. Gregório de Matos e Quevedo. *Penhascos*. Rio: Coelho Branco, 1933. p.245-259. Os plágios de Gregório de Matos Guerra. *Reações na literatura brasileira*. Rio: H.Antunes 1938. p.102-137. *Fundamentos da poesia brasileira*. Rio: Coelho Branco, 1930. p.70-72. Da influência de Gôngora nos poetas brasileiros do século XVII” *Estudos de História da América*, México, Inst Geografia e História 1948, pp.309-343. Paulo RÔNAL. Um enigma da nossa história literária: Gregório de Matos. *Revista do Livro*, vol.I, n.3-4, 1956. p.55-66. José Ares MONTES. *Gôngora y la poesia portuguesa del siglo XVII*. Madrid: Gredos, 1956. p.110; 340-41.

8 Augusto de CAMPOS. Da América que existe: Gregório de Matos. In *Poesia Antipoesia, Antropofagia*. SP: Cortez & Moraes 1978. Reimpresso in GM. *Obra Poética*.. Ed. J.Amado, 1990. p. 1292-1305. Arte final para Gregório. *O anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.85-93. (antes em *Antiantologia da poesia baiana*. Salvador: GFM - Propeg, 1974). Haroldo de CAMPOS. A poesia barroca e a realidade nacional. *Tendência* n.4, 1962. Texto e história (1967). *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.13-22. Poética sincrônica. *A arte no horizonte do provável*. SP: Perspectiva 1969. Publicado anteriormente em *Correio da Manha*, Rio: 22.10.1967. *O seqüestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989. Wilson MARTINS. O caso Gregório de Matos. *História da inteligência brasileira*. 7 vols. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976. I, p.225-233. João Carlos Teixeira. GOMES. *Gregório de Matos, o Boca de Brasa*.. Um estudo de plágio e criação intertextual. Petrópolis: Vozes 1985.

9 SPINA. *Gregório de Matos*. cit. Gregório de Matos. in *A literatura no Brasil*. cit A língua literária no período colonial: o padrão português. Gregório de Matos. São Paulo, *Revista do IEB da USP* (22), 1980. p.61-75. Monografia do Marinícolas *Revista Brasileira*. Rio, ABL, VI, 17, jun/set 1946. p.89-99. Gregório de Matos. *Da Idade Média e outras idades*. São Paulo: 1964. p.165-75.

10 Cf. sobre este assunto Luciana STEGAGNO PICCHIO. Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane. *Quaderni Portoghesi* 7-8 (1980), p.21-111, nas p.44-45.

11 Pedro CALMON. A vida espantosa de Gregório de Matos. In ABL. vol.VI (*Ultima*), 1933, pp.23-58. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio: José Olympio / Brasília: INL, 1983.

12 Fernando da Rocha PERES. Negros e mulatos em Gregório de Mattos. *Afro-Asia*, ns.4-5, Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA: Salvador 1967, pp.59-75. Gregório de Mattos Guerra em Angola. *Afro-Asia*, ns.6-7, CEAU da UFBA: Salvador, 1968. pp.17-40. Gregório de Mattos Guerra: seu primeiro casamento. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, n.1, Salvador, 1968, págs.135-142. Documentos para uma biografia de Gregório de Mattos Guerra. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA n.2. Salvador

1969. p.53-65. *Os filhos de Gregório de Mattos Guerra*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1969.
Gregório de Mattos Guerra - uma re-visão biográfica. Salvador: Macunaima, 1983. Quem pediu a
benção a Gregório de Matos? *Revista do Brasil* n.3, Governo do Estado do Rio, Rio, 1985, pp.4-11.
Gregório de Mattos e a Inquisição. Salvador: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 1987. *A família
Mattos na Bahia do século XVII*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 1988.

II

OS CÓDICES DE GREGÓRIO DE MATTOS

Silvia La Regina

A QUESTÃO TEXTUAL DE GREGÓRIO DE MATTOS

ATÉ 1831, quando Januário da Cunha Barbosa incluiu em seu *Parnaso Brasileiro*¹ oito poemas de Gregório de Mattos, não fora publicada nenhuma composição do poeta, e a inteira obra a ele atribuída ficara, na maioria das vezes desconhecida, nos vários códices conservados em coleções particulares. Aquela primeira e parcial publicação foi intencionalmente de dimensões diminutas, porque Barbosa argumentava que, apesar de que os poemas de Gregório estivessem “manuscriptos em seis grossos volumes de quarto, alguns dos quaes possuímos”, era “tal a sua desenvoltura, que não convem dar-se à luz pública (...)”².

Após esta, seguiram-se outras publicações, enquanto diminuía gradativamente a censura das obras e aumentavam os poemas considerados publicáveis, até se chegar, em 1968, à edição realizada por James Amado. Esta pode ser considerada um *corpus* de uma escola poética, já que inclui todos os poemas atribuídos a Gregório em um determinado códice (aquele que aqui foi denominado AC), sem ne-

nhuma exclusão, nem mesmo de textos que pertencem reconhecida-mente a outros autores.

A obra do poeta assim continua apresentando aos estudiosos uma questão de fundamental importância, a da atribuição.

O extenso *corpus* gregoriano ainda não mereceu uma edição crítica que possa restabelecer o texto de forma filologicamente correta. João Carlos Teixeira Gomes bem definiu as duas edições ABL e JA “precárias e insatisfatórias, fruto bem mais do esforço pioneiro dos seus organizadores do que de qualquer critério científico de crítica textual³”.

E Antônio Houaiss, num texto publicado na segunda edição de JA, escreveu que

A tradição de Gregório de Matos sofre uma eiva fundamental: seu texto impresso ou é parcial, ou é fundado sobre um só ramo, ou deriva de colação imperfeita, ou foi estabelecido com quase total ausência de critério filológico e ecdótico - ou é oriundo do concurso daquelas imperfeições⁴.

Ainda assim, mesmo considerando esta situação, no mínimo catastrófica do ponto de vista exegético, não parece o caso de tranquilamente hipotizar a inexistência a nível literário de Gregório, como se o dele tivesse sido simplesmente um nome catalisador de um caótico universo poético mais ou menos contemporâneo, como fez Wilson Martins, que viu em Gregório “[...] uma espécie de costelação de poetas, em que os anônimos e desconhecidos se dissolvem na figura do epônimo [...] para formar esse grande e imaginário poeta brasileiro do século XVII”⁵: em suma, um Homero tropical.

Parece razoavelmente óbvio que, se os copistas, desde o século XVIII, atribuíram a Gregório os numerosíssimos poemas presentes nos códices, assim como evidentemente isto não comprova que os poemas sejam realmente de sua autoria, ao mesmo tempo demonstra como a fama do poeta tenha sempre sido grande e capaz de induzir os

compiladores dos apógrafos a creditar-lhe boa parte dos poemas de caráter satírico, principalmente, mas também lírico, religioso e encomiástico.

Com relação à seríssima questão da atribuição das obras ditas gregorianas, gostaria de introduzir aqui a respeito da obra de Gregório aquela noção de *mouvance*, ou movência, criada por Paul Zumthor⁶ e sucessivamente aplicada não só à poesia medieval⁷ como também ao *corpus* de sonetos camonianos⁸. E é esta última análise a que nos interessa mais, pois demonstra como um modelo pensado para textos da idade média seja perfeitamente funcional quando aplicado a obras de séculos mais próximos do nosso. Especificamente, no caso de Gregório, podemos observar como aquele movimento incessante do qual escreve Zumthor (“le texte bouge”)⁹ tenha acontecido em várias etapas: a primeira no momento da criação em si, influenciada por numerosos fatores – a ocasião, a memória involuntária, a citação intencional - que levaram o autor a utilizar um repertório por assim dizer comunitário; e eventualmente reelaborar, em seguida, para uma outra ocasião, material anterior e já composto. Novamente seguindo Zumthor, podemos aqui falar mais de “variations” do que de variantes; termo que, ao mesmo tempo em que remete para o âmbito musical, dá democraticamente a todas estas “variações” estatuto de igualdade, sem conotá-las negativamente (“erros”) como costuma-se fazer com as variantes. Os copistas sucessivamente devem ter realizado operações parecidas, ao recolher textos de circulação só oral, ou dos quais existiam diferentes versões do mesmo autor, ou reelaborações alheias, naquela circularidade da qual falava-se acima. Por fim, no que diz respeito à atribuição, verificou-se uma atração centrípeta na direção do nome que se destacava entre os poetas a ele contemporâneos¹⁰.

De toda forma, é importantíssima a existência da biografia de Gregório escrita pelo Licenciado Manuel Pereira Rabelo: independentemente da confiabilidade dos fatos contados, vale o fato de ser a única biografia conhecida, como escreveu José Veríssimo, de um “au-

tor colonial”¹¹ brasileiro; além do mais existem oito versões manuscritas (sete em códices do século XVIII) do texto de Rabelo¹².

Assim, é razoável acreditar que o poeta Gregório tivesse uma posição de proeminência pelo menos na pátria, se não na metrópole.

OS CÓDICES

O *corpus* de Gregório de Mattos encontra-se espalhado em numerosos códices, todos apógrafos: são conhecidos 23 códices apógrafos setecentistas em 34 volumes, 2 códices copiados no século passado e uma cópia de meados deste século; isto sem levar em conta os 44 códices do tipo cancionero que contêm uma ou outra composição de Gregório.

RELAÇÃO DOS CÓDICES GREGORIANOS ¹³

BRASIL

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)

BNRJ 50,56 *Vida, e morte do Doutor Gregorio de Mattos Guerra. I tomo. De obras Sacras, e Divinas. I e II PART.* XVIII século. Em duas cores, títulos iniciais e desenhos em vermelho. 200x150 mm. 215 págs. das quais as 172-215 contêm poemas religiosos de Eusébio de Mattos, irmão de Gregório. No catálogo da BNRJ, *Pergaminhos iluminados e documentos preciosos*, consta no n. 111. No começo (1-57) “Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra. Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello”. No final, declarações e assinatura e sucessivos donos do códice no século XVIII; entre eles Antônio da Rocha Pita. Da Col.Teresa Cristina Maria. Escrito na grafia de V/alle/C/abral: “Pertence a Sua Magestade o Imperador”. Afrânio Peixoto o chama *Códice Inocência-Pedro II I*; James Amado, *Códice Imperador* (H). Amado supõe, acatando a opinião de Afrânio Peixoto, que este códice e o **BNRJ 50,57A** tenham sido adquiridos após o espólio da biblioteca de Inocência Francisco da Silva, o autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859.

BNRJ50,57 (sem folha de rosto). Começa com uma *Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra* (p.1-42). Segunda metade do XIX século. Caderno de folhas pautadas. 374 pp., sem índice. 27 x 19 cm. Anotações a lápis de Valle Cabral. A *Vida* ocupa as primeiras 42 páginas; as outras, numeradas de 43 a 374, contêm poemas de Gregório de Mattos. Bibl.Nac. I-3.1 - n.º44 e cod. DCCLXIII/25-67. Col. Carvalho, *Cat. Exp. Hist. do Brasil* n. 15674. Este códice foi examinado por Afrânio Peixoto, que o denominou *Códice Valle Cabral*; por James Amado, que o define o *Códice Carvalho* (T).

BNRJ50,57A *Doutor Gregorio de Mattos Guerra*. Segundo volume do **BNRJ50,56**. Em duas cores. Títulos em vermelho. Numerosos desenhos. Com anotação do proprietário: “Do Cappitam Mór Jozê Rodrigues LIMA”. 203x152 mm. 363 pp. e 9 de índice (no final). Adquirido pela B.N. nel 1939. Reg. B.N.S., mas.39/1948. *Cat. Exp. Pergaminhos Iluminados e Docs. Preciosos n.º112*. Para James Amado é o “códice Capitão Mor” (J)

BNRJ50,58 *Poesias*. Século XVIII. 438 páginas e índice (a numeração passa de 199 a 300). 220x155 mm. Para James Amado é o códice “de Carvalho 1” (M).

BNRJ50,58A *Poesias* Século XVIII. 220x155 mm. 416 páginas e índice. Segundo volume do anterior. Carimbo: “Adolpho Soares Cardoso - Porto” e nota: “Offerecido por meu am.º m Vasco de Castro. Porto - maio de 1891.” Reg. BN 323 139-140/1961. *Cat.Exp. Pergaminhos e Docs.Preciosos* n.116. James Amado o chama *Códice do Conde* e diz que integrava a biblioteca do Conde Vasco de Castro, em Petrópolis, biblioteca que em 1961, após várias mudanças de dono, foi vendida à Biblioteca Nacional pela Livraria São José. Poucas páginas depois, porém, Amado (gerando uma certa confusão no leitor) define o códice com o nome de “de Carvalho 2” (N).

BNRJ50,59 *Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra*. Grafia do XVIII século. 447 páginas e índices. 204 x 145 mm. Antes do texto poético há a *Vida* de Rabelo, que ocupa as págs.1-79. Este volume pertenceu a Afrânio Peixoto, que o doou à Biblioteca Nacional em 1933. É o primeiro de dois volumes que chegaram à Biblioteca Nacional por vias diversas. *Cat.Exp.Pergaminhos e Docs.Preciosos* n.117, vol.I. Para James Amado, códice “Afrânio Peixoto, 1” (D)

BNRJ50,59A *Poesias*. Século XVIII. 204x135 mm. f.187 É o segundo volume do códice anterior, copiado pela mesma mão. Na primeira página escrito a lápis “de Carvalho”. O códice não está em boas condições e até p. 35 está praticamente ilegível. Afrânio Peixoto não o consultou; Amado o chama *Códice n.59* (F). *Cat. Exp.Pergaminhos e Docs.Preciosos* n.117, vol.II.

BNRJ50,60 *Poezias do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*. Grafia do XVIII século. Muitas mãos, inicialmente muito ordenado e legível, depois muito confuso. Índice antes dos textos (6 págs.). 247 folhas. 205 x 155 mm. Acima do título foi colado um brasão. Duas anotações na folha 1 v: “C.Castello M.” e “Foi da Livraria de Pera. e Sza.” Com letra diferente: “(Inéditas)”. Comprado pela Biblioteca Nacional em 1960. Registro BN 337696 e /1963. Na última folha, a lápis, “Camillo int.”. *Cat.Exp.Pergaminhos e Docs. Preciosos*, n.114. Amado o chama *Códice Camilo Castelo Branco* (L) e deplora sua imprecisão.

BNRJ50,61 *As obras poéticas do D^or Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras sacras, jocosarias, e satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 2º Babia anno de 1775*. 204x147 mm. 456 páginas (228 fogli r e v), sem índice. Da p.113 a p.126 poemas atribuídos pelo copista a Eusébio de Mattos. É um dos pouquíssimos códices datados. Anotação a lápis: “Pertence a S. Mag^e. o Imperador, V/alle/C/abral”. Adquirido no final do século XIX. Col. Thereza Cristina Maria. *Cat. Exp. Pergaminhos Ilumi-*

nados e Docs. Preciosos n.118. Peixoto se refere a este códice com *Códice Inocêncio-Pedro II, 2*; Amado o chama *Códice Imperador II* (I). É o segundo volume do códice MC.

BNRJ50,62 *Obras varias Author o Famoso Satirico o Doutor Gregorio de Mattos Natural da Cidade da Babia*. Século XVIII. 205x150mm. 819 páginas e 25 de índice. Na capa: “Afrânio Peixoto. Códice II”. O II tomo apresenta um ex-libris: “Libri boni amici” - Livraria de Francisco Teixeira. Anotações: “De Franc.º Xer de Basto” - “1650” [?] - e “À Biblioteca Nacional oferece Afrânio Peixoto. 20-XII-1933, 3.º centenário do nascimento do Poeta”. Adquirido pela BNRJ em 1933. Reg.BN 26/1933. *Cat. Exp. Pergaminhos Iluminados e Docs. Preciosos* n.º113. Consultado por Afrânio Peixoto e James Amado, que o denomina *Códice Afrânio Peixoto, 2* (E).

BNRJ50,63. *Obras de Gregorio de Mattos*. Na lombada: *Obras Varias Tomo 15. Terminus post quem: 1726* (esta data é citada duas vezes). 210x145mm. Índice em duas cores. Índice e 1022 páginas (511 r e v). Grafia do século XVIII. Dedicatória: “A Alberto de Faria L^{ca} do amigo do coração João Ribeiro. 24 de junho de 1917”. Comprado pela BNRJ em 1926. Reg. BN 10/1926. *Cat.Exp.Pergaminhos e Docs. Preciosos* n.115. Os poemas de Gregório de Mattos estão nas páginas de 17r 159r. O códice compreende também obras de outros autores, frequentemente sem atribuição, entre as quais um romance para o casamento do príncipe d. José (1714-1777, rei 1750-1777; por isso podemos deduzir que o códice seja anterior a 1750) com a infanta d. Maria. Entre os autores, Tomás Pinto Brandão, Jacinto Freire de Andrada, Luís Barão, Cônego de S. Augustinho, Manoel Pacheco Valadares, Manuel Nogueira de Souza, Francisco Caldeyra Paez Castelbranco, D. Gaspar Cônego de Santo Augustinho, Sucarelo. Para Afrânio Peixoto, é o códice Mario Behring. Não fica claro se, na época em que Peixoto escreveu, o códice integrava a coleção do Itamaraty ou já estava na Biblioteca Nacional¹⁴. Para James Amado é o códice João Ribeiro (K)

BNRJ50,64 e **BNRJ50,65**. *Obras do Doutor Gregorio de Mattos*. Cópia em grafia atual, realizada em 1946 por Lino de Mattos. Dois volumes, o primeiro de 163 folhas, o segundo de 264. O **BNRJ50,64** é a cópia dos manuscritos L/3/59 (hoje **3238**) e R/3/64 da Biblioteca Nacional de Lisboa; o 50,65 é a cópia do **3576** da Biblioteca Nacional de Lisboa. Após o índice do II volume, há a “Sátira ao Governo de Portugal, por Gregório de Mattos, reçusitado em Pernambuco no ano de 1713”. Na última página há uma anotação do copista: “Extraído do Ms. R/3/64 de páginas, digo, de folhas 64 a 67, existentes na Bca.Nal. de La.” Col. Moreira da Fonseca. Reg. BN n.º 22595 e 22600/1946. Amado chama os dois volumes de Lino de Mattos 1 (A) e Lino de Mattos 2 (B).

BNRJ50,66 *Poesias de Gregorio de Matos* Copiado em 1885 por Lino de Assumpção e por ele doado em 1889 à Biblioteca Nacional. 33 folhas. Cópia do manuscrito da Biblioteca de Évora, códice **CXXX/t.17**, folhas 183-232 e 328v. Além disso, no final do manuscrito, 1) “Carta que escreveu Gregório de mattos ao Conde do Pardo estando na Bahia com seu pay Marquez das Minas. Biblioteca de Évora, códice C V /1-9. Na quarta folha, a última, anotação de Lino de Assumpção: “A carta é em versos, no entanto copiados corridamente no códice”. 2) “Soneto de Bernardo Vieyra Ravasco Secret.o do Estado do Brasil a seu irmam o Padre Antonio Vieyra Consoantes forçados”. 3) Soneto do Padre Antonio Veiyra em resposta ao antecedente de seu Irmam freitos mesmos consoantes”. James Amado o denomina códice Évora (C).

Biblioteca do Itamaraty — Rio de Janeiro

BI-L 15 – 1 *Mattos Parnaso Poetico*. 300 folhas numeradas de 1 a 300v. 21,5 x 14 cm Anotação na contracapa: “Estas poesias são de Gregorio de Mattos. Talvez seja dolas a coll. mais authentica: visto que ate a enquadernação parece estranha, e acaso feita na Bahia p. algum curiozo”. James Amado o chama “códice novo” (S).

BI-L 15 – 2 4 volumes de 20,5 cm x 12,8 a) *Obras sacras, e Moraes do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural q ^ foy da cidade da Babia de Todos os Sanctos, capital dos Estados do Brazil. Tomo 1º das suas composições Metricas Em q ~ no princípio se inclúe a sua vida escrita por hû Am.^{te} da sua memoria: e depois apurada melhor por outro curiozo Engenho.* Volume encadernado em couro. Ex libris da Biblioteca Varnhagen. Antes dos textos poéticos, uma “Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.^{el} Pereyra Rabelo E mais apurada despois por outro Engenho”. 140 páginas não numeradas de *Vida*. Em seguida, as *Obras Sacras e Morais* em 269 páginas e 7 de índices. James Amado o denomina códice Varnhagen 1 (O)

b) *Obras profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural q ^ foy da Babia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da America Portuguesa. Tomo 2º das suas composições métricas Escriptas, e destruidas aqui pella ordem, e divião dos Metros.* Volume encadernado em couro. Ex libris da Biblioteca Varnhagen. 457 páginas e 15 de índices. James Amado o denomina códice Varnhagen 2 (P). No final do códice foram acrescentadas duas páginas de dimensões maiores, nas quais há, escrita por outra mão, em grafia confusa, uma “Lyra: Salve, Pater Apollo”.

c) *Obras Profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra natural, q ^ foi da cidade da Babia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da América Portuguesa. Tomo 3º das suas composições métricas copiadas, e destruidas aquí pella devizam dos metros.* Volume encadernado em couro. Ex libris da Biblioteca Varnhagen. 484 páginas e 13 de índices. James Amado o denomina códice Varnhagen 3 (Q)

d) *Obras profanas do Doutor Gregorio de Mattos Guerra Natural que foy da Babia de Todos os Sanctos, Capital dos Estados da America Portuguesa. Tomo 4º das suas composições métricas*

Escriptas, e distribuídas aqui pella ordem Devizão, ou separação dos Metroz

Volume encadernado em couro. Ex libris da Biblioteca Varnhagen. 376 páginas, e 5 de índice. James Amado o denomina códice Varnhagen 4 (R)

Biblioteca da UFRJ

Códice em quatro volumes, de propriedade da família do prof. Celso Cunha, doado por E.Asensio em 1962. Os poemas estão divididos por assunto. Este códice constitui a base da edição JA, e pode ser denominado Asensio-Cunha, ou **AC**.

1. *Mattos da Bahia que contem a vida do Dor. Gregório de Mattos Guerra. Poesias Sacras e obsequiozas a Príncipes, Prelados, Personagens, e outros de distinção com a mescla de algumas satyras aos mesmos.* 485 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos. Inclui as “Obras do Pe. Euzebio de Mattos A Payção de Christo, S.N. Instituição do Diviníssimo Sacramento”. Inicia com a *Vida* de Rabelo. James Amado chama este códice “códice Licenciado” 1 (U)

2. *Mattos da Bahia 2º Tomo Que contem várias poezias à Clérigos, Frades, e Freyras e algumas obras discretas e tristes.* 414 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos. Na pag. 390: “Estas obras supposto andem em nome do Poeta com tudo não são suas: porque esta he de João de Brito Lima, e as mais seguintes de Thomaz Pinto Brandão, e por esta causa vão fora do seu lugar”. James Amado chama este códice “códice Licenciado” 2 (V)

3. *Matos da Bahia 3º Tomo Que contem poezias judiciaes, correções, de picaros, e desenvolturas do Poeta.* 530 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos. James Amado chama este códice “códice Licenciado” 3 (X)

4. *Mattos da Bahia 4º Tomo. Poezias amorosas, respey-tando as qualidades e proseguindo com as Damas de menos conta, e incertas com alguns assuntos soltos, e desbonestos.* 470 páginas, índice dos títulos e dos primeiros versos. Na p.470 começa uma seção “Maximas e sentenças de vida beata, urbana, e politica com outras da galantaria, que pertencem aos dous amores Cupido, e Antheros extrahidas de varias poezias do Doutor Gregorio de Mattos”, de 30 páginas. James Amado chama este códice de “códice Licenciado” 4 (Y)

Salvador

As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divi-didas em 4 tomos Em que se contem as obras satiricas, que a brevi-dade não permittio separar. Tomo 1º Bahia anno de 1775. Códice (denominado **MC**) de uma antropóloga, encontrado há poucos anos numa livraria antiquaria. O códice, integra o grupo de quatro volumes ao qual pertence também o **BNRJ50,61**; são os únicos dois dos quais se possa afirmar que foram copiados em Salvador, como se lê na folha de rosto. Começa com 62 páginas não numeradas de *Vida* de Rabelo; seguem 380 páginas de textos poeticos (124, quase exclusivamente satíricos) e índices. 20,4 x 14,7 cm.

São Paulo

Códice **RBM**. Veja a descrição no capítulo 3.

PORTUGAL

Biblioteca Nacional de Lisboa

BNL3576 *Obras do Douctor Gregorio de Mattos e Guerra.* Secção dos Reservados, Colecção do Fundo Geral, antiga numeração M-3-35. 229 folhas (r e v) e índices, num total de 251 folhas numeradas. Ver o **BNRJ50,65**, que é a cópia deste códice. 20,1 x 14,7 cm. No começo aparece um brasão, que Fernando da Rocha Peres identificou

como sendo da família Salema¹⁵. Desenhos, três no começo e 5 no final do códice, e mão muito cuidada.

BNL3238 *Obras do Doctor Gregorio de Mattos*. Secção dos Reservados, Colecção do Fundo Geral, antiga numeração L-3-59. Cópia no Rio (BNRJ50,64). 142 fls r e v. 24,5 x 17,5 cm

BNL13025. *Obras do doutor Gregorio de Matos Assumptos varios As obras honestas tem a margem este sinal + E as desonestas este •*. Cópia do século XVIII aparentemente redigida por uma única mão, com algumas correções em outra grafia. Alguns títulos em vermelho. Encadernado em couro, com desenhos em ouro na lombada Pertenceu a Jorge José da Cunha. 459 páginas.

Biblioteca da Ajuda

BA 50-I-2. *Muza Protterva Lira desonnante Dezatinnado emprego e Infelice disvello Obras do Doutor Gregorio de Mattos Babia Recolhidas por hum curiozo anno de MDCCVI*. 20,5 x 15,5 cm. 965 páginas. Inclui também obras de outros autores. É o mais antigo dos códices datados. Mão freqüentemente pouco clara, muitas palavras ilegíveis, grafia caótica e disposição confusa das obras: começa com os sonetos, como a maioria dos códices, depois transcreve décimas, romances, mote e glosa, uma nova seção de sonetos, uoutras décimas, outros sonetos. Dois poemas são repetidos: “Huma com outra são duaz” (págs.121 e 170) e “Venho Madre de Deus ao vosso monte” (págs.743 e 840).

Biblioteca Pública Municipal do Porto

BPMP1388. *Obras de Gregorio de Matos e Guerra Natural Da Cidade do Salvador, Babia de todos os Santos. Feitos avarias pessoas no anno de 1690 Enovamente copiadas neste volume no de 1748*. 220 fls r e v e 10 de índice, no final. Freqüentemente descuidado e às vezes quase ilegível. 20,8 x 15 cm.

BPMP22. *Poezias (ineditas) de Gregorio de Mattos Guerra.* Códice em 2 volumes. Corresponde ao códice n.22 da coleção do Conde de Azevedo. I vol: 555 pp. II vol: 556 pp.

Biblioteca Pública de Évora

BPE303 (Manizola). Sem folha de rosto; na lombada: *Obras poeticas.* Códice do “Núcleo Cimeleário da Biblioteca da Manizola à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora”, no n. 303 dos manuscritos. 342 fogli r e v. Páginas não numeradas.

20,5 (encadernação), 20 (folhas) x 14,5 cm. Da p. 1r a 44r: *Vida do Excelente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra.* Seguem três páginas brancas e depois *Poezias Sacras do Doutor Gregorio de Mattos Guerra* na p. 48r. Compreende poemas religiosos, mas também encomiásticos e satíricos. Termina com “Triste Bahia! oh quam dessemelhante” na p. 342 v. Sem índice.

BPE552 (Manizola)

Poesias Lyricas de Gregorio de Mattos

Códice do “Núcleo Cimeleário da Biblioteca da Manizola à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora”, no n. 552 dei manoscritti. Na lombada *Poesias lyricas, T.II* Carimbo: Francisco de Mallo Breyner. 184 fogli r e v não numerados. 21,6 x 15,8 cm.

BPE587 (Manizola). *Obras Sacras do Dr. Gregorio de Mattos Guerra precedidas da sua vida e morte por Manoel Pereira Rebello.* Códice do Inventário de cedência e entrega do Núcleo Cimeleário da Biblioteca da Manizola à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sob o nº 587 da II Parte dos Manuscritos. 224 páginas numeradas. Nas páginas 1-58 a “Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo”. Na página seguinte “Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Mattos e Guerra a varios assumptos em que louva a Deos, e a seus

santos, como se verá. Anno de 1765”. Na página 61 começam as poesias. 20,6 x 15,3 cm.

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga

BPADB591. *Coleção de poesias.* 21 x 16 cm (encadernação) / 15 (texto). Segundo de dois volumes; o primeiro foi extraviado. Encadernação possivelmente da época. Compreende 338 folhas de 355r a 693v, e 13 folhas de índices. Na primeira folha: “Do Dor. Antônio Numes q. as. o livro e não o soneto, nem as mays obras”. Talvez possa ser identificado com o Dr. Antônio Numes da Veiga (1654-1715), *ouvidor* a Valença do Minho e autor de *Perfeito Capitão* (Lisboa, Deslandes 1709)¹⁶. De qualquer forma este soneto não aparece entre os que foram atribuídos a Gregório de Mattos: “Athaista buçal, Asno insolente”. No final uma “Taboada dos dous volumes” em 23 páginas, índice alfabético dividido por letras, transcrevendo a primeira linha do poema. No códice “Formoso Tejo meu quam diferente” de Francisco Rodrigues Lobo (I vol, p. 68) e muitos outros poemas atribuídos a outros autores.

USA

Library of Congress, Washington

LC-P253 e LC-P254. *Obras de Gregório de Mattos.* 2 volumes de 175 e 165 folhas respectivamente. O primeiro contém 110 poemas de Gregório e 5 de Eusébio; o segundo 152 poemas de GM e 6 de Eusébio. A lápis: “Estes dois volumes de Poesias de Gregório de Matos pertencem ao Sr. Luiz Antonio Alves de Carvalho Filho, que m’os emprestou. V.C. ‘L/ettra de Valle Cabral da B/blioteca/P/ublica? a quem emprestei estes dous volumes para a sua edição das obras de Gregório de Mattos, L.C.”. Um dos dois volumes começa com “A hua dama dormindo junto a hua fonte”; o outro com “A Iha de Itaparica”.

LC-P255 *Várias Poezias compostas pello Famozo Doutor, e insigne Poeta de nosso Seculo Gregório de Mattos e Guerra Juntas neste volume Por hum Coriozo, e no fim hum Índice, e tudo, que nelle se contem E hum Abecedario de todas as Obras Por forma, e ordem Alfabetica: Cidade da Babia Anno 1711.* 407 pp. Índices. 20,5 x 15,5 cm. Este códice foi consultado em cópia xerox por James Amado.

OBSERVAÇÕES SOBRE OS CÓDICES

Sabemos que as coletâneas de poemas gregorianos possivelmente completas, ou visando ser, eram em quatro volumes; esta é uma observação de Ferdinand Wolf¹⁷ e o estudo dos testemunhos que foram preservados a torna plausível. Dispomos de três exemplos destas coletâneas:

- O códice **L 15-2** da Biblioteca do Itamaraty. São quatro volumes que incluem a *Vida* de Rabelo e o texto poético numa grafia clara e correta, e a matéria dividida por gêneros de forma ordenada. Varnhagen usou este códice para o seu *Florilégio* (v. Bibliografia) e Afrânio Peixoto consultou-o para a edição ABL.

- O códice Asencio-Cunha, transcrito por James Amado em sua edição, tem uma divisão menos rigorosa; ele também começa com a *Vida* de Rabelo. Não foi possível confirmar a informação segundo a qual recentemente o quarto volume deste códice teria sido extraído.

- O grupo formado por **MC** e **BNRJ50,61**, respectivamente o primeiro e o segundo volume de uma coletânea de quatro (**MC**: *As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 1^o Babia anno de 1775*; **BNRJ50,61**: *As obras poéticas do D^{or} Gregorio de Mattos Guerra Divididas em 4 tomos Em que se contem as obras sacras, jocoseras, e satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 2^o Babia anno de 1775*). Aqui também a *Vida* antecede o texto poético.

Disto pode-se concluir que:

1. todas as coletâneas em quatro volumes que conhecemos foram compiladas após 1740 (*terminus post quem* da *Vida* de Rabelo)¹⁸;

2. a iniciativa de juntar os poemas de Gregório pode realmente ter sido de Rabelo, como acredita James Amado (mesmo que nada nos indique que o códice Asencio-Cunha realmente tenha sido redigido materialmente por Rabelo)¹⁹, considerando que todas estas coletâneas são iniciadas pela *Vida*;

3. a disposição da matéria não é a mesma nos três códices, o que tornaria plausível uma ou mais intervenções sucessivas à primeira organização dos textos. Estas intervenções devem ter acontecido num lapso de tempo relativamente curto, entre 1740 e 1775, data na qual foram redigidos **MC** e **BNRJ50,61**. De toda forma há grandes semelhanças entre a organização de **BNRJ50,61** e **L 15-2**, mas há divergências no texto da *Vida*, o que torna difícil acreditar que ambos sejam *codices descripti*, cópias sem variantes do mesmo códice. A principal diferença entre estas três coletâneas é a colocação da lírica sacra, que em **L 15-2** e no Asencio-Cunha está no primeiro volume, enquanto no grupo **MC-BNRJ50,61** encontra-se neste último, que é o segundo volume da coletânea (naturalmente, não sabemos o que haveria nos demais dois). De qualquer forma devemos lembrar o título que aparece na folha de rosto do códice **L 15-2**: “[...] depois apurada melhor por outro curiozo Engenho”.

Além disso, temos que levar em conta os demais códices setecentistas em mais de um volume nos quais aparece a *Vida*:

BNRJ50,56 e **BNRJ50,57A**

BNRJ50,59 e **BNRJ50,59A**

No caso destes códices, não temos nenhuma indicação quanto à presença de outros volumes; eles também teriam feito parte de coletâneas em quatro volumes? Ainda assim, há indícios: ambos, por exemplo, começam com a lírica sacra; porém, os poemas neles presentes e sua ordenação divergem, o que deixa plausível alguma interpolação.

Além do mais, conhecemos uma outra versão setecentista da *Vida*, redigida pouco antes de **MC**, no códice de Évora (**BPE587**): na página 59 do códice lê-se “Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Mattos e Guerra a varios assumptos em que louva a Deos, e a seus santos, como se verá. Anno de 1765”. Novamente aqui a *Vida* antecede a lírica religiosa, e novamente há a referência a uma coletânea em vários volumes.

Enfim, conhecemos códices em mais de um volume que não incluem a *Vida* (**BNRJ50,58** e **BNRJ50,58A**; **LC-P253** e **LCP254**; **BPMP22**); isto pode simplesmente ser consequência da perda de outros volumes, ou ao invés pode nos ajudar a conseguir uma datação precisa.

A análise dos códices impressiona antes de mais nada pela variedade, pela quantidade e até pela distribuição geográfica: encontramos códices gregorianos em Portugal, na América do Sul e na América do Norte, em oito cidades (nove se incluirmos os códices de tipo cancionero presentes em Coimbra, que porém não consideramos nesta relação). Os códices apresentam poesia satírica, religiosa, lírica, encomiástica; medida velha e medida nova; estão divididos por gênero e/ou por metro ou não apresentam divisão lógica alguma; são fruto de uma ou mais mãos, ordenadas e cuidadosas ou confusas e descuidadas. Pelo momento, ainda não é possível realizar uma classificação. Pode se dizer, no entanto, que a extraordinária quantidade e qualidade de material atribuído a Gregório justifica e aliás torna cada vez mais necessária e urgente a realização de uma edição crítica daquele que, fora de qualquer dúvida, deve ser considerado como o maior poeta barroco de língua portuguesa.

Códices setecentistas de Gregório de Mattos²⁰

Código	Páginas ²¹	Local	Datado	
			S	N
BNRJ 50,56 ²²	215	Biblioteca Nacional do Rio		>1740
BNRJ 50,57A	363 + 9	BN Rio		
BNRJ 50,58 ²³	438	BN Rio		
BNRJ 50,58A	416	BN Rio		
BNRJ 50,59 ²⁴	447	BN Rio		>1740
BNRJ 50,59A	374	BN Rio		
BNRJ 50,60	6+247	BN Rio		
BNRJ 50,61 ²⁵	228 <i>re v</i>	BN Rio	1775	
BNRJ 50,62	819 + 25	BN Rio		
BNRJ 50,63 ²⁶	511 <i>re v</i>	BN Rio		>1726 <1750
BI L 15 -1	300 <i>re v</i>	Biblioteca do Itamaraty, Rio de Janeiro		
BI L 15 -2 a ²⁷	269 + 7 ²⁸	BI Rio		>1740

BIL 15 -2 b	457 + 15	BI Rio		>1740
BIL 15 -2 c	484 + 13	BI Rio		>1740
BIL 15 -2 d	376 + 5	BI Rio		>1740
UFRJ AC I ²⁹	485	Biblioteca da UFRJ, Rio		>1740
UFRJ AC 2	414	Bibl. UFRJ Rio		>1740
UFRJ AC 3	530	Bibl. UFRJ Rio		>1740
UFRJ AC 4	500	Bibl. UFRJ Rio		>1740
MC	380 + 6 ³⁰	Salvador	1775	
RBM	64 rev	Bibl. Mindlin, São Paulo	1762	
BNL 3576	229 + 22	Biblioteca Nacional de Lisboa		
BNL 3238	142 rev	BN Lisboa		
BNL 13025	459	BN Lisboa		
BA 50-1-2	965	Biblioteca da Ajuda, Lisboa	1706	
BPMP 1388	220 + 10 rev	Biblioteca Pública Municipal do Porto	1748	
BPMP 22 a	555	BPM Porto		
BPMP 22 b	556	BPM Porto		
BPE 303 M	342 rev	Biblioteca Pública de Évora		>1740
BPE 552 M	184 rev	BP Évora		
BPE 587 M	224	BP Évora	1765	
BPADB 591	338 + 13 rev	Bibl. Pública e Arq. Distrital de Braga		<1715?
LC P253	175 rev	Library of Congress, Washington		
LC P254	165 rev	LC Washington		
LC P255	407	LC Washington	1711	

NOTAS

¹ Januário da Cunha BARBOSA. *Parnaso Brasileiro* cit.

² id., Biografia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. in *Revista Trimestral de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico-geográfico Brasileiro*, Rio, III, n. 9, 1841, págs. 267-274, apud J.C.F. PINHEIRO. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio: Garnier, 1883. págs. 204-205.

³ GOMES. *Gregório de Matos*, cit. p.8.

⁴ Antônio HOUAISS. Tradição e problemática de Gregório de Matos, in *JA*, 1273-78: 1274.

⁵ Wilson MARTINS. *História da Inteligência Brasileira*. Cit. vol.I, p.227.

⁶ Cf. Paul ZUMTHOR. Intertextualité et mouvance. *Littérature*, 41, fév. 1981, pp. 8-16 e também *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1972 e *A letra e a voz. A "literatura" medieval*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷ Celso CUNHA. *Significância e movência na lírica trovadoresca*. Questões de crítica textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

⁸ Cf. STEGAGNO PICCHIO. Camões lírico: Variantes de tradição e variantes de autor. Exemplos para o estudo da movência em textos camonianos in *Atas da V Reunião Internacional de Camonistas*, São Paulo: USP, 1992, págs. 285-309, e também Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa*, Padova: Antenore, 1997, pp.435-456. Leodegário de Azevedo questionou a utilização do conceito de movência neste contexto. Cf. Leodegário A.de AZEVEDO FILHO, A teoria do cânone mínimo na lírica de Camões, in Barbara SPAGGIARI, José Antonio Sabio PINILLA, L. A.de AZEVEDO FILHO, *O renascimento italiano e a poesia lírica de Camões*, Niterói: EDUFF/Rio: Tempo Brasileiro, 1992, págs. 59-72, nas págs.65-66.

⁹ Paul ZUMTHOR. Intertextualité et mouvance. cit, p.12.

¹⁰ Sobre este assunto ver: Sílvia LA REGINA. Gregório de Mattos e a *mouvance*, na revista *Merope* XI (1999), 26, Pescara (Itália).

¹¹ José VERISSIMO. *História da literatura brasileira*. Rio: Francisco Alves, 1916. p.88.

¹² Está no prelo uma edição minha da *Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra* de Manuel Pereira Rabelo.

¹³ Incluímos aqui só os códices que apresentam totalmente ou em sua maioria poemas atribuídos a Gregório; para os numerosos códices do tipo *cancioneiro*, ver principalmente Diléa Zanotto MANFIO. Manuscritos de Gregório de Matos no exterior. Palestra apresentada no congresso *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*, Salvador, dezembro de 1996. 14 p. a ser publicada nos Anais. Fundamental também para o estudo dos códices guardados em Portugal e nos Estados Unidos. Cf. também James Amado. Notas à margem da editoração do texto - II. in JA, p. 1279-1282.

¹⁴ Éditos e Inéditos. págs.17-18.

¹⁵ PERES. Gregório de Matos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*. n.9, MEC. Rio 1971. pp.105-114: p.107. Ver este artigo também para todos os códices hoje guardados em Portugal.

¹⁶ Citado por Heitor MARTINS. Gregório de Matos, mito e problemas in *Do Barroco a Guimaraes Rosa*, B.Horizonte, Itatiaia / Brasília: INL 1983, págs.235-245, p.238.

¹⁷ Ferdinando WOLF. *O Brasil literário*. São Paulo, 1955 (tradução da edição francesa de 1863), p.37.

¹⁸ *Vida do excelente poeta lírico, o Doutor Gregório de Matos Guerra*. JA, p.1251-1270: p.1265. A data é também citada nas demais versões.

¹⁹ James AMADO. cit. p.1279.

²⁰ Encontram-se neste resumo só os códices do século XVIII.

²¹ Caso apareça mais de um número, é porque há índices.

²² O códice 50,56 e o códice 50,57A originariamente eram 2 volumes do mesmo manuscrito, provavelmente em 4 volumes.

²³ O códice 50,58 e o códice 50,58A originariamente eram 2 volumes do mesmo manuscrito, provavelmente em 4 volumes.

²⁴ O códice 50,59 e o códice 50,59A originariamente eram 2 volumes do mesmo manuscrito, provavelmente em 4 volumes .

²⁵ O códice 50,61 e o códice MC originariamente eram 2 volumes do mesmo manuscrito, provavelmente em 4 volumes, do qual MC era primeiro.

²⁶ O códice inclui também poemas atribuídos a outros autores. Os poemas de Gregório estão entre as págs. 17r e 159v e *passim*.

²⁷ Este volume e os três seguintes compõem um único manuscrito.

²⁸ Devem ser acrescentadas 140 páginas de *Vida* de Rabelo, não numeradas e antepostas ao texto poético.

²⁹ Este volume e os três seguintes compõem um único manuscrito.

³⁰ Devem ser acrescentadas 62 páginas de *Vida* de Rabelo, não numeradas e antepostas ao texto poético.

III

DESCRIÇÃO DO CÓDICE

O CÓDICE **RBM** (dos nomes dos dois últimos proprietários) encontra-se em São Paulo, na biblioteca Mindlin (José e Guita), legado de Rubens Borba de Moraes.

O códice é um livro autônomo, apesar das dimensões diminutas. Foi encadernado em couro, com impressões em ouro, e conserva a encadernação original.

Na lombada há uma etiqueta:

POESIAS SATIRICAS
BRASIL
1762

Em lugar algum, nem na capa nem ao longo do texto (não há folha de rosto) aparece o nome de Gregório de Mattos.

Encadernação: cm. 22,9 x 17,8
papel: cm. 21,7 x 16,7

Manuscrito cartáceo.
Filigrana em 38 páginas.
Ex libris de Rubens Borba de Moraes
64 páginas numeradas somente no recto.
Grafia muito clara e uniforme, de uma única mão.

O códice, diferentemente da maioria dos demais apógrafos de Gregório, apresenta-se como extremamente compacto. É composto unicamente por décimas satíricas, em número variável de um poema para outro (de 1 a 24 décimas), em redondilhas maiores num esquema métrico invariável:

ABBAACDDC

do tipo denominado *espinela*.

Há um único exemplo de “mote e glosa” (“De dous ff se compoem”, 61v-62v), sempre em décimas e com o mesmo esquema rímico.

Possivelmente o **RBM** constituísse um *livrinho de mão*, uma escolha pessoal de composições poéticas anônimas, apesar de quase todas atribuídas a Gregório em outros códices. Cinco composições não integram as edições ABL e JA:

“Dizei-me, que mal me fez”, 38r

“O vosso nome, Thomé”, 42v

“Hé esta a quarta monçam”, 45v

“Freiras, quereis que hum Pasquim”, 47v

“Quizeste tanto sobir”, 60r.

Três destes aparecem em um dos códices da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o nº 22, no primeiro volume:

“Quizeste tanto subir”, 103

“Freira quereis que hum Pasquim”, 113

“He esta a quarta monçam”, 115.

Além de apresentarem a mesma forma métrica, a décima espinela, as composições do códice **RBM** têm outras homogeneidades; antes de mais nada o gênero: os 40 poemas são sátiras, mas não políticas e sim contra pessoas geralmente não identificáveis da cidade. Cidade ou lugar que também são raramente especificados, diferentemente do que acontece nas sátiras políticas: só em “Veyo ao Espirito Santo”, 15v, “A nossa Sé da Bahia”, 56v, “De dous ff se compoem”, 61v. As sátiras atacam frades, freiras, pequenos burgueses, às vezes da administração pública (a qual em si, porém, não recebe críticas), e são do tipo, ainda que às vezes muito violento, mais alegremente vulgar, com referências constantes e precisas a escrementos e genitais e em geral a situações escabrosas, preferivelmente que digam respeito a membros do clero.

Não há refrões; parece-nos patente que, mesmo que a sátira ibérica permaneça o modelo constante, nesta seção do *corpus* não há referências explícitas a obras alheias.

De todos os códices de Gregório de Mattos conhecidos até o presente momento, o **RBM** é o único que apresenta uniformidade e homogeneidade tão rigorosas; até pelo número de páginas (128, ou 64 r e v), é evidente o cuidado que deve ter inspirado esta coletânea, na qual (caso raríssimo) os poemas estão distribuídos para sempre coincidirem com a página inteira, há regularidade na disposição das décimas e os erros do copista são quase insignificantes. Podemos pensar em **RBM** como uma edição de luxo, para um rico amador de coletâneas poéticas; talvez português, visto que a palavra *Brasil* impressa na lombada seria supérflua se o livro tivesse sido realizado para algum brasileiro.

IV
CRITÉRIOS DE EDIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS E
ORTOGRAFICAS DO CÓDICE RBM

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Foi feita uma edição semi-diplomática dos textos, obedecendo aos seguintes critérios:

- Elementos de uma mesma palavra que estivessem separados foram unidos (p.es. 25r, 10: “tendo a mante que lhe fede” > “tendo amante que lhe fede”) e vice-versa foram separadas as palavras que tenham sido juntadas (p.es. 24v, 14: “vá comendo sobre atrolha” > “vá comendo sobre a trolha”).

- Todas as abreviações foram abertas, usando o itálico. Es: q' = *que*

- Todas as alternâncias gráficas foram mantidas.

- Os possíveis acréscimos, a serem considerados meramente como sugestões no caso de erros evidentes no texto ou na métrica, foram assinalados com os colchetes [].

- As raríssimas expunções, realizadas somente em casos evidentes de erros do copista, foram assinaladas com parênteses angulares < > .

- A pontuação não é excessivamente diferente do uso moderno e de qualquer forma não impede a compreensão do texto; conseqüentemente não foi alterada.

- A mudança de página foi indicada com as duas barras // em negrito. Es: /**34v**/

- Entre as listadas em seguida, estas particularidades gráficas foram reconduzidas ao uso moderno:

- ε = h
- ꝑs = ss.

CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS

As características gráficas principais são:

- o *b* tem a aparência de um épsilon (ε)
- *ss* normalmente é representado com ꝑs
- os sinais diacríticos são usados de forma muito variada: o acento circunflexo pode indicar a crase ou qualquer acento, e algumas raras vezes é usado no lugar do til; o acento agudo pode indicar também a crase; às vezes no lugar do til é usado um apóstrofo.

- a pontuação é variada e usada de forma relativamente parecida com o uso moderno.

CARACTERÍSTICAS ORTOGRÁFICAS

- O uso de consoantes dobradas é relativamente comum mas não excessivo. Pode-se observar a duplicação, além de **r** e **s** (estes também de forma notavelmente casual) de todas as demais consoantes, com as únicas exceções de **d**, **g**, **q**, **v**. Estes fenômenos não são regulares e normalmente não obedecem a preocupações etimológicas.

- As vogais e os ditongos nasais estão representados de forma muito diferente da atual, e com uma certa inversão:

- freqüentemente *-ão* atual é representado **-am**

- *-am* por sua vez é grafado **-ão**
- o ditongo *ão* é quase sempre reproduzido como **aõ**.
- normalmente as terminações *-ães* e *-ões* estão reproduzidas abrindo o til em **n**: **-aens**, **-aenz**; **-oens**, **-oenz**.
 - O ditongo *eu* è muito freqüentemente **eo** (nunca, porém, quando se trata do pronome de primeira pessoa).
 - No lugar do prefixo *en* muitas vezes encontra-se **em**: **emsaboar**.
 - A terminação *-is* do português atual (do plural de *-al*) aqui está grafada **-es** (es. “animaes”).
 - O uso de **c, ç, ch, s, z** é muito diferente do atual e apresenta numerosas oscilações, até mesmo dentro do mesmo texto ou da mesma página.
 - A terceira pessoa singular do presente indicativo do verbo *ser* sempre está precedida por **h** e por vezes aparece acentuada: **he, hé, hê**.
 - Os artigos e numerais *um, uma* sempre estão precedidos por **h**: **hum, huma, huns, humas**
 - Por vezes pode-se observar metátese nos prefixos *per-*, *por-*. Es: **pregunta**.
 - As vogais átonas pré-tônicas *e, o* às vezes aparecem grafadas como respectivamente **i, u**. Es: **difiniçam**.
 - **y** aparece freqüentemente no lugar de *i*: **sylva**
 - freqüentemente há troca entre **x** e **ch**: **caximbo**.

V
ÍNDICE DOS POEMAS

	primeiro verso	pagina	tipo	ABL	JA
1	Victor, meo Padre Latino	1r-1v	décimas		216
2	Amigo, e Senhor Jozé	2r-3r	décimas	III, 213	280
3	Padre a caza está abrazada,	3v-4r	décimas		238
4	Por sua mam soberana	4v-5v	décimas		1219
5	Este, que de Nize conto	6r-7v	décimas		555
6	Huma triste entoaçam ¹	7v	décima	V, 334	
7	Cazou Filippa rapada	8r-9r	décimas	V, 260	984
8	A tua perada mica, ²	9v-11r	décimas	V, 220	221
9	A vos Padre Balthazar,	11v-13v	décimas		230
10	Reverendo Padre alvar,	14r-15r	décimas	V, 257	234
11	Veyo ao Espirito Santo	15v-21r	décimas		168
12	O senhor Joam Teixeira	21v-23v	décimas		284
13	Senhor Mestre de jornal,	24r-25r	décimas	VI, 198	1105
14	Amigo a quem nam conheço,	25v-27r	décimas		964
15	Por gentil homem vos tendes,	27v-28v	décimas		889
16	Se vos foreis tam ouzado	29r-30v	décimas	VI, 163	
17	Huma com outra sam duas	30v	décimas		839
18	Dizem senhor Capitam,	31r-32v	décimas		290
19	Viva o insigne Ladram,	32v	décima	VI, 158	1124
20	Peralvilho, ó Peralvilho,	33r-34r	décimas		563

21	Reverendo Frei Carqueja,	34v-38r	décimas	V, 209	251
22	Dizei-me, que mal me fez,	38r	décima		
23	Já que entre as calamidades,	38v-41v	décimas	V, 310	1019
24	Reverendo Frei Sovella,	41v-42v	décimas		264
25	O vosso nome, Thomé,	42v	décima		
26	Quem vos mete Frei Thomaz,	43r-44r	décimas	V, 287	247
27	Sem tom, nem som por detraz	44v-45r	décimas		835
28	Hé esta a Quarta mo<n>çam,	45v-47r	décimas		
29	Freira, quereis que hum Pasquim	47v-48r	décimas		
30	Minha gente, vosse vê	48v-49r	décimas		297
31	Inda està por decidir,	49v-50r	décimas	V, 134	207
32	Mil annos hà, que nam verso;	50v-53r	décimas	V, 184	
33	Estava o Doutor Gilvas	53v-56v	décimas	V, 328	550
34	A nossa Sé da Bahia,	56v	décima	V, 112	195
35	Vós nam quereis cutiláda	57r-58r	décimas	V, 251	553
36	Letrado que cachimbais	58v-59v	décimas	V, 153	559
37	Quizeste tanto sobir,	60r-61v	décimas		
38m	De dous ff se compoem	61v	mote		38
38g	Recopilouse o Direito,	62r-62v	glosa		
39	Híndo a caza de Tatus	62v-63r	décimas	VI, 200	863
40	Na nossa Jerusalem, ³	63v-64v	décimas	V, 117	1096

¹ ABL: grave

² ABL: Da tua pesada mica; JA: da tua perada mica

³ JA: nova

VI
TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS

/1r/

A FREI Miguel Novelos apelidado o Latino, sobre huã Patente
falsa de Prior, achando-se o *Autor* homiziado no Carmo.

1
Victor, meo Padre Latino,
que agora se soube em fim,
que só vos sabeis Latim,
para hum breve tam divino:
era n'hum dia mofino
de chuva, que as cazas rega,
eis que a Patente vos chega,
e eu por milagre o suspeito
na Igreja Latina feito,
para se pregar na Grega.

2

Os sinos se repicaram
de seo motu natural,
porque o Padre Provincial,
e outros Padres lho ordenaram:
os mais Frades se abalaram
a lhe dar a obediencia
e elle em tanta complacencia,
por nam faltar ao primor,
dizia a hum victor Prior,
victor Vossa Reverencia.

/1v/

3

Estava aqui retrahido
o Doutor Gregorio, e vendo
hum Breve tam reverendo
ficou com queixo cahido:
mas tornando a seo sentido
da galhofa perennal
que nam vio Patente igual
dice, e hé couza patente,
que se a Patente nam mente,
hè obra de pedra, e cal.

4

Victor, victor se dizia,
e em prazer tam repentino
sendo os viva ao Latino,
soavaõ a engrezia:
era tanta a Fradaria,

que nesta caza Carmela
nam cabia a refestela:
mas recolheram se em fim
cada qual a seo cellim,
e eu fiquei na minha cella.

/2r/

Ao Capitam Jozé Pereira por alcunha o Sette
Carreiras, cujas poezias serviam de rizo.

1

Amigo, e Senhor Jozé
nam me fareis huma obra,
porque se a graça vos sobra,
me fareis graça, e mercê:
fazei me huma obra em que
honra me deis aos almudes,
e se em vossos alaudes,
que Apollo vos temperou
nam cabe o pouco, que eu sou,
caberam vossas virtudes.

2

Fazei me huma obra em quanto
a Musa se me melhora,
que eu prometto desde agora
pagar-vos tanto por tanto;
que como Deos hé bom Santo,
e nam há ôvo sem gema,
sereis de meo plector o tema,
por que a quem me fas hum verso,

nam serei eu tam perverso,
que lhe nam faça hum poema.

/2v/

3
Sayam esses resplandores,
essas luzes coruscantes,
rubis, perolas, diamantes,
cravos, açucenas flores:
sayam da Musa os primores,
que há ortellam da poezia,
que gasta em menos de hum dia
de flores hum milenario
e há Poéta Lapidario
gastador da pedraria.

4
Eu quatro versos fazendo
nam me meto em gasto tal,
nem posso chamar cristal
a mam, que humana estou vendo;
os olhos, que ao que eu intendo
sam de sangue dous pedaços,
nam chamo diamantes baços,
pois os nam tenho por taes,
que há Poétas Liberaes,
e os meos sam versos escaços.

5

Vos sois o Deos da poezia,
que sobre o vosso Pegaso,
andaes mudando o Parnaso
neste monte da Bahia:
aqui a vossa Thalia
nos ensina aos praticantes
tam graciosos consoantes,
que vos juro a Jesu Christo,
que em quantos versos hei visto,
nam vi versos semelhantes.

6

Sois hum Poeta natural,
e tendes sempre a mam chã,
nam sò de Aganipe a vã,
mas na vã hum mineral:
correm como hum manancial
da vossa bocca Arethusas,
e as nove Musas obtusas
de ver o vosso Pactolo
em vez de Musas de Apollo,
querem ser as vossas Musas.

Ao Vigario da *Madre* de Deos Manoel Rodriguez
vindo tres clérigos a sua caza, achando-se nella o *Autor*

1

Padre a caza estâ abrazada,
porque hé mais damnosa empreza
pôr tres boccas a huma meza,
que trezentas a huma espada:
esta trindade sagrada,
com quem toda a caza abafa,
já eu tomara ver safa,
porque à caza nam convem
trindade, que em si contem
trez pessoas, e huma estafa.

2

Vos nam podeis sem dar pena
pôr á meza trez pessoas,
nem sustentar trez coroas,
em cabeça tam pequena:
se a fortuna vos ordena,
que vejaes a caza raza
com gente que tudo abraza,
nam soffro, que desta vez
vos venham coroas trez
fazer principio de caza.

/4r/

3

Se estamos na Epifania,
e os trez coroas sam Magos
hão de fazer mil estragos
no caijû, na melancâ:
magica hê feitiçaria,

e a Terra hé tam pouco experta,
e a Gentinha tam incerta,
que os trez a nosso pezar
nam vos hão de offerta dar,
e hão de mamar-vos a offerta.

4

O incenso, o ouro, e myrrha,
que elles nos hão de deixar,
hê, que nos hão de mirrar,
se nos nam defende hum irra:
o Crasto por pouco espirra,
porque hé dado a valentam,
e se lhe formos a mam
no comer, e no engolir,
aqui nos ha de frigir
como postas de cassam.

/4v/

A huma procissam, que vio o Poeta em Vianna
em occasiam de ferias, na qual por costume
antigo apparecia a morte adornada
com patas, peças de ouro, e muitos
cachos de uvas verdes: hindo
juntamente nella em figura
de Sam Christovão huã
estatua de papelão ves =
tida de baeta verde.

1

Por sua mam soberana
Deos que hé Pay da piedade,
Livre a toda a Christandade
da má morte de Vianna:
morte composta de asneira,¹
em vez de morte hê pavana,
porque tirar da parreira
quantas uvas vai brotando
para lhas hir pendurando,
hê morte de borracheira.

/5r/

2

Ornar a morte a meo ver
de patas por mais campar,
hé querela namorar
por falta de outra mulher:
homens, que tem tal prazer,
que enfeitam toda huma ossada
de patas, e alfinetada,
hé gente, que sem disputa
pretende em trages de puta
tratar a morte enfeitada.

3

Isto de morte com patas,
e com uvas athé os pés
(como dice hum Viannez)
Livre está de pataratas:
há gentes tam mentecaptas,

que se occupem a enfeitar,
a quem os ha de matar,
e lhe ponhaõ todo o oiro
sem temer, que isto hé agoiro,
de que a morte os vem roubar.

/5v/

4
Gente, que folga de ver
huma caveira enfeitada,
esta hé a morte folgada,
que em menino ouvi dizer:
mas nam me pode esquecer
asneira tam alta, e forte,
de huns barbaros de má sorte,
e humas gentes insensatas,
que pondo a morte de patas
cuidam, que empatam a morte.

5
Se Vianna nisto dà
por fazer à morte festa
convenho, que gente hè esta
que athé a morte guardará:
mas que Sam Christovão vá
em charolla de vaqueta
com cazacam de baeta,
e verde por mais decoro,
aqui se perde Izidoro
raivozo desta historeta.

A hum Letrado, que cazou com certa Mulher, que não sendo donzella, deo hum ponto no vazo *para* o parecer.

1

Este, que de Nize conto
ouçam, que hé bem raro cazo,
pois dizem calça seo vazo
com ser tam grande, hum só ponto;
cazou com Fabio, que hé tonto,
e eu folgo por minha vida,
porque hé couza bem sabida,
que andavão com gram cuidado
o Moço por ella assado,
e ella por elle cozida.

2

Por dar alivio a seo peito
no mar de amor lhe convinha
a Fabio passar a Linha,
porem nam passar o estreito;
quas² nam haverà conceito,
que repare a Fabio amante,
pois hoje à vela constante,
quando em deleites se arrulha,
o rumo segue da agulha,
como astuto navegante.

3

Mais direito, do que hum fuзо

Fabio com manha selecta,
no vazo por Linha recta
lhe encaixou o membro obtuso;
mas de dizer nam me escuzo,
que nisso tinha interesse,
poiz cazo estranho parece,
e hé couza rara, que Fabio
sendo astrologo tam sabio,
o virgo nam conhecesse.

4

Andou prudente, e alentado
nesta empreza a que aspirava,
pois de Nize o vazo estava
com Linhas fortificado;
avançou-o denodado,
e da sorte, que refiro
onde claramente infiro,
(nam cuide alguem, que isto hé conto)
que a Moça lhe pôz o ponto,
para elle fazer o tiro.

/7r/

5

Em cazar com Nize bella
nada Fabio se deshonra;
que nisto de pontos de honra
ninguem sabe mais do que ella;
e assim com gentil cautella,
que ambos ganharam, suspeito
a vida com hum mesmo effeito

(sem que pareça tollice)
com os pontos de honra Nise,
Fabio com os de direito.

6

Se Fabio ociôzo alguma hora
de Nise, por ser sandeo,
as linhas tristes torceo,
alegre as destorce agora;
embainhe o membro embora
no vazo, pois nisso acerta,
mas hé bem, que esteja àlerta,
nam se fira nesta bulha;
porque bainha de agulha,
hé força, que esteja aberta.

/ 7v/

7

Bem hé, Liberal se ostente
em cazar se Nize bella;
pois dando-se a mais donzella,
hoje hum recebe somente;
ter-me ham por mal dizente,
mas nam tenho culpa eu,
que sou mui captivo seu;
a verdade aqui sò conto,
sem lhe accrescentar hum ponto
do que ella no vazo deo.

Ao Muzico Braz Luiz, a quem deraõ huãs bordoadas de
noite.

Decima

Huma triste entoaçam
vos cantaram Braz Luiz,
e se hé como se diz
foi solfa de Fá Bordam;
poiz no compasso da mam
onde a valia se apura
parecia solfa escura,
porque a mam, que a guiava,
nem no ar, nem no cham dava,
sempre em cima da Figura.

/8r/

Ao Cazamento de Ignacio Pissarro

1
Cazou Filippa rapada
com hum Guapo do Lugar,
e porque quiz bem cazar,
ficou arto mal cazada;
hoje hé a mal maridada
do Sitio de Sam Francisco,
porque o Guapo vendo o risco,
que seo credito corria,
em vez de dar-lhe a maquia,
a contentou c'hum belisco.

2
Que nam consumou se fala,
porque o Noivo em tanta gloria

se pôz fraco de memoria,
e esqueceo-lhe o cavalgala;
a Noiva faz disso galla
porque ficou com a honrinha,
e elle diz, que assim convinha,
porque se hum homem de bem
nam tira a honra a ninguem,
menos a quem jà a nam tinha.

/8v/

3

Elle está muito arriscado
a hum successo infeliz,
porque o que della se diz,
dizem que o tem bem provado;
a mim nam me dá cuidado
ver que o Noivo consentio,
porque se elle a dormio,
e diz, que o hà de provar,
se o comprio, hei de eu mostrar,
que jà provou, e comprio.

4

Fez o Noivo as carreirinhas
huma airosa retirada,
vendo estar fortificada
a Praça com tantas linhas;
e eu já pelas contas minhas
tenho a maranha entendida,
e hé, que o Noivo em sua vida
nam quiz que o vulgo malvado

dicesse, que andava assado
por huma mulher cozida.

/9r/

5
Se cozeo o birbigam,
como diz a gente toda,
muito a Moça me accomoda
para Arrais de hum galiam;
porque se a sua intençam
foi acaso em tanta bulha
meter (fora vâ de pulha)
huma fragata alteroza
por barra tam perigoza,
hé, que se fiou na agulha.

6
O Noivo se veyo embora,
e ella chora ao que eu creyo,
porque o Noivo se nam veyo,
nam intendo esta Senhora;
mas o que se teme agora
hé, que hum dos cunhados mande,
que o pleito vá a Roma, e ande,
e eu nam sei, que Demo o toma,
pois quer que passe por Roma
Mulher de nariz tam grande.

/9v/

Ao Padre Antonio Marques de Peralda.

1

A tua perada mica,
nam te espantes, que me enoje,
porque hé força, que a antoje
sendo doce de botica;
o gosto nam se me applica
a huma conserva fanada,
e embotes tam redomada,
que sempre por ter que almoces
achas para tam mãos doces
a tutia preparada.

2

Se tua Tia arganàz
te fez essa alcomonia,
com colher nam ta faria,
com espatula ta faz,
criaste-te de rapaz
com pingue dessas redomas,
e hoje tal asco lhe tomas,
que tendo huma herança rica
nas raizes da botica,
com tudo nam tens, que comas.

/10r/

3

Teo juizo hé tam confuso,
que quando a qualquer christam
lhe entra o uso da razam
de entam lhe perdeste o uso;
sempre foste tam obtuso,

que já desde Estudantete
te tinham por hum doidete,
porque eras visto por alto
na falla falso contralto,
na vista fino falsete.

4

Correndo os annos cresceste,
e se dizia em susurro,
que era o teo crescer de burro,
pois cresceste, e aborreceste;
logo em tudo te meteste
querendo ser eminente
nas artes, que estuda a Gente,
mas deixou te a tua asnia
Abel na philosophia,
na poezia innocente.

/10v/

5

Deram-te as primeiras Linhas
versos de tam baixa esfera,
que o seo menor erro era,
serem feitos às Negrinhas;
com estas mesmas Pretinhas
por mais, que te debaptizes,
gastastes os bens infelizes
do Marquez rico ervolario,
porque todo o Boticario
hé mui rico de raizes.

6

Sendo hum zote tam supino,
es tam confiado alvar,
que andas por ahì a pregar
gerigonças ao divino;
pregas como Capuchinho,
porque esta traça madura
hum curado te assegura;
crendo sua Senhoria,
que a botica te daria
as virtudes para Cura.

/11r/

7

Mas elle se acha enganado,
pois se vê evidentemente,
que os botes para hum doente
sam, mas nam para hum curado;
entraste tam esfaimado
a comer do sacrificio,
que todo o futuro officio
cantaste sobre fiado,
pelos tirar de contado
ao Dono do Beneficio.

8

Nenhuma outra couza hé
este andar dos teos alparques,
mais que ser filho do Marques
vizinho da Santa Sé;
outro da mesma relé,

tam Marques, e tam birbante,
te serve agora de Atlante,
porque para conjurar-se,
hé facil de congregar-se
hum com outro semelhante.

/11v/

A certo clerigo.

1

A vos Padre Balthazar,
vam os meos versos direitos,
porque sam vossos defeitos,
mais que as arêas do mar;
e bem que estaes n'hum lugar
tam remoto, e tam profundo,
em concubinato immundo
como sois Padre Miranda,
o vosso poder tresanda
pelas canteiras do Mundo.

2

Cá temos averiguado,
que os vossos concubinatos,
sam como hum par de çapatos,
hum negro, outro apolvilhado;
de huma, e outra côr calçado
sahis pela porta fora,
hora negra, e parda hora,
que hum zote camaliam
toda a côr toma, se nam
que a da vergonha, o nam cora.

3

Vossa luxuria indiscreta
hé tam pezada, e violenta,
que em dous bastoens se sustenta,
huma Parda, e huma Preta;
c'huma puta se aquieta
o membro mais deshonesto,
porem o vosso indigesto
ha mister na occaziam
a Negra para travam,
a Parda para cabresto.

4

Sem huma, e outra Cadella,
nam se embarca o Polifemo,
porque a Negra o leve a remo,
e a Mulata o leve a vélla;
elle vai por sentinella,
porque ellas nam dem à bomba,
porem como qualquer zomba
do Padre, que maravilha,
que ellas despejem a quilha,
e elle ao fedor faça tromba.

5

Ellas sem magoa, nem dor,
lhe poem os córnos em pinha,
porque a puta, e a galinha

tem sò o officio de por;
òvos a franga peor,
córnos a puta mais casta,
e quando a negra se agasta,
e com o Padre se disputa,
lhe diz, que antes quer ser puta,
que fazer com elle casta.

6

A Negrinha se pespega
com hum Amigam de corona,
que sempre o rifam entona,
que o maior Amigo apega;
a Mulatinha se esfrega,
com hum Mestiço requeimado
destes de pernil tostado,
que a cunha do mesmo pão
em obras de bacalháo
fecha como cadêado.

/13r/

7

Com toda esta cornoalha
diz elle cégo de amor,
que as Negras tudo hé primor,
e as Brancas tudo hé canalha;
isto fas a erva, e a palha,
de que o Burro se sustenta,
que hum destes nam se contenta,
salvo se lhe dam por capa,
para a rua huma gualdrapa,
para a cama huma Jumenta.

8

Há bulhas muito renhidas
em havendo algum ciúme,
porque elle sempre presume
de as ver sempre presumidas;
mas ellas de mui queridas
vendo, que o Padre de borra
em fogo de amor se torra,
andam por negarlhe a graça,
ellas já com elle à maça,
e elle com ellas à porra.

/13v/

9

Veyo huma noite de fora,
e achando em seo vituperio
a Mulata em adulterio,
tocou à arma a deshora;
e porque pegou com mora
no rayo de chumbo ardente,
foi-se o cam seguramente,
que como estava o coitado
tam leve, e descarregado
se pode hir ligeiramente.

10

Porque hê grande demandam
o senhor zote Miranda,
que tudo o que vê demanda,
seja de quem for o cham;
por isso o Padre Cabram

de continuo està a jurar,
que os caens lho haõ de pagar,
e que as couzas, que tem dado,
lhas haõ de por de contado,
e elle as ha de arrecadar.

/14r/

A hum Clerigo, que punio por huã satyra

1
Reverendo Padre alvar
basta que por vossos modos
sahis a campo por todos
os Mariolas de Altar!
mal podia em vos fallar,
quem noticia, nem suspeita
tinha de asno de tal seita,
mas como vos veyo a justo
a satyra, estaes com susto,
de que por vos fora feita.

2
Com vosco a minha Camena,
nam falla, se vos nam poupa,
porque sois mui fraca roupa
para alvo da minha penna;
se alguem se queima, e condemna,
porque vê que os meos apodos
vem frizando com os seos modos,
ninguem os tome por si,
hum pelo outro, isso si,
e assim frizaram com todos.

3

Vos com malicia veloz
applicai-o a algum coitado,
que esse tal terá o cuidado
de vo lo applicar a vos;
desta applicaçam atroz
de hum por outro, e outro por hum,
como nam livrar nenhum,
ninguem do Poeta entam
se virà a queixar, senam
do poema, que hé commum.

4

Bonetes da minha mam,
como os Lanço ao ar direitos,
cahindo em varios sugeitos,
a huns servem, a outros nam;
nam consiste o seo senam,
nem menos está o seo mal,
na obra, ou no official,
está na torpe cabeça,
que se ajusta, e se endereça
pelos moldes de obra tal.

5

E pois, Padre, vos importa
nos meos moldes nam entrar,
deveis logo emdireitar

a cabeça, que anda torta;
mas sendo huã praça morta,
e hum zotissimo ignorante,
vir-vos-ha a Musa picante
a vos Padre mentecapto,
de molde, como çapato,
e mais justa, do que hum guante.

6

Outra vez vos nam metaes
sentir alheos trabalhos,
que diram, que comeis alhos
Galegos, pois vos queimaes;
e porque melhor saibaes,
que os zotes, de que haveis dor,
sam de abatido valor,
pezem os vossos sentidos,
quaes seram os defendidos,
sendo vos o defensor.

/15v/

Ao Governador da *Babia* Antonio Luiz *Gonçalvez* da
Camara Coitinho, Almotacè Mor do Reyno.

1

Veyo ao Espirito Santo
da Ilha de Madeira Alves
hum Escudeiro Gonsalves
mais pobretam, que outro tanto;
e topando a cada canto,
as Tapuyas do Lugar,

havendo huma de tomar,
para bainha da Espada
tomou Victoria agradada
que entam lhe soube agradar.

2

A tal, era huma Tapuya
groça como huma Giboya,
que roncava de tipoya,
e manducava de cuya:
tocando ella a Alleluia
tirava elle a columbrina,
com tal estrago, e ruina,
que chegando a conjunçam
lhe encaixou a opilaçam
por entre as vias da ourina.

/16r/

3

Pario a seo tempo hum cuco,
hum monstro, digo humano,
que no bico era Tocano,
e no sangue Mamaluco:
e nam tendo bazaruco,
com que faça o baptizado,
lhe assistio sem ser rogado
hum trosso de fidalguia,
pedestre cavallaria,
toda de beijo furado.

4

O Cura, que nam curou
de buscar no Calendario
nome de Santo ordinario,
por Ambrozio o baptizou:
tanto o Culumim mamou,
e taes forças tomou, que
antes de se por em pé,
e antes de está já de vez
nam fallava o Portuguez,
mas dizia o seo cobé.

/16v/

5

Cançado de ver a Avôa
com as cuyas à dependura,
tratou de hir buscar ventura,
e embarcou n'hum canoa:
hindo aportar à Lisboa,
presumio de fidalguia,
cuidou, que era outra Bahia,
onde basta a presumpçam
para fazer-lhe hum christam
muchissima cortezia.

6

Cazou com huma rascoa,
que por elle ardia em chamas,
e era criada das Damas
da Rainha de Lisboa:
era huma grande pessoa,

porque tinha hum cartapacio,
onde estudava de espacio
todo o primor cortezam,
que athé hum sujo esfregam
cheira ao primor de Palacio.

/17r/

7

Nasceo deste matrimonio
um Anjo, digo hum Marmanjo,
que era no simples hum Anjo,
e no maligno hum Demonio:
deram lhe por nome Antonio,
oh se o Santo tal cuidara,
eu creyo, que se irritara
o Santo Portuguez tanto,
que deixara de ser Santo,
e o nome lhe nam tomara.

8

Este pois por exaltar-se
veyo reger a Bahia,
que bom governo faria,
quem nam sabe governar-se:
se elle quizera enforcarse
pelos que enforçar queria,
que bom dia nos daria,
mas elle tam mal se salva,
que quando dava a má alva,
entam tomava o bom dia.

9

O Ministro ha de ser sãõ
justo, e desinteressado:
ha de ter odio ao pecádo,
e ao pecador compaixam:
que se tem má propençam,
fará justiça com vicio;
e se maior maleficio
tem, e pode condemnar-me
Livre me Deos de julgar me
official de meo officio.

10

Que porque furto, o que coma,
me enforquem, pode passar;
mas que me mande enforcar
a Bengala, de hum Sodoma!
quem soffrerá, que Mafoma
me queime por mão christam,
vendo que Mafoma hê hum cam,
velhaco de suja alparca,
e o mais torpe Heresiarca,
que houve entre os filhos de Adam?

11

Quem na terra soffreria,
que o fedor de hum ataude,
com bioco de virtude,

simulasse a Sodomia:
e de facto cada dia
desse ao povo hum enforcado,
e que de puro malvado
desse esse dia hum banquete,
e alegrasse o seo bofete
com bom vinho, e bom bocado?

12

O bem, que os mais bens enserra,
e as glorias todas contem,
hé reinar, quem reina bem,
pois figura a Deos na Terra.
Eu cuido, que o mundo erra
nesta alta reputaçam,
pois se erra o Rey huma aççam,
paga o seo alto attributo
hum tristissimo tributo,
e miserrima pençam.

/18v/

13

O Principe Soberano,
bom christam, temente a Deos,
se o nam socorrem os Ceos
pensoens paga ao ser de humano:
està sugeito ao tiranno,
que adulando ambicioso
hé Aspide venenoso,
que achando lhe os sentidos
turbado o deixa de ouvidos,
de olhos o deixa Lodozo.

14

Se fora El Rey informado
de quem o Tocano era,
a Bahia nam viera
governar a hum Povo honrado;
mas foi El Rey enganado,
e eu com o Povo o paguei,
que hé já costume, hé já Ley,
dos Reinos sem intervallos,
pagar os tristes vassallos
os desacertos do Rey.

/19r/

15

Pagamos, que hum Figurilha
corcova de canastram,
com nariz de rebecam,
e cara de bandurriilha:
descompozesse a quadrilha
dos homens, mais bem nascidos,
e que dos mal procedidos
tanta estimaçam fizesse,
que honras, e postos lhes desse,
por lhe encherem os ouvidos.

16

Pagamos ver que esta Hyena,
que com a voz nos engana,
pois falla como putana,
e como fera condemna;
que huma Terra tão amena,

tam fertil, e tam fecunda,
a tornasse tam immunda,
falta de saude, e pam,
mas foi força, que tal mam
peste, e fome nos infunda!

/19v/

17

Pagamos, que hum homem bronco,
racional, como hum calhão,
mamaluco em quarto grão,
e maligno desde o tronco;
apenas se dá hum ronco,
em briga a penas se falla,
quando os Sargentos à escalla
prendem com descortezia
os honrados na enxovia,
todo o patifam na sala.

18

Pagamos, que hum Sodomita,
porque o seo vicio dicesse,
todo o homem aborrecesse
que com mulheres cohabita:
e porque ninguem lhe quita
ser hum vigario geral,
com pretexto paternal
aos filhos, e aos criados
os tinha sempre fechados
pelo peccado carnal.

19

Pagamos, que o tal jumento
izento de mãos guardunhas,
nam furtasse pelas unhas
se nam por consentimento:
porque os quatro vezes cento,
que se vieram trazer
ao seo Capitam mulher,
porque o pam suba mais dez,
nam foi furto, que elle fez,
mais deo geito a se fazer.

20

Pagamos ver o Prelado,
que se pecca hé de prudente,
dos serventes de hum agente
descortezmente ultrajado:
o sobrinho amortalhado
com tam fidalgos brazoens
pela puta de calçoens,
que fiado em ser valido
fez do sangue esclarecido
tam lastimozos borroens.

21

Pagamos com dor interna,
que nos passos da Paixam
tam devoto hé da prizam,

que quer Levar a lanterna:
se intende, que a gloria eterna
prendendo ha de merecer,
fora melhor intender,
que ao Ceo darà mais agrado
nam dormirse com o criado,
que desvelarse em prender.

22

Pagamos vello aspirar,
e estar com expectativas,
de ser Conde das Maldivas,
por serviços de enforçar:
e como mandou tirar
hum rol dos quatro marâos,
que enforcou por vaganâos,
cuidei assim Deos me valha,
que entre os Condes da baralha
fosse elle o Conde de pãos.

/21r/

23

Porem Sua Magestade,
qual Principe Soberano,
que nam se indigna de humano
sem damno da Dignidade;
conhecida esta verdade,
que hé verdade conhecida,
farà justiça cumprida,
para que se lhe agradeça,
que o mão na propria cabeça
traga a justiça apre[n]dida.

24

E porque nos de antemam
a seos favores mostremos,
quanto lhos agradecemos,
lhe agradecemos Dom Joam:
hé muito justo, hé razam
conforme o direito, e Ley,
quando o Rey auzente a Grey
outro em seo lugar quer pôr,
que seja o Governador
tam Fidalgo como o Rey.

/21v/

A prizam do Capitam Joam Teixeira de Men=
donça, sendo Thesoureiro dos Defuntos, e auzentes.

1

O Senhor Joam Teixeira
Mendonça de quando em quando
na Cadea está purgando
humores de Ladroeira:
a putaina, que era herdeira
vniversal dos defuntos
perdeo redomas, e untos,
e está já dezenganada,
que o Ladram mata a porcada,
e o Fisco come os presuntos.

2

Tinha o Fidalgo mingoado
como ladram tam astuto,

os bens em Lugar enxuto,
mas mal acondicionado:
estava o barco ancorado
e nisso esteve a ruina,
porque a carga era rapina,
e deo-nos espanto, e magoa,
de que pela vêa da agoa
se desse naquella mina.

/22r/

3
As Almas do Purgatorio,
como os fardos eram seos,
estavam pedindo a Deos
cada qual seo envoltorio:
ouvio Deos o peditorio,
e com ter tam forte mam,
em qualquer execuçam
vendo-as perder por instantes
se ajudou de huns Ajudantes
para fazer a prizam.

4
Foram elles à Setia
e dizem que se prendera
porque tam sofrego era,
que furtava, e nam partia:
o Thezoureiro este dia
fazia conta de se hir,
e a tardança o fez cahir,
e entam se lhe ouvio dizer

furtava para esconder;
porem nam para partir.

/22v/

5
Ladram como mentecapto
no profundo do poràm
passado como ladram,
e triste como malato:
deram lhe muito mão trato
em o trazer amarrado,
sendo, que andou como honrado
em seguir aquella via
que eu nam vi na fidalguia
Mendonça sem ter Furtado.

6
A parentella seria
que hé gente, que aqui graceja,
porque lhe cauzava inveja
ver que lhe dava honraria:
alvorçou-se a Bahia
entre admiraçam, e gozo
porque era cazo espantozo,
que tomasse sem ser Saulo
o caminho de Sam Paulo
hum Ladram facinerozo.

23r/

7
Ficou no porto a Setia,
e o Thezoureiro salvage

chegou sem fazer viage
a salvamento a enxovia:
diz o Povo que fogia,
por de todo estar quebrado,
mas o Povo està enganado,
porque eu vi o Thezoureiro
na Cadea muito inteiro,
e mui dezavergonhado.

8
Já dizem as profecias
dos homens experimentados,
que a quatro dias andados,
ou que daqui a quatro dias:
todas as Thezourarias
adrede lhas ham-de dar,
por ser homem singular
que guarda a rigor da Ley
tanto a fazenda de El Rey,
que El Rey a nam pode achar.

/23v/

9
E se a Justiça lhe deo
no rasto por tantas calmas,
jà dice, que foram Almas
que chorava pelo seo:
aos Santos sempre ouvi eu,
que era seguro o furtar
porque nam podem fallar
mas de Almas nam hà fiar-se,

que se nam podem queixarse
com tudo podem rezar.

10

Toda a cidade notou,
que este Thezoureiro alvar
hé tam destro no embolsar,
que a si mesmo se embolsou:
na cadea se encaixou
que há bolsa de mãos ladroens,
e seos doudos cabeçoens
fazem crime de ausentar-se,
hey medo que ha de chegar-se
o verdugo a seos calsoens.

/24r/

A hum Pedreiro, de quem se retirou certa mulher,
pela tratar com menos estimaçam.

1

Senhor Mestre de jornal,
quem vir o seo coraçam
dirà logo, que hé torram
na obra de pedra, e cal;
e se acazo por meo mal
nam foi constante commigo
sendo pedra, e cal comsigo,
caya, e quebre o bom conselho,
que assim faz hum muro velho,
assim o cazebre antigo.

2

Se Lá trata caens surrados,
e cuida que me dà pique,
eu tomo por meo despique
tratar com homens honrados:
os seos jornaes acabados,
acabou se lhe a comenda:
eu tenho segura a renda,
porque hum homem principal
sem suar com pedra, e cal
dá muchissima fazenda.

/24v/

3

A Dama do jornaleiro
muito sua, e pouco medra
cuida que pega na pedra
se a mam lhe toma hum Pedreiro:
eu dei n'hum mão paradeiro,
mas soube me retirar,
que se me deixo beijar
do pedreiro, que me toca
hé meter me elle na bocca
pedra, e cal para amassar.

4

Lá faça a sua bambolha,
onde há tam pórca mulher,
que pela sua colher
vá comendo sobre a trolha:
eu cá como a limpa olha

tam limpa, cheiroza, e grata,
que hê o menos colher de prata:
e sou tam firme em pagalo,
que regalo por regalo
cuido que nam fico ingrata.

/25r/

5

Graças a Deos, que me sôa
a limpeza o meo amor,
e me nam fede o suor
do pedreiro, que me enjoa,
jà agora me sinto boa,
já agora o gosto me pede,
que seja formoza adrede,
que fêa talvez se para
a mulher, que tôrce a cara
tendo amante, que lhe fede.

6

A Deos pois meo Pedreirinho,
a Deos, meo colher, e trolha,
a Deos, caldo de mà olha,
a Deos triste rapozinho:
que eu posta no meo moinho
entre os meos mariscadores
cômo os mariscos melhores,
o bom peixe, e nam o mão,
nem o duro bacalhão
de pedreiros malhadores.

A hum sugeito, que por cauza de huma Luz nam
logrou huã Dama, de quem entam recebera hum anel.

1

Amigo a quem nam conheço,
inda que amigo vos chamo,
pois no dezar com que amo,
a vos tanto me pareço:
bem alcanço, e reconheço,
qual hé a força do destino,
mas se o dezar mais mofino
estorva a luz da razam,
como a luz de hum lampiam
perdeis da ventura o tino?

2

Nam duvido, que sejaes
ave cuco em Noroéga,
se mostraes, que a luz vos cega,
perdendo o que á Luz buscaes:
ave nocturna cortaes
a sombra mais denegrida,
e à luz, que hé vossa homicida
perdeis (estranho rigor)
empreza, dama, e favor,
esperança, amor, e vida.

3

Que Madama, ou que Senhora
tendes tam pouco brilhante,

se vemos, que a todo o Amante
sua Dama, hé sua aurora!
cuidava eu que na hora,
que hum Amante a Dama via
nessa hora lhe amanhecia,
e a vossa Dama chegou,
mas nem docar-se³ deixou
por falta da Luz do dia.

4
Hé verdade, que a candêa,
rompeo da noite o capuz,
mas dai vos ao Demo a Luz,
que estorva, e nam alumêa:
dai ao Demo a luz que atéa,
para o damno vos ordir,
a luz sirva de luzir,
e nam sirva de estorvar
luza para alumiar,
e nam para descobrir.

/26v/

5
E se a luz o véo nocturno
rompeo por vos dar na treta,
de Venus nam foi cometta,
foi influxo de Saturno:
se de hum Planeta diurno
rayo de Luz campeará,
nem gostos vos estorvara,
nem quem ereis descobrira,

a Moça mais se enxerira,
e algo mas se negociara.

6

E se o Dono, que aguardava,
qual vigia sempiterna,
nam vira a luz da lanterna
se ella vinha, ou se ficava:
e em quanto se apolegava
essa pera mal madura,
a ser pela noite escura
ficara a Moça sincera
derretida como cera,
batida como costura.

/27r/

7

Mas vos sobre tanto anhello
ficastes em tal desdoiro
com hum anel, que se era de oiro
era anel do seo cabelo:
quiz pagar vos o desvelo
de perder aquella gloria
tam breve, e tam transitoria,
e porque lembre hum successo
tam infausto, e tam avesso,
vo lo deixou na memoria.

8

Vos a prenda recebestes,
e vendo a perda tam clara

da luz, que vos desgostara
por esta vos esqueceste:
qual mercador vos houvestes,
e faltastes na verdade
do amor a sinceridade,
pois à Moça nam servistes,
e da memoria a despistes
em desconto da vontade

/27v/

A hum Barqueiro de Marapé, que havia sido
grumete da Nau, em que o Poeta veyo
de Portugal, muito presumido
de gentil homem, valente,
e namorado.

1

Por gentil homem vos tendes,
por valente, e namorado,
que a hum Fernandes nam hé dado,
e cahe melhor em hum Mendes:
e pois as prendas retendes,
que em boa philosophia
nenhuma em vos caberia,
tam grande amor me deveis,
que porque vos o dizeis,
vo lo creyo em cortezia.

/28r/

2

Sò por cerimonia urbana
me resolvera eu a crer,

que podeis formoso ser,
tendo olhos de porçolana:
se vo lo diz vossa mana
(que se a tendes, preta hé)
por vos manter nessa fé,
sabei, que vos troca as prozas,
porque sam mui mentirozas
as Negras de Marapé.

3
Que sois valente bem creyo,
que esses pulsos, essas pernas,
e o grosso dessas cavernas
me estam dizendo = temey-o:
eu vos creyo, e vos recreyo
nam falleis mais nisso = tá;
porque em rigor claro está,
que hum valentam Dom Ortiz,
me assusta quando mo diz,
e outra vez quando mo dá.

/28v/

4
Mas quanto a ser namorado,
nisso consiste a questam,
que esta vez vos vou a mam,
como quem vos vai ao dado:
todo o Americano estado,
que digo? este mundo inteiro
namorei eu tam primeiro,
que nisto de namorar

podeis vos commigo estar
à soldada de escudeiro.

5

Sou namorado de chapa,
e da idade pueril
de Portugal, e Brazil
tenho namorado o mappa:
nenhuma cara me escapa,
e em todo o rosto me embarco,
e vos no salgado charco,
posto que em vãos pensamentos
sempre andaes bebendo os ventos,
que hê bom para o vosso barco.

/29r/

A certo Alferes da Ordenança, que sendo
Levado da Cadêa a prezença do Ouvi=
dor do Crime, se precipitou de hu=
ma das janellas da caza
deste, e molestandose
nos quadriz, se re=
fugiu comtudo
no Convento
de S.Francisco

1

Se vos foreis tam ouzado
nos militares assaltos,
como sois destro nos saltos
foreis hum grande soldado:

mas eu tenho averiguado,
quam distincto vem a ser
saltar, para escafeder
de assaltar para triunfar:
vos saltaes por escapar
nam saltaes por vencer.

/29v/

2

Lançaeste-vos brutaemente
e a cahires na razam,
como cahistes no cham,
foreis discreto, e prudente:
ficou espantada a gente,
vendo que apenas cahistes
quando a carreira fogistes,
e hé, que os que se confundiram,
por entonces nam cahiram
no aperto em que vos vistes.

3

Cahir, sem susto, ou pavor,
Levantar, correr, fugir,
hé ser corrente em cahir,
como qualquer peccador:
porem fora-vos melhor
nam cahir na falta, em que
cahistes, faltando a fé,
e verdade tam devida,
à quem por essa cahida
sobir vos pode a polé.

4

Dizem, que estaes retrahido
curando-vos de quebrado,
com que hoje sois mais soldado,
porque hontem fostes rompido:
tenho por melhor partido,
que em caza do Provedor
assente praça hum Tambor,
e vos quando escafedeis
a de Soldado assenteis
na calçada do Ouvidor.

5

Bom será, que vos cureis
nesse Convento Sagrado,
donde sahindo soldado,
por força o posto deixeis:
quando o venablo encosteis,
que eu vo lo approvo, e concedo,
vos advirto em tal enredo
se sois homem de bom gosto,
que vos reformeis de posto,
nam tanto como de medo.

6

O Alcaide acelerado
vos teve quazi colhido,
mas ficou muito corrido,

e vos pouco envergonhado:
se vos nam causa cuidado
estar entre ardentes brazas
calafetando linhaças
por tanto osso quebrado
hé, porque a hum razo soldado
lhe bastam cadeiras razas.

A huma Mulata.
Decima.

Huma com outra sam duas
cá pela minha taboada,
e vos Mulata esfaimada,
quereis duas vezes duas:
se isto vos dera por Luas,
ou vos dera cada mez,
dera-vos trez vezes trez;
mas quatro entre dia, e noite,
dera-vos eu tanto açoite,
que fora dez vezes dez.

/31r/

A certo Capitam da Ordenança chamado
Adam, que hindo da Cadea com licença
do Carcereiro ver com a sua concubi=
na huma Comedia no Sitio da
Palma, fingio ter desmentido
hum pé para nam tornar
Logo para a prizam, e
com elle emplastado

veyo para ella à re=
querimento da Parte.

1

Dizem Senhor Capitam,
que quando a Palma marchastes,
a vossa Eva Levastes
como Adam, e bom Adam:
dizem-me também que entam
a esse terreno sagrado
da Palma hieis convidado,
para ver huma comedia,
que para vos foi tragedia,
pois sahistes aleijado.

/31v/

2

A Nympha com seos extremos
vos quis da via torcer,
que nos por huma mulher
a cabeça, e pés torcemos:
todos o mesmo fazemos,
e o temos todos a asnice,
se nam eu, que logo dice,
quando o pé se vos entreva,
que se Adam se achou com Eva,
era força, que cahisse.

3

Vos manquejastes de hum pé,
e segundo sois Gascam,

podieis cantar entam =
nan já do pernil bofé =
tam malato estaveis, que
faltastes ao Carcereiro
quasi, quasi hum mez inteiro,
athe que de importunado
fostes a hum pão arrimado
com figura de embusteiro.

/32r/

4
O Carcereiro entendia
que estaveis pior, que mal,
porque a figura era tal,
que o mesmo bordam vos cria:
Peralvilho parecia,
Senhor o vosso modilho:
porem se eu nesse corrillo
fora, e com o pão vos cascara,
creyo, que o pé vos voara,
como voou Peralvilho.

5
De ver-se o pè desmentido
tomou tam grande pezar,
que por de vos se vingar
andou trez dias sentido:
envergonhado, e corrido
de ver, que o desacataes,
foi cauza dos vossos ays,
que eu por justos avalio,

porque a hum pé de tanto brio,
outra vez nam desmintaes.

/32v/

6
Vos sois muito boa prêa,
e todos sabemos, que
desse pé tomasteis pé,
para nam vir a Cadêa:
mas a Parte, que recêa,
e tem grandissimo medo,
que lhe façaes hum enredo,
fez, que fosseis recolhido,
porque para hum pé torcido,
remedio hê estar-se quedo.

Aos furtos, *que* faziaõ os Administradores do *Engenho* da
Cajahiba.

Decima<s>.

Viva o insigne Ladram,
que todo o melado estanca,
segundo Jorge da França
em contas, e expediçam:
viva o mais fino vilam,
que o Porto à Bahia deo;
e viva o Feitor Sandeo,
que nam apaga este fogo;
porque ali se joga o jogo =
calte tu, calar-me hei eu.

A hum Requerente chamado Peralvilho, *que* vendeo a causa
de hum clerigo, e furtou ao *Autor* hum caválo sellado

1

Peralvilho, ó Peralvilho,
podera de vos tomar
liçoens de peralvilhar
para ser reparalvilho:
vos sereis muito bom filho,
como eu entendo em rigor,
mas sois mão procurador
porque (aqui para entre nos)
em procurar para voz
sois contra-procurador.

2

Procurastes ao traidor,
e eu fiquei dezenganado,
que fostes já procurado
para mão procurador:
Là entregou a o Senhor
hum Judas Escariote,
vos Peralvilho Quixote
entregastes como a acinte,
ao vosso constituinte
como a simplez Sacerdote.

3⁴

Judas vendeo por dinheiro

a seo Mestre, e seo Rabbî,
a vos nem maravedi =
vos rendeo ser mão vendeiro:
Judas teve o paradeiro
da sua dor, e fadiga
n'huma figueira inimiga,
e vos de muito coitado
para seres enforcado
achaes figueira, nem figa.

4

As custas me heis de pagar
em ser tido por velhaco,
e por velhaco, e por caco
vos hei de os cacos quebrar:
caco nam ha de ficar
no vosso cazebre inteiro,
e por velhaco embusteiro
a vossa caza velhaca
teram por caza de caza,
e a vos por caco, e caqueiro.

/34r/

5

Sois hum simplez, e hum coitado,
e a mim nada me acobarda
pois furtando me huma albarda,
vos ficastes o albardado:
ficai agora ensinado
a andar pelo barbicaxo,
com focinho, triste, e baixo,

vendo que como ruim
me furtastes o rocim
para cahir delle abaixo.

6

Por traidor, e por falsario
a sentença vos condemna;
e para dar-vos a pena,
foi curto o vocabulario:
esgotouse o calendario
das nossas execuçoens,
e por encurtar razoens,
temi que no cazo atroz
cheirasses ao duro Algoz
os fundilhos dos calçoens.

/34v/

A hum Frade Franciscano, que em huma
grade se lhe pedio o habito para hum entre=
mez, ficou em bragas, e sendo já onze ho=
ras da noite, entendendo o chasco ca=
gou, e mijou toda a grade, e se poz
a cantar o miserere, a cujos gritos
se lhe mandou abrir a porta, e
se lhe deo o habito, e huma
Lanterna, com a qual
se foi aquellas horas
de Oddivellas
para Lisboa.

1

Reverendo Frei Carqueja,
cantarida com cordam,
magano da Religiam,
e mariola da Igreja;
Frei sarna, ou Frei bertoeja,
Frei pirtigo, que o centeo
moes, e nam das recreyo,
Frei burro de Lançamento,
pois que sendo hum Frei jumento,
es hum jumento sem freyo.

/35r/

2

Tu, que nas pardas cavernas
vives de hum grosso sayal,
e es carvoeiro infernal,
pois andas com saco em pernas;
lembrem-te aquellas fraternas,
que levaste a teo pezar,
quando a Prelada Bivar,
por culpas, que te cavou,
de dia te desfradou
para a noite te expulsar.

3

Pela dentada, que Adam
deo no vedado fruteiro,
de folhas fez hum coveiro,
e cobrio sem cordavam:
a ti o querer ser glotam

de outra maçãa reservada,
ao vento te pòz a ossada,
mas com differença muita,
que se nû te poz a fruita
tu nam lhe deste dentada.

/35v/

4
De Jozeph se diz cada hora,
que o fez hum servo de chapa,
deixar pela honra a capa
nas mãos da amante Senhora;
tu na mam, que te namora,
por honra, e por pundonor
deixas habito, e menor,
mas com desigual partido,
que Joseph de acommetido,
e tû de acommettedor.

5
Desfradado em conclusam
te viste no coiro puro,
como vinho bem maduro,
sendo que es hum cascarram;
era no alto seram
quando á gente as adevinhas
vio entre queixas mesquinhas
na varanda hum Frade andeiro
sahido do Limoeiro
a berrar pelas cazinhas.

6

Como Galhano na praça
appareceste ao luar
pobre roubado do mar,
e era verte hum mar de graça;
quando hum pasma, e outro embaça
nam me tenham por vizam,
pregavas ao povo entam
Frade sou inda em coeiros
torneime aos annos primeiros
e Bivar foi meo Jordam.

7

Porque Luz se te nam manda,
tu por nam dar n'hum ferrolho,
dizem que abriste o teo olho,
que hê cautella, que tresanda:
chovias por huma banda,
pela outra trovejavas,
viva tempestade andavas:
porque à comedia assistias,
que era tramoya fingias,
e na verdade o passavas.

8

Ninguem hà que vitupere
aquelle lance estupendo,
quando o teo peccado vendo,

tomaste o teo miserere;
mas hê bem, que me exaspere
de ver que todo o Sandeo,
que nos tratos se meteo
de Freiras, logo confessa,
que isso lhe deo na cabeça,
e a ti só no cu te deo.

9
Dessa hora temeraria
ficou a grade de guiza,
que se athe ali foi precisa
desde entam foi necessaria;
tu andaste como alimaria;
mas isso nam te desdoira,
porque fiado na coira
da brutescia Fradaria
estercaste estribaria
o que gostas manjadoira.

/37r/

10
Que es Frade de habilidade
das grandissima suspeita,
pois deixas camara feita
que foi the agora grade;
tu es hum corrente Frade
nos lances de amor, e brio,
pois achou teo desvario
ser melhor, e mais barato
do que dar o teo retrato
pôr na grade o teo feito.

11

Corrido emfim te ausentastes,
mas obrando ao regatam;
pois Levaste hum Lampiam
pela cera, que deixaste:
sujamente te vingaste
Frei azevre, ou Frei piorno,
e estás com grande sojorno,
e posto muito de perna,
sem veres, que essa lanterna,
ta deram, por darte hum corno.

/37v/

12

O com que perco o sentido,
hé ver, que em tam sujo tope
Levando a Freira o charope,
tu ficaste o escorrido:
na camara estás provido
em rheubarbo com capa,
mas lembro te Frei jalapa,
que por cagar no sagrado
o cû tens excommungado
se nam recorres ao Papa.

13

Muito em teos negocios medras
com o furor, que te destampa,
pois sendo hum louco de trampa,
te tem por louco de pedras:
e hé muito, que nam desmedras,

vendo te trapo, e farrapo,
antes com a Freira no papo,
como no sentido a tinhas,
parece que a vella vinhas,
pois vinhas com todo o trapo.

/38r/

14
Tu es magano de Lampa,
Bivar hê Freira travessa,
ella a ti pregou-te a peça
mas tu armaste-lhe a trampa;
se o teo cagar nunca escampa,
nunca esteja o teo capricho,
e pois ta pregou Frei micho
chame se por todo o mappa,
essa travessa de chapa,
e tû magano de esguicho.

A huãs Mulatas, pedindolhe huns versos, *para* festejaren en
caza a *Santo Antonio*

Decima

Dizei me, que mal me fez,
pois em cantos tam perversos
pedis, que meta em meos versos
Santo Antonio Portuguez?
se pedireis desta vez,
fosse a minha devoçam
a Sam Benedicto, entam

eu vos mandara hum emblema,
ou alias hum poema
mais preto do que hum tiçam.

/38v/

A certo Religioso Benedictino, que com ciumes
de certa Mulher cazada, queixando-se ao *Governador*
Antonio Luiz Gonçaves da Camara, de que
Thomaz Pinto Brandam a inquietava, af=
firmando ser sua Prima, o fez prender,
e hir para Angola.

Foi feita esta obra a rogo de certo amigo do
Autor para a mandar por novidade a hum Ir=
mam seo *Ecclesiastico*, que se achava na Universidade
de Coimbra.

1
Já que entre as calamidades,
em que a fortuna me enterra,
nam colho os frutos da terra,
vos mando outras novidades:
e como nesta as verdades
tem mais, que em outra amargor,
será ardil de mercador
embarcalas alem mar
porque a risco vam ganhar
dez por cento em seo valor.

2

Sucedem nesta Conquista
cada dia sobre os vasos
casos, que por serem casos
se propoem a hum Moralista:
cursava hum Frei Algebrista
de certa ordem sagrada
a aula de huma cazada,
que Lia em falsa cadeira
putaria verdadeira
por postilla adulterada.

3

Hia tomar-lhe a postilla
hum curioso Estudante,
secular, como hum diamante
Moço honrado desta villa;
e como tinha aquigila
o Frade no Companheiro,
lhe grunhia o dia inteiro
e o pobre do Secular
porque lhe havia encaixar
a penna no seo tinteiro.

4

Nam cuide que temo agoiros,
nem crêa de mim que sinta,
que me ande gastando a tinta,

mas nam destripe os padoiros;
queria dar lhe huns estoiros
ao pobre do Secular,
que como hia a furtar,
e lhe convinha o sofrer,
calava sò por comer,
comia sò por calar.

5

Mas o Frade impaciente
com tam leiga sociedade,
se vestio de caridade,
e foi queixar-se ao Regente:
disse, que o Moço insolente
defamava huma cazada,
e tinha a vida arriscada,
porque em certa occasiam
o Frade lhe dera ao cam,
e o cam lhe nam dera nada.

/40r/

6

O Regente que encaminha
tudo a boa providencia,
e posto que tem prudencia,
com tudo nam adevinha,
entendeo que a cazadinha
era parenta do Frade:
nam se enganou, que em verdade
estando ella com o mez
hé parenta em que lhe pez
do Frade em sanguinidade.

7

Prezo em fim o Secular,
porque a todos nos espante,
ser o primeiro Estudante,
que prendem por estudar;
o que venho a perguntar
hé quem foi o alcoviteiro
deste Fradinho embusteiro,
se a prizam, se o Regedor,
ou se acazo o prendedor,
que se diz Manoel Monteiro.

/40v/

8

O prezo tudo hé gritar,
que se ouve por toda a villa,
que delle tomar postilla
tem todos que argumentar;
o Frade tudo hé instar,
que a culpa hè muito malina,
que à poppa, ou pela bolina,
deve hir n'huma paviolla
o Secular para Angola,
porque elle fique na Mina.

9

Affirma o prezo em verdade,
que à aquella eschóla ruim
hia aprender mão Latim,
por se querer meter Frade,
e sua Paternidade

vzava de ingravidam,
pois sem cauza, e sem razam
a quem lhe fez o favor
de o ir desprender de amor
o tinha posto em prizam.

/41r/

10

Item que sempre fogia
do Fradinho as encontradas,
pois hia em horas minguadas
quando o Frade as cheas hia;
que sempre se lhe escondia,
por lhe ouvir, que hê sua Prima;
e porque elle o nam opprima
tomava em horas traidoras
a liçam das outras horas,
e lhe deixava as da prima.

11

Eu vos proponho os motivos
do successo, e seos fracassos,
porque quem ignora os casos,
nam sabe os nominativos,
que eu perco logo os estrivos
com estas filatarias,
pois vejo todos os dias,
que hum Frade seja quem quer,
pelo meyo de as perder,
assegura as putarias.

12

O pobre do Secular,
porque o cazo v`a distinto,
se chama Fulano Pinto,
mas j`a Pinto de gallar;
porem o Frei Alveitar,
que eu tenho por matulam,
nam entra em publicaçam,
porque eu perca esse regalo,
pois morro por baptizallo,
porque elle morra christam.

A hum Frade, que tratava com huã mulata chamada Vi=
cencia

1

Reverendo Frei Sovella,
saiba vossa reverencia,
que a carissima vicencia
poem cornos de cabedella;
tam varia gente sobre ella
vai, que nam entra em disputa,
que a ditto h`e mui dissoluta,
sendo que em todos os Povos
a galinha poem os ovos,
e poem os cornos a puta.

2

Se està vossa reverencia
sempre a janella do coro,
como nam vê o dezaforo
dos Vicencios com a Vicencia?
como nam vê a concurrencia
de tanto membro, e tam vario,
que ali entra de ordinario;
mas se hé Frade caracol,
bote esses cornos ao Sol
por cima do campanario.

3

Lá do alto verá vossê
a puta sem intervalos
tangida de mais badalos
que tem a torre da Sé:
verà andar a cabra mé
berrando atraz dos cabroens,
os ricos pelos tostoens,
os pobres por piedade,
os Leigos por amizade,
os Frades pelos pismoens.

4

Verá na realidade
aquillo, que já se entende
de huma Mulher, que se rende

às porcarias de hum Frade;
mas se nam vê de verdade
tanto lascivo exercicio,
hé porque cego do vicio
nam lhe entra no oculorum
o Saecula saeculorum
de huma puta de ab initio.

A hum Mulato chamado Thomé
Decima

O vosso nome, Thomé,
tem dous suppostos n'hum só:
sois cachorro pelo tó,
e sois bode pelo mé:
daqui toma o Povo pé
de vos tratar por cabram:
isso vos nam digo eu nam,
nem dizer tal me entrometo;
porem se nisso me meto,
o mé tó lhe dà razam.

/43r/

A certo Religiozo Franciscano, censurando huã
acçam de Gonçalo Ravasco Cavalcanti Albuquerque

1
Quem vos mete Frei Thomaz,
em julgar as mãos de amor,
fallando de hum amador,

que pode dar-vos seis, e ax;
sendo vos disso incapaz,
quem vos mete Frei tranquia
julgar se foi policia
o vomito, que arrotastes,
se quando vos o julgastes,
vomitastes huma asnia.

2

Sabeis porque vomitou
aquelle amante em jejum,
lembrou lhe o vosso bodum,
e a lembrança o enjoou;
e porque considerou,
que o tal bodum vomitado
era hum fedor refinado,
por não ver polluto hum ceo,
o cobrio com seo chapéo,
e em cobrillo o fez honrado.

/43v/

3

Vos sois hum pantufo em zancos,
mais ôco do que hum tonel,
e se estudaes no burel,
entendereis de tamancos,
que as açoens dos homens brancos,
tam branco como Fuam
nam as julga hum mangalham
creado em hum oratorio,
julgador do refeitorio,
que dà o vosso Guardiam.

4

O que sabeis Frei garrafa,
hé a traça, e a maneira,
com que estafeis huma Freira,
dizendo que vos estafa;
vos sahis com a manga gafa
da palangana, e tigella
de óvos moles com canella,
e tam mal correspondeis,
que esse tempo em que a comeis,
sam Temporas para ella.

/44r/

5

Item sabeis trasladar,
falto de proprios conselhos,
de trezentos sermoens velhos
hum sermam para pregar;
e como entre o pontear,
e sergir de obras alheas,
se enxergam vossas ideas
mostraes pregando de falço,
que sendo hum Frade descalço,
andaes pregando de mêas.

6

E pois vossa Reverencia
quiz ser julgador de Nora,
tenha paciencia, que agora
se lhe tira a residencia;
e inda que a minha clemencia

se há com dissimulaçam
Livre-se na relaçam
dos cargos em que hê culpado,
ser glotam como hum capado
como hum bode fodincham.

/44v/

A huma Dama, que estando a janella deo hum
peido ao tempo que passavão dous Franciscanos
a esmolla.

1

Sem tom, nem som por detraz
espirra Agueda a janella,
mas foi espirro de trela
porque tal estrondo faz;
que hum reverendo sagaz
Lastimado do que ouvia,
se jà nam foi que sentia
ouvir tal ronco ao trazeiro,
dice para o companheiro
irra para tua Tia.

2

Sentio se Agueda do irra,
e dice perdoe Frade
quem pede esmolla de tarde
nam se agasta com tal birra:
aqui nesta caza espirra
todo o coitado a queixada,
passe avante, que isso hé nada,

e se acazo se enfastia,
serà para sua Tia,
ou para o seo camarada.

/45r/

3
Basta que se escandaliza
do meo cû, porque se caga!
venha cà bocca de praga,
que couza hê, que o martyriza?
o peido que penaliza
hê sorrateiro, e calado,
o peido ha de ser falado,
ou ao menos estronduzo,
porque aquelle que hê fanhozo,
hê peido desconsolado.

4
Quantas vezes Frei remendo,
darà co meyo do cû
peido tam rasgado, e crû,
que lhe fique o rabo ardendo?
perdoe pois reverendo,
nam cuidei tambem ouvia,
e se esmolla me pedia,
aceite o por caridade,
se nam servir para hum Frade,
leve-o para sua Tia.

A Thomas Pinto Brandam estando prezo pelo Governador
Antonio Luiz *Gonçalvez* para o mandar para a Terra nova

1

Hé esta a quarta mo<n>çam,
que escreve o pobre Thomaz,
para ver se o tempo faz,
o que nam fez a razam:
dai me, Senhor atençaçam,
que a Musa se dezempenna;
e pois tanto me condemna
vosso rigor a penar
hei de vos satyrizar,
inda que com minha pena.

2

Alguem ha de presumir,
que vos quero molestar
pois hei de vos sò picar,
mas nam vos hei de ferir:
todos me podem ouvir;
pois descrevo hum General
no governo tam neutral,
que em seos effeitos contem
disfarçado todo o bem
com accidentes de mal.

3

Vinde cá: que mal vos fiz,

ou que odio em vos se enserra,
para me arrancar da terra,
que hê o meo bem de raiz?
olhai Antonio Luiz
isso hê meter me na côva,
pois sem dar fruto de prova
por ser hum fraco espinheiro,
me enxertaes em limoeiro
para por-me em terra nova.

4

Dais-me a presumir, Senhor,
que ElRey com força distinta
tirar vos da vossa Quinta
foi sò para me dispor:
se me plantaes por favor
neste de ferro quintal,
por ser planta natural,
mais bem disposto estarei
fora do Pomar delRey
Là no vosso feijoal.

/46v/

5

Dizem me tendes disposto
n'hum pataxo prizioneiro
para o Rio de Janeiro;
pois nam me vem muito a gosto:
dando a meos rogos disgosto:
nam deveis de estar lembrado
quando da paixam levado

me mandaveis sem demora
para Angola; e se entam fora
no mar morria affogado.

6

Pois já se me tem fadado,
que hei de ser por meo partido,
ou com Neptuno perdido
ou com Pirata ganhado:
vença-vos, Senhor, o fado,
que algum sertam ha de haver,
para de vos me esconder,
onde com pezar interno
chore no vosso governo
a pena de vos não ver.

/47r/

7

Se exâminaes meo valor,
cançaes-vos, Senhor em vam,
que excede a minha affeiçam
a todo o vosso rigor:
eu com extremos no amor,
vos no rigor pertinàs:
quanto o odio cruel vos fâz,
tanto eu sou mais vosso amigo;
porque estaes mais bem comigo
quanto estaes mais contumaz.

8

Se me quereis defender,
basta querello intentar,

se nam deixai-me matar,
que morro em fim por querer:
e se nada disto houver
na vossa magnificencia,
tirarei por consequencia,
que a potencia natural
nam he, que me fâs o mal,
fas me mal vossa Potencia.

/47v/

A huma Freira, que dice, que bom fora o Poeta saty=
rizar se tamben a si, pois era homem tam satyrico.

1

Freira, quereis que hum Pasquim
a mim mesmo faça em verso?
quando acazo me confesso
hé que digo mal de mim:
porem se por zoylo em fim
me tem essa Religiam
fazei, que jurisdicçam
vos dê a Abbadeça Madre,
e ouvireis sem seres Frade
toda a minha confissam.

2

Quereis, que eu seja hum marão?
marão sou; que quereis mais?
mão Poeta? hê porque daes
assumpto a que eu seja mão:
que quereis mais? dar-me hum grão

de asno? sou: que mor ventura,
pois com o grão da formatura,
que me daes ao vosso geito,
sempre trago o meo direito
entre o vosso por natura.

/48r/

3
Pois que mais? que sou magano?
que muito agora assim seja;
se hum perro zote de Igreja
por tal me tem tam ufano:
serei eu: mas de tal pano
tam pardo, que o perro hê,
me afasta Congo, e Guiné;
pois dos taes tendo o bodum
pode dizer: ego sum
e eu cantar: Libera me.

4
Ora pois com demazia
me tenho bem tonsurado,
que a satyra me tem dado
quatro grãos na Poezîa:
tambem vossa Senhoria
bem hê, que desta bolada
fique agora censurada
com quatro p.p.p.p. do Abecedario,
que declare o calendario
pobre, porca, perra, pada⁵.

Ao Capitam Rapadura, pedindo ao *Poeta* que lhe fizesse
huã obra sobre havelo purgado huã Femea cõ doce de araçã.

1

Munha Gente, vosse vê
estas loucuras borrachas
deste Capitam das tachas,
que logo direi quem hé?
veyo pedir de mercê,
que lhe celebrasse a cura
de huma purgaçam madura,
que a Amiga lhe tinha dado,
porque sem comer mellado
o fez cagar rapadura.

2

Eu cuidei, e hê de cuidar,
que a tal Femea sem agrado,
como o tinha já sangrado
o quereria purgar:
nam hà nella que estranhar,
nem que reprovar lhe a aççam,
antes muita compaixam;
porque quiz piedozamente,
que se era de amor doente,
ficasse com purgaçam.

3

Se Livraes do palalá,

alerta, meo Capitam,
que hé Puta, que dà pinham
com rebuço de araçá:
vosso Primo Mangará,
que nesta materia bole,
diz, que quem tal purga engole,
e no cagar tanto atura,
jà nam serà rapadura;
porque foi jâ rapa mole.

4

Temos por cà averiguado
com este vosso entremez,
que o pomo, que tam mal fez,
devia de ser vedado:
ficastes tam enganado,
que o bocado vos poz nû;
porem com modo tam crû,
que na vergonha primeira
Adam cobre a dianteira,
e vòs tapastes o cû.

/49v/

Estribillo.

Saiba-se em qualquer Lugar,
que esta Rapadura inteira,
foi da caza da caldeira
para a caza de purgar.

A certo Frade Provincial pregando do
Mandato

1

Inda està por decidir,
meo Padre Provincial,
se aquelle sermam fatal
foi de chorar, ou de rir:
cada qual pode infirir,
o que melhor lhe estiver;
porque aquella mà mulher
da perversa synagoga
fes no Sermam tal asnoga,
que o nam deixou entender.

/50r/

2

Certo, que este Lavapés
me deixou escangalhado
e quanto a mim foi trasado
para risonho entremez:
eu lhe quero dar das dez
a outro qualquer Pregador,
seja elle quem quer que for,
já Filosofo, ou Letrado,
e quero perder dobrado,
se fizer outro peyor.

3

E vossa Paternidade,
pelo que deve à virtude,

de taes pensamentos mude
que prega mal na verdade:
faça actos de charidade,
e trate de se emendar,
nam vos venha mais pregar;
que jurou o Mestre Escola,
que por pregar, para Angola
o haviam de degradar.

/50v/

A posse, que tomou de Capitam o Filho do Governador Antonio Luiz *Gonçalvez* da Camara.

1

Mil annos hà, que nam verso;
porque hà mais de mil, que brado,
vendo me tam mal versado
dos que me fazem perverso:
eu se fallo sou adverso,
se me calo sou peyor:
advirta pois o Leitor,
que entre calar, e dizer,
se o que fui, sempre hei de ser:
eu fallo seja o que for.

2

Do bellico, e musal Polo
venham quatro mil Pegazos,
quatro montes de Parnazos,
quatro novenas de Apollo:
no centro do meo miolo

formem huma plataforma;
que se acazo se reforma
deste meo plectro a miseria,
se o esquadram hê materia,
eu hei de fallar em forma.

/51r/

3
Toca arma de parte a parte,
mostre o Capitam briozo
o espirito bellicoso
nas galhardias de Marte:
por natureza, e por arte
veja sua Senhoria
os grandes da Infantaria
quam luzidamente todos,
por lhe usurparem os modos,
vam em sua Companhia.

4
Alto: que se nam me engano,
vejo o terror espantozo
do Ethiope fervorozo,
e pasmo do Americano:
guardas, que no estilo lhano
metido entre a Marcia gente
vai matando de repente:
ei-lo vem mui radiante
com escamas de galante
entre guelras de valente.

5

Vou marchando com louvor:
porque gosto neste estado
de ver, que o maior soldado
monta o Sargento Maior:
tanto me alenta o fervor
deste famoso Alencastro,
que creyo, que algum bom Astro
o conduzio a Bahia,
Castro alem da fidalguia,
sargento do melhor castro.

6

O Ajudante nam me abala
ser ao Terço velho opposto;
que ja nelle o vi composto,
e adornado com bembala:
quando o peito expoem à bala,
peleja com tanto engenho,
que aquelles, que com dezenho
o investem a todo o trote,
subtilmente dà garrote,
se nam mata com despenho.

7

Toda a historia nam aponta,
que tenha parelha igual,
hum nam sabe quanto val,

nem o outro quanto monta:
hum do que sabe, deo conta,
e sabe a conta que deo,
mas logo me admirei eu,
vendo, que aquelle, e aqueloutro,
nam se correndo hum com outro,
hoje hum com outro correo.

8

Muito hei sentido nam ter
aqui o Monteiro entrado;
pois hê homem de agrado,
que sò me soube prender:
o Mathias a exercer
supera o melhor centurio,
mas nenhum fi expurio
de contender nesta parte,
quanto Mathias com Marte
e o Monteiro com Mercurio.

/52v/

9

Veyo ali hum emplumado,
que no grangear de coro,
me parece homem de foro,
se nam hê dezaforado:
em quem hê ja tenho dado,
que o conheci pelo pico:
venha embora meo Perico
como queda alla ElRey?
eu com saude o deixei,
alegre de Joam, e Chico.

10

Para gloria dos vindouros
soprai Senhora Thalia,
a nova sargentaria
do famoso Joam de Couros:
ei-lo vai entre os estouros
formando merecimentos,
tanto que em sussuros Lentos
lhe chamam os Capitaens
sargento dos Escrivaens,
sendo Escrivão dos Sargentos.

/53r/

11

Alterou tanto a funçam
com a tenda da Campanha,
que era força haver façanha
onde sobrava a razam:
deo ao Povo hum alegram
na pipa da cortezia,
alem da muita alegria,
fes os pedestres crescer;
por que a pipa veyo a ser
o ramo da Companhia.

12

Tam sonoramente soa
de Joam a tarde bella,
que de Joam a capella
serve a Joam de corôa:
quando hum cala, o outro atroa,

este corre, aquelle cança,
e athe quiz entrar na dança
como entrou certo Mamam,
só eu neste sam Joam
nam pude fazer mudança.

/53v/

Ao Advogado Antonio *Rodriguez* da Costa que
estando despachando no seo Escritorio,
lhe entrou hum negro pela porta, e lhe
lançou huã panella de çugida =
de pela cabeça, na qual vi =
nham alguns camaroens

1

Estava o Doutor Gilvas
a margem da Livraria
ignorando o que fazia
e estudando o que nam faz;
quando huma Parte sagaz
lhe entrou com certas questoens,
e ao pagar lhe das razoens
lhe transformou no bofete,
a panella em capacete,
e em camara os camaroens.

/54r/

2

Huns camaroens em panella

era o mimo, e o presente,
que aquella Parte insolente
Levava ao Doutor Cabrella;
elle arremeçouse a ella,
mas mostrou lhe o seo peccado,
que do officio de Advogado,
em que estriba o seo sustento,
era aquillo hum provimento
pela camara passado.

3

Porque da camara era,
diz a Parte, que o levava,
que reverente o beijara,
e na cabeça o pozera,
que a panella se escorrera,
e da cara emmascarada
sahira tal enchorrada,
que o Doutor nesta occaziam
nam cegou de privaçam,
ficou cego de privada.

/54v/

4

Deste successo infeliz,
logo, e a todo o correr
teve noticia a Mulher
por avizos do nariz;
e posto que ver nam quiz
tal cara, com tal salmoira,
que a affea, e a desdoira,

vio na cabelleira cara,
que a decoada a tornara
mais çuja; porem mais loira.

5

Por evitar maior perda,
agoa, agoa pedio logo,
se nam para tanto fogo,
agoa para tanta merda;
lavou lhe cabelo, e cerda,
Lavou lhe roupa, e vestido,
e como o tinha sentido,
disse medroza, e velhaca,
vedes vos toda esta caza,
nam me cheira bem Marido.

/55r/

6

E porque mais agoa pede,
ella lhe dice, esta basta,
porque esta merda hê de casta,
que se a mais bolem, mais fede;
hide para a rua, e vede
a razam, com que vos movo,
na história fazei vos novo,
mostrai-vos leve na perda
porque esta merda, foi merda,
de que gostou todo o povo.

7

A Parte andou temeraria,

e com sobeja oizadia,
nam faria valentia,
mas fez couza necessaria:
vos como grande alimaria
no pleito lhe daveis perda
pois hum artigo o desherda,
e ella já pode affirmar,
quem me intenta desherdar
pela mesma boca me herda.

/55v/

8

Que era de engenho notorio
dà grandissima suspeita,
pois deixa camara feita,
o que foi sempre Escritorio;
mudai logo o consistorio
como Letrado de Lampa,
que já hoje o rizo escampa;
mas diz a gente travessa,
que vos farieis-lhe a peça
mas elle armou-vos a trampa.

9

Quem pos tal merda em tal capa,
tenho por ponto assentado,
que morrerà excomungado,
se nam recorrer ao papa;
vos sois Fidalgo de chapa
desde o Brazil the Európa,
pois quando a merda vos topa,

tanto fedeis, que ao nariz,
de moço de Camara his
a moço de guarda roupa.

/56r/

10

Se vos nam houve respeito,
que hê couza, em que se repara,
nem a cruz, que està na cara,
nem a cruz, que anda no peito;
ao que eu presumo, e suspeito
hê que nunca està seguro
de tanto quibungo impuro
cruzeiro em monturo alçado,
com que o vosso està cagado
por cruz posta em hum monturo.

11

A Parte, nam andou lerda
em vir com a panella chêa,
porque a mim me coube meya
panella co meya merda,
nam quis a fortuna esquerda,
que nos deo tam mà marê,
desigualar-nos, mais que,
nos sentimentos, e aspeitos,
pois vos tomastella a peitos,
porem eu dei lhe de pé.

12

Nam temais, que a Parte Lusa,
porque leva a mam ganhada,
que se elle fez panellada
nos daremos garatuza;
elle deo assumpto a Musa,
que jà dormia, e roncava
pois quando agora acordava
vio, que pelo triste cazo
athe a fonte do Parnaso,
com tanta merda inundava.

A Sé da Bahia.

Decima

A nossa Sé da Bahia,
com ser hum mappa de Festas,
hé hum presepio de Bestas,
se nam for estribaria:
varias Bestas cada dia
vejo, que o sino congrega;
Caveira mula Galega,
Deam burrinha bastarda,
Pereira besta de albarda,
que tudo da Sé carrega.

Ao mesmo Advogado Antonio *Rodriguez* da Costa⁶

1

Vós nam quereis cutiláda
tomar emenda, e calar,
morrendo andaes por levar
outra na outra queixada;
quereis a cara cruzada
gilvazada a nam quereis
pois tudo configureis,
que se a vossa fé vos salva,
no Calvario dessa calva
trez cruces postas vereis.

2

Na capinha, ou no capûz
tendes a cruz de christam,
na cara a do mão Ladram,
e inda vos falta outra cruz;
eu vos juro por Jesus,
que por fazer o ternario,
por hum modo extraordinario
a outra vos hei de pôr,
porque do monte Tabor
vades ao monte Calvario.

/57v/

3

Ao Pretorio sereis levado,
onde a gentinha vulgar
crucifige ham de clamar,
e heis de sair condemnado;
hum negro Simam chamado

serà vosso Serineo,
e na forma do chapeo
hum pão vos ha de encaixar,
e entam vos ham de jogar
o adevinha quem te deo.

4

Hireis entre dous Theatinos
vendo o vosso enterramento
tendo o maior desalento
na cantiga dos Meninos:
piedosos, e benignos
ora por elle diràm,
e vos nesta occasiam
revirando os bogalhitos,
os Padres seram mosquitos,
e o mais povo confusam.

/58r/

5

Hirà o Porteiro diante
pelo seo papel cantando,
e dirà de quando em quando
justiça a este bargante;
manda ElRey, que em hum instante,
ou resista, ou resista
se lhe tire falla, e vista
justiça, que manda ElRey
fazer a hum homem sem Ley
por se meter a Legista.

6

Nam heis entam requerer,
e muito menos gritar,
pois por gritos de advogar
hides vos a padecer;
deitar pleitos a perder
a puros gritos, e zurros
botar na terra susurros
de que sois grande Doutor
na força vos ham de pôr
a vos, mais aos vossos burros.

/58v/

Ao Requerente Manoel *Rodriguez* da Sylva

1

Letrado que cachimbaes
quando estudaes nos Jasoens,
e assentaes as conclusoens
com huãs Letras garrafaes,
grande rizo me causaes,
quando no vosso sitial
dais audiencia geral,
e as Partes aconselhando,
todas hides defumando,
porque tornem ao pombal.

2

Vós graduado a borroens
em huma universidade,
que fundou nesta cidade

o braço dos asneiroens,
fazeis taes allegaçõens
nas lides, causas, e pleitos,
que vos dam alguns sugeitos,
que affirmam Letrados velhos,
que fedem vossos conselhos,
tanto como vossos feitos.

/59r/

3

O que me vira o miôlo
hé o gabam, que trazeis,
que hum Bartholo pareceis,
nam sendo se nam Bar = tolo;
comeis a queijada, e o bôlo
desde a Bahia ao Cairû,
e eu vos peço meo Mandû,
que se uzaes das vossas artes,
e comeis das vossas Partes,
que a primeira seja o cû.

4

Nam vos culpo asno barbado,
se nam a esta simples gente,
que de hum mão Requerente
quer formar hum bom Letrado;
vos pondes todo o cuidado
em manter a vida cara,
e assim eu vos nam culpara,
se nam ao nescio que quer
comprar-vos o parecer
tendo vos tam torpe cara.

5

Irmam nam vos acelere
querer subir de repente,
que o cargo de Requerente,
vosso talento o requiere;
assim o Céu vos prospere,
que da advocacia honrada
torneis a vida passada,
que quem se entrega aos Jasoens,
comer pode os cagalhoens,
que cagou o cutilada.

6

Nam hé o advogar para nos
santos sam os Advogados,
dai ao Demo os mãos Letrados,
e o primeiro sejais vòs;
bem vistes o cazo atroz,
que depois de Ave Marias
succedeo hà quatro dias,
ardendo os vossos papeis,
porque vòs, e elles ardeis
pelas vossas heresias.

A hum çapateiro Joseph Luiz, a quem tendo nomeado
a Camara Almotacel da limpeza, o suspendeo logo da occu-
pação.

1

Quizeste tanto sobir,
sendo tam baixo de estado,
que vendo vos levantado
vieste logo a cahir:
quizeste o cargo servir
de Almotacel da limpeza;
porem a vossa altiveza
por se ver mais exaltada,
sendo de antes enformada,
foi pedir essa baixeza.

2

Experiencia foi clara,
mui fiel, e verdadeira,
que aquillo que era craveira,
servisse agora de vara:
eis aqui tudo em que para:
que sendo antes vos baixel
agora por bacharel
n'hum tripó se antes sentado,
vos desse o nobre Senado
o brazam de Almotacel.

/60v/

3

Nam vos cabia este officio,
nem tam pouco o de Rendeiro,
que o officio de çapateiro
nam depende de exercicio:
quizeste ter esse vicio

por seres destrapessado;
porem o nobre Senado,
depois que tudo inquirio,
com razam vos reduzio
ao vosso primeiro estado.

4

Dedalo foste em subir
Icaro foste em descer;
pois este veyo a morrer
por tam alto querer hir:
assim vieste a cahir,
por vos subires tam alto:
foste de juizo falto,
e de pouco entendimento,
para tam pequeno assento
dares vos tam grande salto.

/61r/

5

Assentemos entre nos
com fundamento sabido,
que estaes agora cahido,
porque nam cahiste em vos:
ora pois com os vossos pos
vos podeis remediar;
mas nam hè para espantar
quereres ter esse vicio
que do vosso antigo officio
hé proprio querer lustrar.

6

Por isso Amigo José,
se isto hé certo, como conto,
foi por dares mais hum ponto
a altura do vosso pé:
agora sem vara, e fé
nam podeis por cauza alguma
ter jurisdicçam commûa
em pedir de coimas contas,
pois que tenho tantas pontas
nam vos pode valer huma.

/61v/

7

Da Camara foste excluido,
sendo della o alimpador:
algun camareiro mor
deixaste mal prevenido:
nam vivaes disto offendido,
nem menos com tanta ira;
pois sabemos sem mentira
nas execuçoens, que obraste,
se pela merda ganhaste,
que a mesma merda vos tira.

A Cidade da Bahia
Mote.

De dous ff se compoem
esta cidade a meo ver,
hum furtar, outro foder.

Glosa.

1

Recopilouse o Direito,
e quem o recopilou
com dous ff o explicou,
por estar feito, e bem feito:
por bem digesto, e colheito,
só com dous ff o expoem:
e assim quem os olhos poem
nos vicios, que aqui se encerra,
ha de dizer, que esta Terra
de dous ff se compoem.

2

Mas se de ff dous composta
està a nossa Bahia,
errada a Orthografia,
a grande damno està posta:
eu quero fazer aposta,
que isto a ha de perverter,
e quero hum tostam perder,
se o furta, e foder bem
nam sam os ff, que tem
esta Cidade a meo ver.

3

Provo a conjectura já

promptamente, como hum brinco:
Bahia tem letras cinco,
que sam B A H I A:
Logo ninguem me dirá,
que dous ff chega a ter;
pois nem hum contem sequer:
salvo se em boa verdade
sam os ff da Cidade
hum furtar, outro foder.

Disparates fundados na linguagem barbara do Brazil, *que* o
Poeta envia a huma cabocula com quem gracejava.

1

Hindo a caza de Tatus
encontrei Quatimondé
na cova de hum Jacaré
tragando treze Tiûs:
eis que dous Surucucûs
como dous Jaratacacas
vi vir atras de humas Pacas,
e a nam ser hum Pereâ
creyo que o Tamanduâ
nam escapara as Gebiracas.

/63r/

2

De massa hum tapetî,
hum cofo de sururûs
dous puças de Bayacûs
samburâ de moreci:

com huma raiz de aipî
vos envio de Passè,
e enfiado n'hum embé
Ganhamum, e cayacanga,
que sam de Jacaracanga
Bagre, timbó, Inhapopé.

3

Minha rica comarî,
minha bella camboatá,
como assim de Pirajà
me desprezas tapetî?
nam vedes, que morecî,
sou desses olhos timbò
amante mais, que hum cipò
desprezado Inhapopé:
pois se eu fora Zabelê
vos mandara o Mirarò.

/63v/

A huma procissam, que se fez no Convento
da Villa de Sam Francisco de Religi =
ozos Franciscanos para se recolher huã
pipa de vinho, na qual entraram
alguns seculares, que se
achavam homiziados
no dito Convento, dos
quaes era o *Autor*
hum.

1

Na nossa Jerusalem,
na nossa Cidade Santa.
onde Sam Francisco planta
mais virtudes, que ninguem;
entrou sobre hum palafrem
de madeiro bem lavrado
hum rabbî, ou rubî empipado,
que por nos ser promettido
foi com ramos applaudido,
e entre palmas festejado.

/64r/

2

O Pissarro Sachristam
hia com a cruz alçada,
ceremonia bem forçada
em tam alta procissam,
para os tocheiros entam
dous Leigarroens convocamos,
que por seos nomes chamamos,
o Rabello, e o Doutor
que a Dominga do Tabor
tran[s]figurou na de Ramos.

3

Criam os mais Fariseos,
que o vinho das Malvazias
era em verdade o Mexias
esperado pelos seos;
por esta cauza os sandeos,

como o vinho entrava já,
cuidando que era o Manà,
qualquer com galhofa interna
com seo ramo de taverna
hia cantando o Hosannà.

/64v/

4
Como a procissam chegasse
ao refeitório, e allí
esperasse o tal rabbi
por hum burro, que o levasse,
nam faltou naquella classe
hum burro de boa idéa,
que trazendo a taça chea
soube mudar o Senhor
de entre as glorias do Tabor
às bodas de Galilea.

5
O nosso Miguel Teixeira
por ser de corpo pigmeo,
fez figura de zaqueo
trepado sobre a figueira,
vendo a sua borracheira,
e haver ja bebido hum tacho
lhe dice o rabbî borracho
descende, que desta vez,
tendo entrado Portuguez
has-de sahir hum gavacho.

NOTAS

¹ Este verso e o seguinte foram invertidos pelo copista, como pode ser deduzido através da observação das rimas.

² Erro por “mas”?

³ Erro por “tocar-se”, certamente influenciado pela palavra seguinte.

⁴ Está assinalada como n. 5.

⁵ “Perra, pada” para ler-se “pé rapada” [FRP].

⁶ Refere-se a “Estava o Doutor Gilvas” na p. 53v e não a “A nossa Sé da Bahia”, imediatamente antecedente na p. 56v.

VII
GLOSSÁRIO

Ab initio	42v	Latim, usado com intuito satírico. Desde o início.
Adrede	23r; 25r	De propósito, intencionalmente.
Aipî	63r	Aipi ou aimpim. Raiz alimentar, a mandioca mansa. <i>A-ipi</i> (tupi).
Albarda	34r; 56v	Cobertura cheia de palha que se põe nas bestas de carga; tipo de sela.
Albardado	34r	Jumento ou alimária onde se põe a albarda.
Alcaide	30v	Governador de uma praça ou castelo; prefeito.
Alcomonia	9v	Doce feito de mel e farinha.
Alimaria	36v; 55r	Animal.
Almotace	Título almotacel 60r 15v;	Fiel dos pesos e medidas dos mantimentos da cidade.
Almudes	2r	Almude: antiga unidade de medida de capacidade para líquidos.
Alparca	17v	Ou alpargata. Sola de sapato com tiras de couro.
Alparques	11r	Alparque: vide alparca.
Alvar	10v; 14r; 23v	Homem de pouco talento, ignorante, burro, idiota.
Alveitar	41v	Curandeiro, médico de cavalos.
Americano	51r	Natural da América, no caso do Brasil. Seria o índio, o gentio?
Anhello	27v	De anelar: desejar, ansiar. Anelo: desejo ardente, anseio.
Antoje	9v	Entojar, entejar: sentir nojo.
Aquigila	39r	Por quizila ou quijila, do quimbundo <i>kijila</i> : inimizade, aversão.
Araçá	Título 48v; 49r	Tupi <i>ara'sá</i> , espécie de goiaba, fruto do <i>Psidium</i> .

Ardil	38v	Sutiliza ou manha enganosa, artifício para conseguir o intento.
Arganáz	9v	Espécie de rato silvestre, grande e felpudo.
Arrais	9r	Ou arráes. Capião de armadas e de navios.
Arrulha	6r	Arrulhar: a voz de pombos e rolas, principalmente quando se namoram.
Asnoga	49v	Asneira.
Aspeitos	56r	Aspeito: o mesmo que aspecto.
Aspide	18v	Cobra pequena muito venenosa.
Atroa	53r	Atroar: fazer grande estrondo.
Avôa	16v	Avóá, avó.
AX	43r	Ás do baralho.
Azevre	37r	Ou azebre. Erva amarga da Arábia.
Baeta	Título 4v; 5v	Tecido de lã.
Bagre	63r	Peixe comprido e rabifurcado.
Bambolha	24v	Ostentação, vaidade.
Bandurilha	19r	Espécie de guitarra pequena.
Barbicaxo	34r	Barbicacho. Cabeção de corda para bestas.
Bargante	58r	Indivíduo de maus costumes, velhaco, devasso.
Bayacûs	63r	Baiacu: antigamente maiacú, <i>mbaé-acú</i> (tupi), o quente, o venenoso. Peixe peçonhento pelo seu fel e que se infla ao calor do sol, ou fricção na pele do ventre.

Bazaruco	16r	Moeda antiga da Índia Portuguesa.
Belisco	8r	De beliscar: comer uma porção mínima, lambiscar.
Bengala	17v	Neste contexto, o companheiro de um sodomita.
Bertoeja	34v	Brotoeja, moléstia cutânea.
Bioco	18r	Mantilha com a qual as mulheres antigamente cobriam a cabeça.
Birbante	11r	Patife, tratante.
Birbigam	9r	Berbigão, molusco acéfalo que vive em uma pequena concha arredondada.
Bodum	43r; 48r	Catinga de bode não castrado.
Bofete	18r; 53v	Bofetada, tapa (53v); diminutivo de bofe, aqui no sentido ainda usado de homem aparentemente viril que se relaciona com homossexuais passivos (18r).
Bogalhitos	57v	Bogalho: diminutivo de bugalho, globo ocular.
Bolina	40v	Cabo que prende a vela da embarcação à amurada, quando se manobra, para tomar o vento por banda.
Bonetes	14v	Bonete: barrete postiço com rendas, fitas e plumas.
Bordam	32r	Bordão, bastão. Também, palavra que alguém repete com freqüência viciosa.
Bordoada	Título 7v	Pancada.
Borra	13r	Fezes, diarreia.

Borrachas	48v	Borracho: bêbado, do espanhol
Botica	9v; 10v	Casa onde se preparam e vendem remédios e drogas medicinais.
Bragas	Título 34v	Braga: Calção, curto e largo, que se usava. Uma espécie de cueca. Segundo Aurélio é expressão mais usada no plural.
Breve	1r	Boleto apostólico dado pelo Papa, sem as cláusulas extensas da Bula.
Brinco	62v	Aqui no sentido de brincadeira.
Bulha	9r; 13r	Estrondo; contenda estrondosa.
Cabedella	41v	Cabidela ou cabedela. Abatis descaída. Abatis: trincheira de árvores cortadas. Descaída: de inclinar, curvar, abater, baixar.
Cabocula	62v	Cabocla, feminino de caboclo. Theodoro Sampaio: cabôco, <i>cod-boc</i> (tupi), tirado ou procedente do mato. Mestiço de branco com índio. Mulher mestiça, como pode ser lido em Aurélio, de cor acobreada.
Cabrella	54r	Denominação satírica derivada de “cabra”.
Caijû	4r	Caju. Acajú, <i>acã-yú</i> (tupi), <i>Anacardium Occid.</i>
Calhão	19v	Calhau, fragmento de pedra dura.
Cam	39v	Cão, diabo.

Camboatá	63r	Camboatá, <i>cabo-abá</i> (tupi), o que anda pelo mato. Peixe (<i>cataphractus</i>) que se transporta através do mato, de uma água para outra, por ocasião da seca. <i>Cambotá, camuatá</i> .
Canastram	19r	Espécie de cesta chata.
Cantarida	34v	Cantárida: inseto (<i>Lytta vesicatoria</i>) usado na medicina em beberagens diuréticas ou afrodisíacas.
Cartapacio	16v	Livro de mão de várias matérias.
Cascarram	35v	Vinho cascarrão, chama-se vulgarmente a um vinho muito grosso.
Cassam	4r	Cação, peixe do mar que não faz mal quando morde, pois não tem mais que uma fileira de dentes.
Cayacanga	63r	Polvo. Caiacanga; <i>cái-acanga</i> (tupi).
Centurio	52r	Ou centurião. Capitão de cem homens na milícia Romana. Em Portugal chamam centúrios aos que, na noite de Quinta feira de Endoenças, andam pelas igrejas militarmente vestidos com pretexto de guardar o sepulcro do senhor.
Cerda	55v	Pelo mais espesso e resistente, nas cavidades naturais dos mamíferos.
Charolla	5v	Andor de procissão, nicho onde se põem santos e imagens.

Cipó	63r	Cipó, <i>icá-pó</i> (tupi), literalmente galho-mão, que tem a propriedade de se enleiar, de atar. Icepó, cepó, çapó, sipó.
Cofó	63r	Espécie de cesto.
Coimas	61r	Coima: pena pecuniária.
Coira	36v	Coura: couraça. Invólucro de certos animais.
Columbrina	15v	Colubrina, peça de artilharia antiga, muito comprida e de grande alcance. Aqui “pênis”.
Cobé		<i>Cobé</i> (tupi). Theodoro Sampaio: a existência, a vida. Bahia.
Comarí	63r	Cumari, <i>cu-mbori</i> (tupi), o que excita a língua. É o nome indígena de pimenta.
Comédia	31r	Comédia: obra teatral em que predomina a sátira.
Commua	61r	Feminino de comum.
Cordavam	35r	Cordão, couro de cabra curtido; aqui “pênis”.
Cornoalha	13r	Corno + sufixo “alha”. Cornos em profusão.
Corrilho	32r	Reunião facciosa, conventículo.
Craveira	60r	Instrumento com que se toma medida para sapatos; também os buracos das ferraduras, por onde entram os cravos.
Çujidade	Título 53v	Sujidade, porcaria.
Culumim	16r	Tupi <i>curumim</i> , índio moço, menino, rapaz moço, moleque.
Cutilada	57r	Ferida que se faz com corte de espada ou faca.

Cuya	15v; cuyas 16v	Fruto da cuieira. Vaso feito deste fruto. <i>Ku'ya</i> (tupi).
De chapa	35v; 55v	Digno de ser reproduzido, impresso ou gravado.
Decoada	55v	Ato de coar a água da barrela: água onde se ferve cinza, que era usada para branquear a roupa. Coada, lixívia.
Despique	24r	Vingança, desforra.
Destrapessado	60v	Destravessado, excessivo, exorbitante.
Doidete	10r	Diminutivo de doido.
Ego sum	48r	Latim. “Eu sou”. Usado em função satírica (o áulico do latim rima com “bodum”).
Embé	63r	Imbé, planta trepadeira, <i>y-mbe</i> (tupi).
Embotes	9v	De embotelhar, por em garrafa, engarrafar.
Engrezia	1v	Rumor, confusão.
Entremez	Título 34 v; 50r	Pequena farsa teatral, de um só ato, burlesca e jocosa.
Enxovia	19v	Parte do cárcere que fica rente com a rua ou abaixo do seu nível.
Epifania	4r	Festa da Igreja Católica em comemoração da aparição da estrela aos Magos, sendo conduzidos por aquela a Jesus recém-nascido em Belém da Judea.
Ervolário	10v	Herbolário, pessoa que cultiva ou vende ervas.

Escafeder	29r; escafedeis 30r	Escafeder-se, sair-se de algum lugar escondido e às pressas.
Escampa	38r; 55v	Escampar: cessar; escapar, safar-se.
Esguicho	38r	Derivado de esguichar, ato ou efeito de jacto ou repuxo de um líquido.
Espacio	16v	Do espanhol espácio, sem pressa, lentamente.
Estafa	3v	Aqui roubo audacioso, logro.
Estriba	54r	Estribar-se, firmar-se, sustentar-se.
Estribaria	56v	Ou estriberia, casa onde as bestas se recolhem.
Estrivos	41r	Estrivo: estribo. Perder os estribos, perder o controle.
Estudantete	10r	Diminutivo de estudante.
Ethiope	51r	Etíope: natural ou habitante da Etiópia (África), para significar “negro”.
Fá Bordam	7v	Fabordão, do francês “faux bordon”, composição em que algumas vozes têm total igualdade de número e valor dos pontos e sem pausas . No sentido figurado, desafinação.
Facinerozo	22v	Facínora, façanhoso em crimes.
Fanada	9v	Sem viço, sem frescor, murcha.
Fi	52r	Foi?
Figurilha	19r	Pessoa de pequena estatura.

Filataria	41r	Filataria: jactância, bazófia. J.P. Machado abona in <i>Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: FILATERIA</i> : etimologia obscura. Séc. XVI. “Ter del a haveria por melhor, que essoutras filaterias”. Auleg. fl. 94.
Fodincham	44r	Fodedor.
Fuão	43v	Contração de fulano.
Furtado	22v	De furtar, roubar. Aqui GM faz um jogo de palavras com o nome de um governador geral do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado (1621-1624) e sua descendência.
Gabam	59r	Gabão: capote ou casação com capuz e cabeção.
Gafa	43v	Gafo: corrompido, sujo.
Galhofa	1v; 64r	Brincadeira.
Ganhamum	63r	Gaiamum. <i>Guaia-m-un</i> (tupi), o carangueijo preto ou azulado. Era antigamente chamado pelo gentio de guaiarará, crustáceo de mangues.
Garatuza	56v	Garatusa: fraude, engano. Também rabisco, tolice, borra-dura.
Garrote	51v	Arrocho, conto de pau com que se dá volta ao laço posto no pescoço para estrangular.
Gascam	31v	Gascão, natural da Gasconha.

Gavacho	64v	Nome que por desprezo se dá na Espanha aos franceses do sul da França.
Gebiraca	62v	Gebiraca: seria um tipo de formiga? Aurélio abona: jabiraca, bruxa.
Geringonça	10v	Geringonça, linguagem de que se servem ciganos, vadios e ladrões para não serem entendidos.
Giboya	15v	Jibóia, serpente de grandes dimensões. <i>Gihí-boy</i> (tupi), a cobra de rãs: o ofício que se alimenta de rãs.
Grey	21r	Greí, súditos, vassalos, povo.
Grumete	Título 27v	Marinheiro iniciante, que serve no navio para subir à gávea e em outros misteres.
Gualdrapa	13r	Xairel. Cobertura de besta, de tecido ou de couro, sobre a qual se põe a sela ou a albarda.
Guante	15r	Luva de ferro, na armadura antiga.
Guapo	8r	Rapaz elegante, garboso.
Guardunha	20r	Guardunha, avarento, fuinha.
Guiza	36v	Seria uma grade com guizos, para produzirem um som? Seria uma freira preparada, “à maneira de”, na grade do convento?
Heresiarca	17v	Autor de heresia. Fundador de uma seita herética.

Homiziado	Título 1r	Por homiziar, dar asilo político, religioso, etc.
Hosannã	64r	Hosana: hino eclesiástico da domingo de Ramos. Saudação, louvor.
Inhapopé	63r	Enapupê. Theodoro Sampaio: Enapopê, <i>Inhapopê</i> (tupi), perdiz (fem.) ou perdigão (masc.). Unhambui, <i>ynhambu-i</i> , nas perdzes. Bahia.
Irra	4r; 44v	Interjeição que exprime raiva, repulsa, desaprovação.
Jacaracanga	63r	<i>Yacaré-acanga</i> (tupi), a cabeça do jacaré. Pode ser, ainda, <i>yacaré-canga</i> , a caveira ou a ossada do jacaré. Bahia.
Jalapa	37v	Planta medicinal purgativa.
Jaratacacas	62v	Jaritataca, <i>yara-tic-aga</i> (tupi), o que pode arrojar fétido. Animal que, se perseguido, se defende com arrojar de si líquido fétido, insuportável. É o mesmo cangambá do Norte do Brasil. Jaratacaca, jaratataca, jericacaca.
Jornal	24r	Aqui com o sentido de diarista.
Lampa	55v	De levar vantagem. Ardiloso, mostrar-se superior.
Leigarroes	64r	Leigarrão: aumentativo de leigo, o que não é clérigo, padre.
Lerda	56r	Lerdo: lento, pouco diligente, vagaroso.
Lhano	51r	Do espanhol. Plano.
Libera me	48r	Latim. “Livre-me”. Frase da liturgia católica usada em função satírica.

Livraria	53v	Aqui com o sentido de biblioteca.
Lodozo	18v	Lodoso, lamacento, sujo, emporcalhado.
Magano	48r	Mariola, homem vil.
Malato	22v	Do italiano: doente.
Mamaluco	16r; 19v	Ou mameluco, mestiço filho de europeu com mulher índia.
Manã	64r	Manã: alimento que, segundo a Bíblia, Deus mandou aos israelitas, em maneira de chuva, no deserto. Coisa excelente, vantajosa.
Mandato	Título 49v	É o sermão do Mandato, na quinta-feira santa, com missa pela manhã, oração sacra de tarde a que se seguia o lavapés.
Mandû	59r	No Brasil, é construção do nome próprio Manoel. No sentido figurado, tolo. <i>Mand-u</i> (tupi), feixe que vem ou anda, ambulante. Ave: mandu tolo.
Manducava	16r	Manducar: comer.
Manga	43v	Parte do vestuário, hábito, onde se enfia o braço.
Mangalham	43v	Aumentativo de mangalho, grande pênis.
Mangará	49r	<i>Mã-cará</i> (tupi), o tubérculo ou raiz de montão. Uma espécie de <i>Caladium</i> . Ponto terminal da inflorescência da bananeira.
Maquia	8r	Antiga medida de cereais, de grãos. Porção de grãos. Aqui para significar órgão sexual.

Maranha	8v	No sentido de intriga, coisa intrincada, astuciosa.
Marão	20v; 47v	Maráu, o que é esperto e não se deixa enganar. Malandro, finório.
Maravedí	33v	Moeda antiga, de ouro (Arábia) ou cobre (Portugal, Espanha).
Marcia	51r	Gente da guerra, marcial, belicosa.
Mariolas	14r	Mariola: pessoa indigna, tratante, marau, velhaco.
Marmanjo	17r	Homem abrutado, atoleimado.
Matulam	41v	Homem de modos abrutados.
Mé	42r	A voz do cabrito, carneiro, etc.
Medra	24v	De medrar: crescer, desenvolver, prosperar.
Mentecapto	15r	O que não tem entendimento, idiota, louco.
Mexias	64r	Messias, o esperado.
Mica	9v	Micha, migalhinha
Micho	38r	Lacao. Também com o sentido de insignificante, pouco.
Mirarò	63r	Miroró. Theodoro Sampaio <i>miroró</i> (tupi), o desprezado, o repudiado. Aurélio: miroró, caramuru, enguia, mororó, tororó.
Miserere	Título 34v; 36v	Latim. “Tem piedade”. A primeira palavra do 51.º salmo.
Mo<n>çam	45v	Moção, pedido, peditório.

Modilho	32r	Música ligeira. Cantar modilhos. Modinha.
Moreci	63r	Morici, <i>mborici</i> (tupi). Murici. É planta malpighiácea. Bahia, Pernambuco. Árvore e arbusto, que habita o cerrado e que produz um tipo de fruto do mesmo nome.
Muchissima	24r	Espanholismo, muitíssima.
Musal	50v	Referente às musas ou a elas concernentes.
Nan	31v	Não.
Nympha	31v	Ninfa, divindade do paganismo; as ninfas eram virgens que habitavam os rios, as fontes, os bosques, etc.
Oculatorum	42v	Latim, usado com intuito satírico. Dos olhos.
Olha	24v	Do espanhol <i>olla</i> , panela; espécie de cozido com legumes e carnes. Caldo gordo.
Opilaçam	15v	Opilação, obstrução dos canais do corpo.
Ourina	15v	Urina.
Ouvidor	30r	Juiz. Cargo de administração judiciária, nas comarcas que eram as divisões judiciais das capitânias. No séc. XVIII existiam 24 comarcas no Brasil; na Bahia as de Salvador, Ilhéus, Porto Seguro e Jacobina.
Pacas	62v	Gerúndio-supino do verbo <i>pag</i> , despertar, acordar, estar vigilante; Theodoro Sampaio: <i>paca</i> (tupi) é, pois, a desperta, a acordada, a que está sempre atenta. Animal roedor (<i>Caelogenys Paca</i>). É apreciado como caça.

Pada	48r	No contexto do poema, “Perra, pada” devem ser lidos como “pé rapada”.
Palafrem	63v	Cavalo manso, “cavalo de posta” dos reis e dos nobres, em parada.
Palalá	49r	Palavra inventada por GM?
Palangana	43v	Grande tigela, tabuleiro de barro ou de metal.
Pantufo	43v	Chinelo. Também indivíduo de cara e barriga gorda.
Patarata	5r	Mentira, ostentação vã.
Pataxo	46v	Navio pequeno e ligeiro de guerra.
Paternidade	40v; 50r	Tratamento que se dava aos religiosos com hierarquia superior.
Patifam	19v	Patifão. Grande patife.
Pavana	4v	Dança espanhola saltada, rápida.
Paviolla	40v	Padiola. Tabuleiro quadrado de tábuas.
Perada	9v	Doce de pêra.
Peralvilhar	33r	Ou parávilhar. Fazer vida de peralvilho.
Peralvilho	32r; 33r	Indivíduo de pouco porte, de nenhuma conta, com pretensões ridículas a elegante.
Pereá	63r	Preá, apereá, <i>apé-réá</i> (tupi) é o animal chamado preá (<i>cavia apereá</i>). O que mora no caminho, o que se encontra nos caminhos.

Pesega	12v	Pesegar: pregar, assentar.
Pinham	49r	Pinhão. Do espanhol <i>piñon</i> . Planta euforbiácea, nordestina (<i>Jatrofa curcas</i>), purgueira.
Piorno	37r	Planta da família das leguminosas.
Pipa	53r	Vasilha para vinhos, azeites, vinagres, etc.
Pique	24r	Toque satírico a alguém.
Pirajá	63r	<i>Pira-yá</i> (tupi), capaz de peixe, o viveiro de peixe. Nome primitivo do esteiro vizinho de Itapagipe, na Bahia.
Pírtigo	34v	A vara menor do mangual.
Pismoens	42r	Pismão: no sentido de pênis.
Plector	2r	Plectro. Instrumento com que se faziam vibrar as cordas da lira.
Polé	29v	Roldana.
Policia	43r	No sentido de ato de polidez.
Polluto	43r	Poluto: manchado, maculado, corrompido.
Polo	50v	No sentido de celeste? Ou o polo geográfico?
Postilla	39r	Apostila. Explicação do professor escrita pelo aluno. Postila é expressão do latim escolástico (<i>post illa – verba auctoris</i>).
Prêa	32v	Presá.
Pretorio	57v	Pretório: tribunal do pretor romano. Modernamente qualquer tribunal. Pretor: magistrado de alçada inferior, no Brasil.

Provedor	30r	Empregado do rei, que provia e examinava o estado de alguma arrecadação e corrigia o que não era conforme às leis.
Puça	63r	Pequena rede para pesca.
Pulha	9r	Mentira, vergonha.
Putaina	21v	Putá.
Quatimondé	62v	<i>Quatimundé</i> (tupi), <i>quatimundé</i> (variante). Quati velho, macho de grande porte, desgarrado do bando. Segundo Theodoro Sampaio: <i>quati</i> , <i>qua-ti</i> , o que é riscado ou lanhado. Riscos no corpo. É o <i>Nasua</i> dos naturalistas.
Quibungo	56r	Baile de negros.
Rabbi	33v	Mestre, Senhor. Entre os judeus, o mestre da lei, quem decide as questões de religião e de direito, faz casamentos, declara os direitos, etc. Rabino.
Rapada	8r	De rapar: raspada, roubada, descoberta, papada.
Rascoa	16v	Criada, cozinheira, meretriz, aia.
Rebecam	19r	Rebeca ou rabeca, instrumento de cordas, grande.
Rebuço	49r	De rebuçado: bala à qual se acrescentam essências de frutas ou de plantas, embrulhada em papel.
Redomada	9v	Conservada em redoma.
Refestela	2r	Festividade, danças.

Regedor	40r	O que rege. Autoridade administrativa, judiciária, religiosa, etc.
Regente	40r; 40v	Aquele que rege, dirige. Regedor (vide).
Rendeiro	60v	O que aluga a outro a terra e a lavra ou usa dela, pagando ao dono.
Renhidas	13r	Renhido: disputado pertinazmente.
Rheubarbo	37v	Ruibarbo. Erva medicinal (<i>Rheum palmatum</i>), empregada como purgativo. Há uma espécie híbrida de ruibarbo, cujo talo é usado como alimento.
Rifam	12v	Refrão.
Rocim	34r	Cavalo pequeno e fraco.
Saecula saeculorum	42v	Latim, usado com intuito satírico. Os séculos dos séculos.
Salvage	23r	Selvagem.
Samburâ	63r	Cesto de cipó ou de taquara. Theodoro Sampaio abona Sambora, <i>çá-mbora-á</i> (tupi), o que se retira do centro ou interior. Pólen de flores; massa amarela do ninho das abelhas.
Sandeo	64r	Sandeu, insano, idiota.
Sarna	34v	Doença cutânea.
Sayal	35r	Saial, pano grosseiro.

Sergir	44r	Cerzir, remendar.
Setia	22r	Tipo de embarcação. Aurélio: setia [de origem obscura], cano de madeira que conduz a água que faz mover os engenhos hidráulicos (<i>sitia</i> , do verbo <i>sitiar</i>).
Sítial	58v	Ou setial, assento ornado que se põe nas igrejas.
Sojorno	37r	Estada, estadia. Do verbo sojornar: residir, permanecer, ficar.
Soldada	29v	De soldo. Parte básica da remuneração de um militar.
Sovella	41v	Sovela. Instrumento cortante e ponteagudo dos sapateiros para furar o couro. Mosquito.
Supino	10v	Supino, alto, elevado, superior.
Surucucûs	62v	Surucucu: <i>çui-ú-ú</i> (tupi), morde muitíssimo; é a cobra venenosa e hórrida do norte do Brasil (<i>Lachaeis mutus</i>). <i>Coó-ú-ú</i> (tupi), animal que morde muito.
Sururûs	63r	Sururu, <i>çoorurú-y</i> (tupi). O bicho húmido ou encharcado. Mexilhão que vive metido na lama do manguê (<i>Mytilus perna</i>). Pode proceder também de çururú, que significa atolado. Bahia.
Tachas	48v	Tacha: espécie de tacho grande, usado nos engenhos de açúcar.

Tamanduá	62v	Tamanduá, <i>ta-manduá</i> (tupi), o caçador de formigas. O componente <i>tá</i> é como uma forma contracta de <i>tacy</i> , a formiga.
També	47v	Também.
Tapetú	63r	<i>Tapeti</i> , o coelho silvestre (tupi). São Paulo. Confunde-se frequentemente com <i>tipiti</i> ou <i>typity</i> (tupi), o cesto espremedor de mandioca.
Tapuyas	15v	Tapuia: índio do Brasil. Tapuya. Tapyá, <i>ta-epi-ia</i> (tupi). H. Stradelli identifica com <i>taua-epy-ia</i> , originário das aldeias, e não inimigo, de referência aos primitivos habitantes que, pela invasão dos tupis, se refugiaram no sertão. Mestiço de índio. Na Bahia qualquer mestiço trigueiro e de cabelos lisos e negros. Caboclo.
Temporas	43v	Têmporas. Dias de preces especiais e jejuns.
Ternário	57r	Compasso musical que se divide em três tempos iguais.
Terço	51v	No sentido de corpo de milícia antigo.
Theatinos	58v	Teatino: religioso de congregação romana fundada por S.Caetano de Tiene.
Timbó	63r	O bafo, fumarada, o vapor. Planta cujo suco mata o peixe (<i>Paulinia Pinnata</i>).

Tipoya	15v	Tipóia: tipo de rede para dormir. Originariamente também uma rede na qual as índias levavam as crianças. <i>Ti'poia</i> (tupi).
Tiús	62v	Teyú, <i>ty-ú</i> (tupi), teiú, o que come escondido; o lagarto. Tiju, tejo, teju.
Tocano	16r; 18v	Tucano. Apodo do governador Antônio Luiz da Câmara Coutinho (vide Índice Onomástico), por conta do seu enorme nariz.
Tonsurado	48r	Tonsura: corte circular, na parte mais alta e posterior da cabeça. Primeiro grau do clericato. GM recebeu a tonsura para ser Desembargador da Relação Eclesiástica na Bahia, pois tinha estudado Cânones. Esta décima parece ser autoperferenciadora, pelo seu conteúdo: tonsura, sátira, poesia são palavras recorrentes.
Tope	37v	Choque, encontro de duas coisas que se tocam.
Tostam	62r	Tostão, moeda antiga.
Trampa	37v; 38r; 55v	Excremento grosso. Também no sentido de engano, fraude.
Tranquia	43r	Cerca de paus.
Travam	12r	Travão, cadeia de travar as bestas.
Trela	44v	Dar conversa, fofoca.

Tresanda	11v	Tresandar: confundir, desordenar.
Treta	26v	Manha, astúcia.
Trolha	24v; 25r	Colher de mexer panela.
Trosso	16r	Troço, objeto, coisa, pedaço, traste, tralha.
Tutia	9v	Óxido de zinco impuro que adere às chaminés dos fornos.
Vaganão	20v	Vaganáu, maroto.
Vazo	Título 6r; 7v	Vaso. Aqui no sentido de órgão sexual feminino.
Venablo	30r	Arma ou insígnia militar que trazia o alferes e ia apresentar ao general quando entrava na praça.
Verdugo	23v	Algoz, carrasco.
Victor	1r; 1v	Termo com que se anima ou aplaude o vencedor.
Virgo	6v	Virgem; aqui no sentido de “virgindade”, hímen.
Zabalê	63r	Nome dado ao “johô” (pássaro) em alguns pontos do Brasil. Theodoro Sampaio: zabelê, voz espúria ou onomatopaica. É o nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i> , espécie de nambu. Bahia. Sergipe.
Zancos	43v	Zanco: raciocínio sem pés nem cabeça.
Zaqueo	64v	Zaqueu. Judeu publicano de Jericó que, segundo o Evangelho, recebeu Jesus em sua casa.
Zomba	12r	Zombar: escarnecer, não falar sério.
Zote	10v; 11v; 13v; zotissimo 15r; 48r	Idiota, pateta, ignorante.
Zoylo	47v	Zoilo, crítico maligno, detrator.
Zurros	58r	Zurro: a voz do burro.

A classe das palavras não está indicada no presente glossário, para o qual foram consultadas as seguintes obras:

1. *Aurélio*. Rio: Nova Fronteira, 1999

2. Bluteau, Raphael. *Vocabulário Portuguez e latino*, aulico, anatomico, architectonico, bellico, [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. João V, pelo Padre D.Raphael Bluteau Clerigo regular, doutor [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Officina de Paschoal da Silva [vols. 5 e 8]; Officina de Joseph Antonio da Sylva [suplemento], 1712-1728. Com todas as licenças necessarias. 8 vols., 2 vols. suplemento.

3. Boudin, Max H. *Dicionário de tupi moderno* (dialeto tembé-tênêthar do alto rio Gurupi). São Paulo: Governo do Estado, 1966. 342 p.

4. Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1982, 357 p.

5. Edelweiss, Frederico G. *Tupís e Guaranís*. Estudos de Etnonímia e Linguística. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde, 1947. 220 p.

6. Raimundo, Jaques. *Influência do tupi no português*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & C. Editores, 1926. 157 p.

7. Sampaio, Theodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 3ª ed. Bahia: 1928. 304 p.

8. Silva, Antonio de Moraes (org). *Dicionário da lingua portugueza* recopilado dos vocabularios impresos até agora, e nesta Segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado, por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Offerecido ao muito alto, e muito poderoso Principe Regente N. Senhor. Lisboa: Typografia Lacerdina, 1813. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. 2 vols.

9. *Tertúlia Edípica*. Um dicionário charadístico. Lisboa: Sociedade Literária Charadística, s.d.p.

10. Tibiriçá, Luiz Caldas. *Dicionário Guarani-Português*. São Paulo: Traço Editora, 1989. 174 p.

VIII
ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abel	10r	Segundo a Bíblia, filho de Adão e Eva, morto pelo irmão Caim.
Adam	Título 31r	“Capitão da ordenança”
Adam	35r; 31r; 31v; 49r	Adão, segundo a Bíblia, no livro Gênesis, foi o homem criado por Deus. Viveu no Paraíso Terrestre, com Eva, de onde foram excluídos por desobediência a uma interdição divina.
Agueda	44v	Nome de mulher. Uma das muitas figuras femininas do <i>corpus</i> poético de GM, na Bahia.
Alencastro	51v	João de Lencastre ou Alencastro, governador do Brasil (1694-1702) e protetor de GM. Dizem que mandou copiar em códice, até hoje não localizado, os seus poemas.
Ambrozio	16r	Seria o pai de Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho (vide).
Antonio Luiz Gonsalves da Camara Coitinho / Coutinho	Título 15v; 17r; título 38v; título 45v; 46r; título 50v	Governador do Brasil (1690-1694), inimigo de GM. Sodomita várias vezes satirizado pelo poeta. Seus filhos tentam matar o poeta, que é enviado para Angola, em 1694, como salvação.
Antonio Marques de Peralda, Padre	título 9v	Um dos muitos clérigos, frades ou seculares satirizados por GM.

Antonio Rodrigues da Costa	53v; título 57r	Advogado, Promotor do Eclesiástico na Bahia, denunciante de GM junto ao Tribunal da Inquisição em 1684, por conta de herege. Em documentos é também Roiz (abreviatura de Rodrigues) e conta sua assinatura em <i>Termos de Resolução</i> e de <i>Requerimento</i> do Senado da Câmara da Bahia, Salvador, em 1678. É eleito Almotacel (vide glossário) da cidade em 1679. Sátiras de GM revelam a inimizade do poeta contra este advogado.
Apollo	1v; 3r; 50v	Mítico Deus grego da beleza e da poesia
Arethusa	3r	Mítica ninfa, que viveu na Arcádia. Fonte célebre da ilha de Ortúgia.
Atlante	11r	Mítico gigante, titã que carregava aos ombros a abóbada celeste.
Balthazar, Padre	11v	Um dos muitos clérigos, frades ou seculares satirizados por GM.
Bartholo	59r	Bartolo da Sassoferrato (1314-57), famoso jurista italiano
Bivar, Prelada	35r; 36r; 38r	Apelido de freira (prelada) do convento de Odivelas, da Ordem de Cister, nas cercanias de Lisboa, local célebre por amores freiráticos, inclusive da realeza. Fortunato de Almeida fala em “licenciosidade das

		freiras” em geral, reportando-se ao século XVI e referindo-se em especial ao caso de madre Paula, de Odivelas, no século XVIII, amante de D.João V.
Braz Luiz	7v	Músico, talvez amigo do poeta.
Camena	14r	Nome para significar musas. Aurélio diz <i>Camenas</i> , do latim. Poet. As Musas.
Chico	32v	Amigo de GM. Apodo para Francisco.
Crasto	4r	Castro? Apelido de um amigo de GM, um clérigo, talvez.
Dedalo	60v	Figura mitológica grega; arquiteto que construiu o labirinto de Creta, no qual foi encerrado o Minotauro, onde também foi aprisionado, por ordem de Minos, escapando com asas feitas de cera e penas de aves.
Eva	31r; 31v	Eva, segundo a Bíblia, no livro Gênesis, foi a mulher criada por Deus. Viveu no Paraíso Terrestre, com Adão, de onde foram excluídos por desobediência a uma interdição divina.
Fabio	6r-7r	Nome convencional da poesia barroca.
Fernandes	27v	Um dos muitos personagens de GM, talvez Fernandes Mendes, barqueiro de Marapé (vide Índice Toponímico)

Filippa	8r	Nome de mulher. Uma das muitas figuras femininas do <i>corpus</i> poético de GM, na Bahia.
Galhano	36r	Seria Galhardo?
Gilvas	53v	Apodo de Antonio Rodrigues da Costa [Gilvaz] que tinha uma cicatriz no rosto, uma cutilada na face.
Gonçalo Ravasco Cavalcanti Albuquerque	título 43r	Capitão, oficial da mesa de vereação do Senado da Câmara de Salvador, Coronel e Juiz Ordinário, Vereador, Procurador do Senado da Câmara na Corte de Lisboa, em 1695. Gonçalo (1659-1725) da família dos Ravascos, filho de Bernardo Vieira Ravasco e sobrinho de Antônio Vieira. Amigo de GM, que deu o nome de Gonçalo a um filho seu.
Gonsalves	15v	Seria o avô de Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho (vide).
Gregório, doutor	1v	O poeta GM se auto-referencia neste poema quando esteve homiziado no Convento dos Carmelitas, onde era frei o seu irmão Eusébio de Mattos, orador sacro.
Icaro	60v	Figura da mitologia grega. Filho de Dédalo (vide), com o qual fugiu do labirinto de Creta, mas aproximando-se demasiadamente do sol, que derreteu-lhe a cera das asas, caiu no mar.

Isidoro	5v	Isidoro de Sevilha, santo (560-636), arcebispo e doutor da Igreja.
Jasões	58v	Plural de Jasão, mítico herói grego, comandante dos Argonautas, que com eles conquistou o Tosão de ouro na Cólquida, na Ásia.
Jesus	Jesu Christo 3r; 57r;	Jesus Cristo filho de Deus e o Messias anunciado pelos profetas. Os seus apóstolos pregaram o cristianismo.
Joam de Couros	52v	João de Couros, também de Couros Carneiro, foi Escrivão do Senado da Câmara da Bahia, Salvador, em datas limites encontradas de 1677 a 1699, onde assina várias atas lavradas.
Joam, dom	21r	Referência a D.João de Alencastro (vide Alencastro)
Joam Teixeira (de) Mendonça (Capitão)	21v; 22v	Bacharel e Escrivão do Desembargo de sua Alteza no Brasil (Bahia), assinando <i>Registro de Certidão</i> , em 1672, sobre o início do vencimento do ordenado de Procurador do Senado da Câmara da Bahia, em Lisboa, do Doutor Gregório de Mattos e Guerra. Filho do Capitão e poeta Manoel Teixeira de Mendonça, João, a quem GM dedicou uma sátira, era poeta, e herdou do pai e do avô o ofício de escrivão. Na Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-25) há um poeta de Salvador chamado Luiz Teixeira de Mendonça.

Jorge da França	32v	Seria um dos <i>Administradores</i> , acusados de vilões, do Engenho da Cajalba? (vide Índice Toponímico)
José Pereira, Capitam	título 2r; 2r	Capitão do bairro de São Bento, em Salvador, que assina <i>Termo de Resolução</i> do Senado da Câmara da Bahia, em 1674, sobre repartição do sal para sustento da Infantaria, tendo doado 360 alqueires do produto, e outro <i>Termo</i> da dita Câmara contra sentença de concessão do <i>Correio</i> deste Estado, em 1678. No poema de GM é tido como poeta e tem o apodo de <i>Sette Carreiras</i> .
Joseph Luiz	título 60r; 61r	Não encontramos na documentação do senado da Câmara o nome deste personagem como <i>Almotacel da Limpeza</i> . O cargo existia e os eleitos eram encarregados da limpeza da cidade, com posturas para serem executadas pelos habitantes.
Jozeph	35v	Seria um dos frades ou frequentadores do Convento de Odivelas?
Judas Iscariote	33r; 33v	Um dos doze apóstolos, aquele que entregou Jesus em troca de dinheiro.
Mandû	59r	Apodo para Manoel ou do tupi <i>peixe ambulante</i> , ou tolo; refere-se a Manoel Rodrigues da Sylva.
Mafoima	17v	Maomé; profeta do Islã, reformador religioso (570-632).

Manuel Rodrigues	título 3v	Vigário da Madre de Deus, ilha da Bahia de Todos os Santos, ou Convento existente em Lisboa.
Manuel Rodrigues da Silva	título 58v	Tesoureiro da Câmara da Bahia, Salvador, que assina <i>Termo de Vereação</i> sobre cobrança e dívidas, em 1688, <i>Termo de Conchavo</i> com as vilas de Camamu, Cairu e Boipeba na Bahia em 1690, <i>Termo de Resolução</i> em 1694 sobre o azeite, na condição de vendeiro. No documento de 1688, o Rodrigues está indicado, na transcrição, como ilegível, nos demais aparece só o apelido de Silva.
Marte	52r	Figura mitológica romana. Deus da guerra e dos agricultores.
Mathias	52r	Seria o Capitão Rapadura do título 48v?
Mendes	27v	Vide <i>Fernandes</i> .
Mercurio	52r	Mercurio. Mensageiro dos deuses, deus grego do comércio, dos ladrões e da eloquência.
Miguel Novelos, Frei	título 1r	Carmelita (vide Gregório, Doutor)
Miguel Teixeira	64v	Seria um dos amigos de GM, nas suas andanças no Recôncavo da Bahia, habitante da Vila de São Francisco (Vide Índice Toponímico).
Miranda	Padre 11v; 13v	Um dos muitos clérigos, frades ou seculares satirizados por GM.

Monteiro	Manoel Monteiro 40r; 52r	Com o apelido de Alves, vemos um Manoel Monteiro assinando, em 1672, um <i>Termo de Posse e Juramento</i> de um Síndico do Senado da Câmara da Bahia, Salvador. Em 1685, Manoel Monteiro, sem o apelido Alves, assina <i>Termo de Resolução</i> da mesma Câmara, sobre a nau <i>Santa Marta</i> que aportou na Bahia, com negros de Angola atacados de bexiga. E, 1690 Manoel Monteiro assina um <i>Termo de Juramento e Posse</i> da Câmara por ter sido eleito para o mister de Caldereiro. Provavelmente um fiscal das caldeiras de engenhos.
Neptuno	46v	Figura mitológica romana. Deus do mar, filho de Saturno, irmão de Jupiter e de Plutão. Na mitologia grega é identificado com <i>Posseidon</i> .
Nize	6r-7v	Designação para esconder nome de mulher, em certos casos musa dos poetas em vários tempos.
Nora	44r	Nome de mulher. Seria uma freira?
Ortiz, dom	28r	Não foi possível identificar este personagem.
Pegaso	3r; 50v	Figura da mitologia grega. Cavallo alado, nascido do sangue de Medusa. Símbolo da inspiração poética.
Peralvilho	32r; 33r	É apodo que significa peralta, janota, casquilho.
Pereira	56v	Collega de GM no Cabido da Sé Arquiepisopal?
Pissarro	Ignacio Pissarro título 8r; 64r;	Provavelmente amigo de GM e habitante da Vila de S.Francisco do Conde, onde o avô do poeta foi arrendatário do Engenho de Serecipe do Conde (vide Índice Toponímico).

Polifemo	12r	Figura mitológica grega, ciclope filho de Poseidon. Com um só olho no meio da testa, teve-o vazado por Ulisses.
Quixote	33r	Personagem do célebre livro de Miguel Cervantes, <i>Dom Quixote de La Mancha</i> .
Rabello	64r	Amigo de GM?
Sam Benedito	38r	São Benedito, cognominado o Preto; franciscano. Filho de africanos, nascido em Palermo. Confessor famoso por seus milagres e virtudes. Nesta sátira GM revela seu preconceito racial.
Sam Christóvão	Título 4v; 5v	São Cristóvão (III século), padroeiro dos peregrinos.
Sam Francisco	63v	São Francisco de Assis (1182-1226), fundador da Ordem dos Franciscanos.
Sam Paulo	22v	O Apóstolo dos Gentios. Discípulo dos apóstolos de Cristo. Escreveu quatorze Epístolas. Foi decapitado no reinado de Nero. Acreditado que neste verso GM se refere a São Paulo, antiga capitania de São Vicente.
Santo Antonio	38r	Santo de Pádua ou Antônio de Lisboa (1195-1231), frade menor, franciscano. Um dos santos mais populares em Portugal e no Brasil. Pregou na África, sendo reconhecido milagreiro.

Saulo	22v	O nome judaico para Paulo, no caso São Paulo, apóstolo dos gentios, aqueles que não viviam na cidade de Deus.
Simam	57v	Neste poema, nome para um negro. Nome para São Simão, o <i>Cananeu</i> , um dos doze apóstolos de Cristo, ou Simão, o <i>Mago</i> , que pretendeu comprar de São Pedro o poder de fazer milagres, daí o nome de <i>simonia</i> para o tráfico de coisas sagradas.
Thalia	3r; 52v	Talia. Figura da mitologia grega, musa da comédia e do idílio.
Thomaz, frei	43	“religioso Franciscano”
Thomaz Pinto Brandam	título 38v; 41v; 45v	Brandão; amigo de GM, que vem com ele para o Brasil em 1682. TPB, poeta português (1664-1743), autor do livro <i>Pinto Renascido</i> .
Thomé	42v;	Um mulato, como no título do poema. GM satiriza, com virulência, os negros e mulatos.
Vicencia	tit 41v; 42r;	Uma das mulatas, musas satirizadas por GM, como em “Lavai, lavai Vicencia estes sovacos”.

Para a feitura deste índice foram utilizadas as seguintes obras:

1. Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1968, II vol, 725 p.
2. Documentos Históricos do Arquivo Municipal. *Atas da Câmara*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, V vol (1669-1684) 1950, 442 p, e VI vol (1684-1700), s.d.p., 433 p.
3. *Koogan Larousse*. Direção de Antonio Houaiss. Rio: Larousse do Brasil, 1982, 1644 p.
4. Aurélio. Rio: Nova Fronteira, 1999.
5. *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador*. Bahia: Tipografia Beneditina, 1945, 513 p.
6. Pereira, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Rio: ABL, 1930, II vol, 284 p.
7. Ruy, Affonso. *História da Câmara Municipal da Cidade do Salvador*. Salvador: Câmara Municipal, 1996, 382 p.

IX
ÍNDICE TOPONÍMICO

Aganipe	3r	Fonte consagrada às Musas, no monte Helicon, na Grécia.
Angola	Título 38v; 46v; 50r;	Capitania de Angola em 1574, que ficou subordinada ao Governo Geral da Bahia nos séculos XVII e XVIII. Sua denominação deriva do Rei <i>Ngola</i> , irmão da célebre Rainha Jinga. Até 1975 foi colônia de Portugal, libertando-se por um processo de luta revolucionária.
Bahia	título 15v; 16v; 17r; 18v; 22v; 32v; 51v; 56v; título 59r; título 61v; 62r; 62v;	Pode-se referir tanto à cidade de Salvador como à antiga capitania da Bahia.
Brasil/ Brazil	28v; 55v; título 62v	Colônia portuguesa desde 1500. Sua primeira capitania foi a Bahia, cidade do Salvador, fundada em 1549. Em 1822 o Brasil ficou independente.
Cairu	59r	Ou Cayrú – antiquíssima vila, situada na ilha homônima, uma das que pertencem ao arquipélago do Morro de São Paulo, na Bahia. A freguesia diz-se ter sido fundada em 1606 e a vila em 1610. O <i>Convento de São Francisco</i> que ainda hoje existe foi construído em 1650. Antes da sua ocupação pelo colonizador, Cairu foi habitada pelos tupiniquins, dali então banidos.

Cajahiba	título 32v	Ou Cajaiiba – ilha que fica na embocadura do Rio Seregipe (ou Sergipe) em são Francisco do Conde, na Bahia. GM fala nos <i>Senhores Cajaiibas</i> , ilha que pertenceu ao Conde de Linhares, genro de Mem de Sá, de quem herdou o afamado engenho de Seregipe do Conde, no Recôncavo baiano. Segundo Pirajá da Silva, “ <i>ciri-gipe</i> é rio dos siris. Sergi é hoje o nome do rio”. <i>Acayá-iba</i> , árvore da cajá, a cajazeira (<i>spondias brasiliensis</i>). Pirajá da Silva abona <i>acará-iba</i> .
Carmo	título 1r	Convento e igreja de Nossa Senhora, da Ordem dos Carmelitas, onde GM esteve homiziado. No século XVIII estava no seu esplendor com uma belíssima sacrestia. O Carmo, no tempo de GM, ficava já extra-muros da cidade do Salvador, além das portas de Santa Catarina. Eusébio de Mattos, irmão do poeta, foi carmelita e grande orador sacro.
Coimbra	título 38v	Cidade de Portugal, à margem do rio Mondego, no Douro, onde foi fundada a Universidade (1308) por D.Dinis, na qual GM estudou Direito Canônico.

Congo	48r	<p>Província de Angola. Em 1482 Diogo Cão, navegador português, coloca um Padrão na embocadura do Rio Congo. No ano de 1569 os portugueses assumem a região dos reinos de Congo, Matamba e Angola (<i>Ngola</i>, palavra para significar rei, um chefe, que o foi com esse nome). A rainha <i>Nzinga</i> (Jinga), em 1630 inicia a sua revolta contra os portugueses.</p>
Espirito Santo	15v	<p>Antiga capitania, criada em 1534. Em 1674 Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho (vide <i>índice Onomástico</i>) vendeu a capitania a Francisco Gil de Araújo. A partir do século XVIII os seus governadores eram subalternos do Governo da Bahia. Com a vinda da família real, em 1808, para o Brasil, fica independente da Bahia.</p>
Europa	55v	<p>Um dos cinco continentes, limitado a N pelo Ártico, a O pelo Atlântico, a S pelo Mediterrâneo, pelas montanhas do Cáucaso, e a E pelo mar Cáspio e montes Urais.</p>
Galilea	64v	<p>Local das prédicas de Jesus. Região da Palestina, próxima ao lago de Genesaré.</p>

Guiné	48r	Denominação dada à porto da África entre o Senegal e o Congo, e banhada pelo golfo de Guiné no Atlântico.
Jerusalem	63v	Antiga capital da Judéia, depois da Palestina. É a cidade do muro das lamentações e do Santo Sepulcro onde foi enterrado Jesus.
Jordam	36r	Rio da Palestina, que nasce no Líbano e deságua no Mar Morto. Neste rio Jesus foi batizado por São João Batista.
Lisboa	16v; título 34v	Metrópole, corte, cidade e capital de Portugal. Foi município romano, depois dominada pelos visigodos e árabes, e reconquistada em 1147 por D.Afonso Henriques. Diz a lenda que Lisboa foi fundada por Ulisses, daí também ser conhecida como Uliissipone.
Madeira, ilha de	15v	Ilha do arquipélago homônimo, no Atlântico, a O do Marrocos. Hoje região autônoma de Portugal.
Madre de Deos	título 3v	Madre de Deus, ilha da Bahia de Todos os Santos, ou Convento existente em Lisboa.
Maldivas	20v	Ilha do Oceano Índico?

Marapé	título 27v; 28r	<p><i>Mbará-apé</i>, o caminho do mar ou que leva ao mar, feito de areia sólida e pura do comprimento de meia légua mar adentro. Segundo Gabriel Soares de Souza, Marapé pode ser conhecida como “uma enseada ... a qual vai correndo à boca do rio Serecipe (Vide neste Índice <i>Cajahiba</i>), e terá a grandeza de duas léguas”. Pirajá da Silva nos informa que Marapé está situado nas vizinhanças ou antes nas praias da cidade de S.Francisco (do Conde) sita no Recôncavo da Bahia. A lenda diz que o caminho de Marapé (de areia sólida) foi feito por S.Tomé, quando fugia da fúria dos índios. <i>Marapé</i> vale o mesmo na língua dos brazis que caminho do homem branco (Pirajá da Silva, referindo-se ao Padre Simão de Vasconcelos. Notícias das Cousas do Brasil, liv.II, no. 28).</p>
Noroega	25v	Território vassallo da Dinamarca. Nos séculos XVII e XVIII os intellectuais portugueses muito incentivaram a separação. Hoje sua capital é Oslo.
Odivellas	título 34v	Convento de freiras perto de Lisboa, com muita fama por seus amores freráticos.

Pactolo	3r	Pequeno rio da Lídia, afluente do Hermo. Em suas águas encontravam-se palhetas de ouro, que deram origem à fortuna de Creso. Midas, segundo a lenda, banhava-se neste rio.
Palma, sítio da	título 31r	Localidade de Salvador, com toponímia ainda existente. Theodoro Sampaio fala em “Campo da Palma e do Bairro do Desterro, desta cidade, no ano de 1567, segundo a tradição”.
Parnaso		Monte da Grécia, ao nordeste de Delfos. É consagrado a <i>Apolo</i> e às <i>musas</i> .
Passè	63r	<i>Apassé</i> ou <i>Iapassé</i> , como se vê nos velhos documentos do século XVI. <i>Ya-passé</i> ou a-passé, significa coisa destacada ou separada, de alusão a pequenino ilhéu de forma piramidal, destacado de terra firme. É um ilhéu chamado <i>Pacé</i> , defronte da Ilha de Maré, segundo Gabriel Soares de Souza. Pirajá da Silva acrescenta: <i>Topete</i> é como se chama este penedo. <i>Ilha do Topete</i> . Era a freguesia de N.S. do Socorro do Recôncavo. A costa do continente (fica em frente ou por traz do ilhéu), que tem o nome de Passé, freguesia com povoamento por engenhos, no século XVII.

Portugal	28v	A sua denominação provém de uma unidade administrativa do reino de Leão, <i>Condado Portucalense</i> , que tomou o nome de povoação romana já existente – <i>Portucale</i> . Reino fundado em 1147 por D.Afonso Henriques, depois de lutas contra os mouros e sua mãe D.Teresa. Em 1636, quando nasceu GM, Portugal estava anexado ao reino de Castela. No ano de 1640, deu-se a <i>restauração</i> , com a subida ao trono de D. João IV.
Rio de Janeiro	46v	Capitania em 1567, desmembrada da Capitania de S.Vicente. Em 1568. Salvador Correia de Sá e Benevides foi nomeado capitão-general das capitanias do Sul do Brasil. Em 1763 passa a ser a capital da colônia, com a transferência do vice-reinado de Salvador para o Rio.
Roma	9r	Significando o <i>Vaticano</i> , o papado, a Igreja, e não a cidade italiana ou o antigo Império Romano.
Sam Francisco, sítio de	8r; 63v	Uma das vilas mais antigas, foi criada por alvará de 27.11.1697. O convento de S.Francisco (fundado em 1618), cuja primeira casa foi assentada em Marapé (vide). D. João de Alencastro (vide Índice onomástico) foi quem escolheu o local para esta Vila, na qual existiu o Engenho de Sereipe do Conde.

S. Francisco	título 29	Convento e Igreja da cidade do Salvador. A conhecida igreja barroca de maior opulência dourada no Brasil, com pedra fundamental lançada em 1708, e construída durante décadas. GM certamente refere-se às construções primitivas dos seraficos em Salvador.
Sam Paulo	22v	Antiga capitania de São Vicente. Em 1683 se fez auto de posse do predicamento a São Paulo de Piratininga, fundada pelos Jesuítas em 1554. Em 1709, D.João V criou a capitania de São Paulo e Minas, que, assim, deixava de estar sujeita ao governo do Rio de Janeiro. Em 1711 São Paulo, de vila que era, passa a ser cidade.
Tabor	64v	Montanha de Israel a SE de Nazaré, onde ocorreu a transfiguração de Jesus Cristo.
Vianna	4v; 5v	Vianna do Castelo, cidade de Portugal, ao norte, no Minho (província) que se separa da Galiza, na Espanha, pelo rio Minho.
Vitória	15v	Vila da Capitania do Espírito Santo (vide)

Para a feitura deste Índice foram utilizadas as seguintes obras:

1. Barros, Francisco Borges de. *Diccionario Geographico e Histórico da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. 394 págs.

2. *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Org. Maria Beatriz Nizza da Silva. Lisboa: Editorial Verbo, 1994. 839 págs.

3. *Koogan Larousse*. Direção de Antonio Houaiss. Rio: Larousse do Brasil, 1982. 1644 págs.

4. Sampaio, Theodoro. *O Tupi na Geografia nacional*. 3ª ed. Bahia: 1928. 304 p.

5. Sampaio, Theodoro. *História da Fundação da Cidade do Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949. 295 p.

6. Souza, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. 2 vols. São Paulo: Martins Editora, s.d.p., com introdução, comentários e notas de Pirajá da Silva.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES

1. BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro, ou collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas* 2 vols. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional 1829-1831 II, p.53-61
2. GUIMARÃES, Pedro Pereira da Silva. *Vademeco dos poetas ou collecção de sonetos joco-serios exquisitos, curiosos, e burlescos, extrahidos de varios autores*. Pernambuco da Typografia de Manuel Marques & Companhia, 1835. p.81.
3. SILVA, João Manoel Pereira da. *Parnaso Brasileiro* ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros, desde o descobrimento do Brasil; precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira 2 vols. Rio de Janeiro: Lammaert, 1843-1848. I, p.27 e 47-53
4. SILVA, Joaquim Norberto Sousa. Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII. *Minerva Brasiliense*, I, p.41-45 e 76-82. Rio de Janeiro: 1843.

5. VARNHAGEN, F.A. de. *Florilégio da poesia brasileira* ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853). I, p.69-173 e III, p.310
6. SILVA, João Manoel Pereira do. *Os varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais* 2 vols.Paris: Franck/Guillaumin 1858. I p.33 e 159-183
7. PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. II ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1883 (I ed.1862). p.203-208
8. WOLF, Ferdinand. *Le Brésil littéraire*. Berlin: Asher & Co., 1863. I parte, p.11-19; II parte, 7-15.
9. *Obras Poéticas de Gregório de Matos Guerra*, precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Ed. Alfredo Vale CABRAL. vol.I - *Sátiras*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882
10. MORAIS FILHO, Melo. *Parnaso Brasileiro*. Século XVI-XIX. 2 vols. Rio de Janeiro: Garnier, 1885. I, pp.43-55.
11. *Obras de Gregório de Matos*. Dir. de Afrânio PEIXOTO. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933).
12. *Obras completas*. 2 vols. São Paulo: Ed.Cultura, 1943.
13. *Poesias Satíricas*. Pref. e seleção de Fernando GÓES. São Paulo: Ed. Universitária, 1945.
14. SPINA, Segismundo.*Gregório de Matos*. Introdução, seleção e notas. São Paulo: Assunção, 1946. Reeditado em 1995 pela EDUSP

15. *Obras completas de Gregório de Matos*. Crônica do viver baiano seiscentista. Ed. James AMADO. 7 vols. Salvador: Janaína, 1968.
16. PÓLVORA, Hélio. *Para conhecer melhor Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
17. SALLES, Fritz Teixeira de. *Poesia e protesto em Gregório de Matos*. Estudo crítico e seleção de poemas. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
18. *Poemas escolhidos*. Seleção, introdução e notas de José Miguel WISNIK. São Paulo: Cultrix, 1976.
19. HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. II ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.53-99 e 494-497.
20. *Gregório de Matos*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Antônio DIMAS. São Paulo: Abril, 1981.
21. *Os melhores poemas de Gregório de Matos*. Seleção de Darcy DAMASCENO. São Paulo: Global, 1985.
22. Gregório de Matos. *Sátira*. Org. de Angela Maria DIAS. Rio de Janeiro: Agir 1985 (Nossos clássicos 113).
23. Gregório de Matos, *Escritos*. Seleção e notas de Higino BARROS. Porto Alegre: L&PM Editores 1986.
24. *Se souberas falar também falaras*. Antologia poética. Org., sel., notas por Gilberto Mendonça TELES. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.
25. Gregório de Matos: *Obra Poética*. Ed James AMADO. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990 [reedição do nº 15]
26. *Antologia Poética de Gregório de Matos*. Seleção de Walmir AYALA. Apresentação de Leodegário A. de Azevedo Filho. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

27. *Ausgewählte Gedichte* Ed. e trad. de Methchild BLUMBERG e Birgit RUSSI. Berlin: ELA - Edition Lateinamerika, 1992.
28. *Poemas do Boca do Inferno*. Poesias Fesceninas. Introdução de José Emílio Major Neto. São Paulo: Princípio, 1993.
29. *Poesias* de Gregório de Matos. Edição diplomática organizada por José Pereira da SILVA. Rio de Janeiro: UERJ/DIGRAF, 1997 [é a edição diplomática do códice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 50,66, por sua vez cópia realizada no século XIX de parte de um códice conservado em Évora].
30. *Senhora Dona Babia*. Poesia satírica de Gregório de Matos. Seleção, introdução, estudo crítico e notas de Cleise Furtado MENDES. Salvador: EDUFBA, 1998.

SOBRE O POETA

31. ALVES, Constâncio. Gregório de Matos. In *Obras de Gregório de Matos*. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras 1923-33. IV (Satírica), 1930, p.9-40
32. ANDRADE, Mário de. Literatura nacional (3.XII.1939) *O empa-lhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins, 1955 (II ed.). p.165-168.
33. ARARIPE Júnior, T.A. *Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1910 (II ed.; I ed. 1899).
34. ÁVILA, Affonso. O barroco e uma linha de tradição creativa. e A natureza e o motivo edênico na poesia colonial. *O poeta e a consciência crítica*. São Paulo: Summus Editorial, 1978 (II ed.). p.15-24 e p.25-32.
35. ÁVILA. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (II ed; I 1971). p.93-98.

36. BARQUIN, Maria del Carmen. *Gregório de Matos* La epoca - el hombre - la obra. Ciudad del Mexico: Robredo, 1946.
37. BATES, Margaret J. A Poet of the Seventeenth Century, Brazil - Gregório de Mattos. *The Americas*, Washington, IV/1, July 1947. p.83-99.
38. BIBLIOTECA NACIONAL. *Manuscritos: séc. XII-XVIII*. Pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Rio de Janeiro: Publicações da B.N., 1973. n.111-118.
39. BOSI, Alfredo. O leitor de Gregório de Matos. In ARARIPE JÚNIOR. *Teoria crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/SP, EDUSP 1978. p.275-277.
40. BOSI Do antigo estado à máquina mercante. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.96-118.
41. CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras Poéticas de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882. p.V-LIII.
42. CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p.25-35.
43. CALMON. *Vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília: INL, 1983.
44. CAMPOS, Augusto de. Da América que existe: Gregório de Matos. In *Poesia Antipoesia, Antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. Reimpresso in GM. *Obra Poética*. Ed. J.Amado, 1990. p. 1292-1305.
45. CAMPOS, A. de. Arte final para Gregório. *O anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.85-93. (antes em *Antiantologia da poesia baiana*. Salvador: GFM - Propeg, 1974)
46. CAMPOS, Haroldo de. A poesia barroca e a realidade nacional. *Tendência* n.4, 1962.

47. CAMPOS, H. de. Texto e história (1967). *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.13-22.
48. CAMPOS, H. de. Poética sincrônica. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva 1969. Publicado anteriormente em *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro: 22.10.1967.
49. CAMPOS, H.de. *O seqüestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
50. CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1955 (X ed.; I ed.1919). p.99-120.
51. CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Gregório de Matos - o pai dos trovadores brasileiros*. Salvador: Casa do Trovador, 1976.
52. CHOCIAY, Rogério. *Os metros do Boca*. Teoria do verso em Gregório de Matos. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
53. COUTINHO, Afrânio. *Aspectos da literatura barroca*. Rio de Janeiro, s.e. 1950. p.134-137.
54. COUTINHO. A tradição afortunada. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p.159-189.
55. COUTINHO. *O processo de descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p.19-55.
56. CUNHA, Euclides da. Carta a Araripe Júnior. (Lorena 12.3.1903). *Obra completa*. 2 vols. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. II, p.625-27.
57. CUNHA, Helena Parente. Convivência maneirista e barroca na obra de Gregório de Matos. *Origem da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1979. p.79-108.
58. DIAS, Angela Maria. *O resgate da dissonância*. Sátira e projeto literário brasileiro. Rio de Janeiro: Antares / Inelivro, 1981.

59. DIMAS, Antônio. Gregório de Matos Guerra ao português. In Roberto Schwarz, org. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.13-20.
60. FITZ, Earl E. Gregório de Matos and Juan del Valle Caviedes: two baroque poets in colonial Portuguese and Spanish America. *INTI*, Revista de literatura Hispánica n.5-6, primavera-outono 1977.
61. GOMES, Eugênio. O gênio cômico de Gregório de Matos. e Sobre três sonetos de Gregório de Matos. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: INL, 1958. p.9-17; 18-28.
62. GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o Boca de Brasa*. Um estudo de plágio e criação intertextual. Petrópolis: Vozes, 1985.
63. HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenbo*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
64. HELENA, Lucia. Um antropófago em Salvador. *Uma literatura antropofágica*. Rio de Janeiro: Cátedra/Brasília: INL, 1982. p.20-45
65. HOUAISS, Antônio. A tradição de Gregório de Matos. In *1º Simpósio de língua e literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed.Gernasa, 1967.
66. JULIO, Sílvio. Gregório de Matos e Quevedo. *Penhascos*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1933. p.245-259.
67. JULIO. Os plágios de Gregório de Matos Guerra. *Reações na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H.Antunes 1938. p.102-137.
68. JULIO. *Fundamentos da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1930. p.70-72.
69. LA REGINA, Silvia. A recepção de Gregório de Mattos no século XVIII. *Merope* 8 (V). Pescara, Gennaio 1993. p.45-57.

70. LA REGINA. Gregório de Mattos e la *mouvance*. *Merope* 26 (XI). Pescara, Gennaio 1999. p. 38-47.
71. LA REGINA. Per un'edizione critica di Gregório de Mattos. In *E vós, Tágides minbas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Roma: Baroni, 1999. pp.405-413.
72. LIMA, Manuel de Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984 (1 ed.1896). p.128-138.
73. LUCAS, Fábio. A hipótese Gregório de Matos e o barroco. *Do barroco ao moderno*. São Paulo: Ática, 1989. p.9-27.
74. LUND, Christopher C. Os sonetos filosóficos-morais de Gregório de Matos e Sor. Inês de la Cruz. *Barroco*, 4, Minas Gerais, UFMG 1972 p.77-90.
75. MARQUES, Xavier. Gregório de Matos. In *Obras de Gregório de Matos*. Ed. ABL. vol.III (Graciosa). p.9-27.
76. MARTINS, Heitor. Gregório de Matos: mito e problemas. *Do barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: INL, 1983. p.235-245.
77. MARTINS, Wilson. O caso Gregório de Matos. *História da inteligência brasileira*. 7 vols. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976. I, p.225-233.
78. MEYER, Marlise. Desenganada rosa? *Pirineus, Caiçaras...* São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967. p.67-73.
79. PAES, José Paulo. Um bacharel no Purgatório. *Mistério em casa*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961.
80. PEIXOTO, Afrânio. Éditos e inéditos de Gregório de Matos. In *Obras de Gregório de Matos*. Ed.ABL. Vol.I (*Sacra*), 1929, p.9-21.

81. PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do Peregrino da América*. 2 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939 (VI ed; I ed.1728). II, p.51-65 e 100-120.
82. PERES, Fernando da Rocha. Negros e mulatos em Gregório de Mattos. *Afro-Ásia*, n.os 4-5, CEAO da UFBA, Salvador, 1967, págs. 59-75.
83. PERES. Gregório de Mattos e Guerra em Angola. *Afro-Ásia*, n.os 6-7, CEAO da UFBA, Salvador, 1968, págs.17-40.
84. PERES. Gregório de Mattos e Guerra: seu primeiro casamento. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, n.1, Salvador, 1968, págs. 135-142.
85. PERES. Documentos para uma biografia de Gregório de Mattos Guerra. *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, n.2. Salvador, 1969. p.53-65.
86. PERES. *Os filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1969.
87. PERES. Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*. n.9, MEC. Rio de Janeiro 1971. p.105-114.
88. PERES. O pinto novamente renascido. *Universitas* (8-9), Salvador, UFBA, jan-ago 1971 p.215-249.
89. PERES. *Gregório de Mattos Guerra - uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaima, 1983.
90. PERES. *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1987.
91. PERES. *A família Mattos na Bahia do século XVII*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Ufba, 1988.
92. PIRES, Homero. Gregório de Mattos, poeta religioso. In *Obras de Gregório de Mattos*. Ed.ABL. I (*Sacra*), 1929, p.23-38.

93. PÓLVORA, Hélio. Introdução. *Para conhecer melhor Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974. p.7-57.
94. PORTELLA, Eduardo. Gregório de Matos - a tesoura, o tesouro. *Confluências. Manifestações da consciência comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
95. REEDY, Daniel R. Gregório de Matos, the Quevedo of Brasil. *Comparative Literature Studies*, II, n.3, 1965.
96. RIBEIRO, João. O padre Manoel Bernardes e o poeta Gregório de Matos. e Gregório de Matos e Luís de Gôngora *O fabordão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910. p.55-63; 305-315.
97. RIBEIRO. Acerca de Gregório de Matos. (1925). *Cartas devolvidas*. Rio de Janeiro: São José 1960 (II ed.). p.96-102.
98. RIBEIRO. Gregório de Matos (1930). *Crítica. Clássicos e românticos brasileiros*. Rio de Janeiro: ABL, 1952. p.45-46.
99. ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953 (V ed.; I ed. 1888). II, p.405-425.
100. RÓNAI, Paulo. Um enigma da nossa história literária: Gregório de Matos. *Revista do Livro*, vol.I, n.3-4, 1956. p.55-66.
101. SAFADY, Naief. Gregório de Matos. in AA. VV. *Panorama da literatura brasileira*. 6 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. I, p.17-20.
102. SALLES, Fritz Teixeira de. *Poesia e protesto em Gregório de Matos*. Estudo crítico e seleção de poemas. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
103. SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Modulações poéticas*. Precedidas de um Bosquejo da história da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Typographia Francesa, 1841.

104. SPINA, Segismundo. Gregório de Matos. in *A literatura no Brasil*. dir. de Afrânio Coutinho. 3 vols. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. I, 1, p.363-376.
105. SPINA. A língua literária no período colonial: o padrão português. Gregório de Matos. São Paulo, *Revista do IEB da USP* (22), 1980. p.61-75.
106. SPINA. Monografia do Marinícolos *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, ABL, VI, 17, jun/set 1946. p.89-99.
107. SPINA. Gregório de Matos. *Da Idade Média e outras idades*. São Paulo: 1964. p.165-75
108. SPINA. Introdução. *Gregório de Matos*. São Paulo: Assunção, 1946. p.7-50. A obra, com profundas alterações, foi republicada pela Edusp em 1995, com prefácio de Haroldo de Campos e com o título de *A poesia de Gregório de Matos*.
109. STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *Storia della letteratura brasiliana*. Torino: Einaudi, 1997. p. 53-57.
110. TOPA, Francisco. Das tarefas por cumprir que nos deixou o Boca. Porto, *Terceira Margem*. Revista do Centro de Estudos Brasileiros. N. 2, 1999. p.25-28.
111. VERISSIMO, José. Gregório de Matos. *Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Cia. Tipográfica do Brasil, 1894. p.225-238.
112. VERISSIMO. Gregório de Matos. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 7, 1912.
113. VERISSIMO. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p.87-102.

OUTROS TEXTOS

114. ACIOLI, Vera Lucia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana; UFPE: Editora Universitária, 1994.
115. AVALLE, D'Arco Silvio. *Principi di critica testuale*. Padova: Antenore, 1978.
116. AZEVEDO FILHO, Leodegário. *Lírica de Camões*. I: História, metodologia, corpus. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
117. BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.
118. BRAMBILLA AGENO, Franca. *L'edizione critica dei testi volgari*. Padova: Antenore, 1984.
119. CONTINI, Gianfranco. *Breviario di ecdotica*. Milano/Napoli: Ricciardi, 1986.
120. CUNHA, Celso. *Significância e movência na lírica trovadoresca*. Questões de crítica textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
121. DIAS, José Alves Dias. MARQUES, A. H. de Oliveira. RODRIGUES, Teresa F. *Album de paleografia*. Lisboa: Estampa, 1987.
122. FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1979.
123. FRÄNKEL, Herrman. *Testo critico e critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1969.
124. GREETHAM, D.C. *Textual Scholarship. An Introduction*. New York/London: Garland, 1994.
125. MAAS, Paul. *Critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1980.

126. MENDONÇA, Renato. *O Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
127. MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
128. PETRUCCI, Armando. *La descrizione del manoscritto. Storia, problemi, modelli*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1984.
129. SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.
130. STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *Martin Moya: le poesie*. Ed. critica, introduzione, commento e glossario. Roma: Ateneo, 1968.
131. STUSSI, Alfredo (ed.). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985.

EX-LIBRIS



RUBENS BOREA 1940
ALVES DE MORAES

POEMAS INÉDITOS

A hunc Adulato hunc abe Thomé

Decima

Quosio nome, Thomé,
boni Thomé, Thomé, Thomé,
sais cachano, pado té,
e sais bonde, pado mé:
daqui tomá o Thomé, pado
de nos lantat por Cabanis:
i fco nos nam, digo eu nam,
nono dicit tal me cantando,
porem de nifio me mele,
o mé té. He da Thomé

*Quelle est : que mal me fâ,
 ou que mal en me se bécot,
 pour me amener de bon,
 que tel a mon bon de l'air ?
 Allant, Richard de l'air
 l'air tel m'entraîne me bien,
 pour ser de ser fâ de poir
 par ser l'air pour se bécot,
 me m'entraîne en l'air
 pour, par me en bon m'air.*

*De l'air a pour me, de l'air
 que l'air en ser de l'air
 l'air en de l'air de l'air
 tel est pour me de l'air
 de m'entraîne par ser
 m'air de l'air de l'air
 par ser de l'air de l'air
 m'air de l'air de l'air
 de l'air de l'air de l'air
 de l'air de l'air de l'air.*

11
D
Item me tendas de grande
el hum patrasa porcionada
para o Rio de Janeiro,
para com me com comete a parte
de onde a mara sepe de grande
com de onde de onde sepe de grande
grande de para com comete
me mandando com de onde
para Angola, e de onde para
de me com de grande.

6
D
Desta se de me com grande
que ha de se para me grande
de com Angola grande
de com Angola grande
de onde me grande, e grande
que alguns de onde grande
para de me me grande
de onde com para grande
de onde me grande
e para de grande me

11
Si aditumque non vider
vampas me, deinde me vider,
que curat videri effigiem
a tanta a vestra digna
me videri videri, me vider,
vnde me digne pectus
quante d'adit vider me pectus
tanta me vider vider vider
pugna vider vider vider
quante vider vider vider

8.
Si me pectus d'adit
tanta pugna vider
me vider vider vider
que vider me pectus pectus
a se vider d'adit vider
me vider vider vider
tanta pugna vider vider
que a pugna vider
vider me, que me pectus
que me vider vider vider

P

11

País que malis! que desimagina!
 que mulla a que asfira aspa!
 de huna pual' d'ali de hupia
 por tal me ten huna asfira
 d'ali de huna de tal pua
 huna pua de que a pua h'!
 me asfira a d'ali a d'ali
 pua de huna d'ali d'ali
 pua de huna: Ege huna
 d'ali d'ali: Ege huna:

P

12

País que malis! que desimagina!
 que mulla de huna d'ali
 que a d'ali de huna d'ali
 pua de huna de huna
 huna de huna d'ali
 huna de huna d'ali
 pua de huna d'ali
 huna de huna p p p de huna
 que d'ali a d'ali
 pua, pua, pua, pua!

33
Monsieur mon cousin a des officiers
dans son régiment de cavalerie
qui se font de la réputation
dans le service de sa majesté
par leur diligence
par leur exactitude
après que leurs supérieurs
ont obtenu une licence
de leur part de la cour.

4
L'utile fait en un jour
ce que fait en dix ans
par la suite de sa vie
par son état par son
esprit par son cœur
par son courage par son
par sa force par son
par sa sagesse par son
par sa bonté par son

De la Couronne faite auchoix
 de la digne & distinguée
 Messieurs L'Académie des
 Sciences et des belles-lettres
 pour l'année de l'année 1717
 par le sieur de la Harpe
 de la Couronne de France
 par le sieur de la Harpe
 de la Couronne de France

M. de la Harpe
 de la Couronne de France

De la Couronne de France
 de la Couronne de France
 de la Couronne de France

de la Couronne de France

COLEÇÃO NORDESTINA

1. Joaquim Nabuco: Abolição e a República

Manuel Correia de Andrade

Universidade Federal de Pernambuco - Editora Universitária - UFPE

2. Flor de romances trágicos

Luís da Câmara Cascudo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN

3. A ciência e os sistemas

Pedro Américo

Universidade Federal da Paraíba - Editora Universitária - UFPB

4. História da minha infância

Gilberto Amado

Universidade Federal de Sergipe - Editora UFS

5. Cancioneiro Geral

Martins Napoleão

Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

6. Cartas literárias

Adolfo Caminha

Universidade Federal do Ceará - Eduções UFC

7. Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK(1956-1961)

Maria do Socorro Silva Carvalho

Universidade Federal da Bahia - EDUFBA

8. Canais e lagoas

Octávio Brandão

Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

9. Cordéis

Patativa do Assaré

Universidade Federal do Ceará - Edições UFC

10. Frei Caneca: Acusação e defesa

Socorro Ferraz (organizadora)

Universidade Federal de Pernambuco - Editora Universitária - UFPE

11. Zé Limeira: O poeta do absurdo

Orlando Tejo

Universidade Federal da Paraíba - Editora Universitária - UFPB

12. Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos

Fernando da Rocha Peres e Sílvia la Regina (organizadores)

Universidade Federal da Bahia - EDUFBA

13. Índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após o descobrimento

Moacyr Soares Pereira

Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

14. Macau

Aurélio Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN

15. Os portugueses no Brasil

Felisbela Freire

Universidade Federal de Sergipe - Editora UFS

16. Cancioneiro Geral - Volume 2

Martins Napoleão

Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

17. O conto em 25 baianos

Cyro de Mattos (organizador)

Universidade Estadual de Santa Cruz - EDITUS

FICHA TÉCNICA

PROJETO GRÁFICO
GERALDO JESUÍNO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
JOSIAS ALMEIDA JUNIOR

CAPA
JOSIAS ALMEIDA JUNIOR

REVISÃO EDITORIAL
FRP/SLR

REVISÃO DE PROVAS

TIPO E CORPO / ENTRELINHA
GARAMOND BOOK CONDENSED 11/AUTO
GARAMOND BOOK CONDENSED 12/AUTO
GARAMOND BOOK CONDENSED 14/AUTO
FORMATO 15 X 22 / PAPEL POLÉN 75GR / IMPRESSÃO OFF-SET

O poeta baiano Gregório de Mattos (1636-1695) nunca publicou em vida e sua obra permaneceu inédita por quase 150 anos após a morte do autor; seus poemas, ou os poemas que lhe eram atribuídos, mais de 700, eram copiados em volumes, ou códices, manuscritos. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos* é a edição semi-diplomática (ou seja, mantendo boa parte das características gráficas e ortográficas do documento) de um destes códices, copiado em 1762 e até agora completamente inédito, do poeta. O códice, denominado RBM, pertence à biblioteca Mindlin, em São Paulo, e contém 40 poemas satíricos de Gregório, alguns dos quais nunca publicados anteriormente. A intenção dos autores é de oferecer, além do documento em si, de grande valor literário para um melhor conhecimento da obra de Gregório, é um exemplo, um modelo possível de edição dos muitos códices manuscritos gregorianos; para que estes estejam disponíveis aos estudiosos do *corpus* do grande barroco e para que se torne menos árdua a tarefa de realizar a edição crítica da obra gregoriana.

ISBN 85-232-0204-8

